

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,**  
**CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**DISSERTAÇÃO**

**CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS: REFLEXÕES E PROPOSTA**  
**DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 13.006/14 NA REDE MUNICIPAL DO**  
**RIO DE JANEIRO**

**VIVIANE ALVES DE ANDRADE**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO\INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS: REFLEXÕES E PROPOSTA DE  
IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 13.006/14 NA REDE MUNICIPAL DO RIO DE  
JANEIRO**

**VIVIANE ALVES DE ANDRADE**

Sob a Orientação do Professor

**Aristóteles de Paula Berino**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Nova Iguaçu, RJ  
Junho de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A553c ANDRADE, VIVIANE ALVES DE, 1985-  
CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS: REFLEXÕES E PROPOSTA  
DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 13.006/14 NA REDE MUNICIPAL  
DO RIO DE JANEIRO / VIVIANE ALVES DE ANDRADE. - 2018.  
132 f.

Orientador: ARISTOTELES DE PAULA BERINO.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares  
- PPGeduc, 2018.

1. CINEMA BRASILEIRO, EDUCAÇÃO, JUVENTUDES. I. DE  
PAULA BERINO, ARISTOTELES, 1965-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos  
Contemporâneos e Demandas Populares - PPGeduc III.  
Titulo.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) Finance Code 001".



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e  
Demandas Populares (PPGEduc)

**VIVIANE ALVES DE ANDRADE**

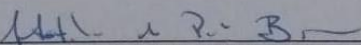
**“CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS: REFLEXÕES E PROPOSTA DE  
IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 13.0006/14 NA REDE MUNICIPAL DO RIO DE  
JANEIRO”**

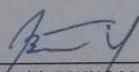
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre em Educação.

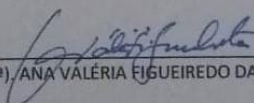
Linha de Pesquisa: Contextos Contemporâneos e Práticas Educativas

Dissertação aprovada em 20/06/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof(ª). Dr(ª). ARISTÓTELES DE PAULA BERINO – UFRRJ – Orientador(a)

  
Prof(ª), Dr(ª). BRUNO MATOS VIEIRA – UFRRJ

  
Prof(ª). Dr(ª). ANA VALÉRIA FIGUEIREDO DA COSTA – UERJ

Seropédica (RJ)  
Junho/2018

*Ao meu pai,  
Augusto Oliveira de Andrade.*

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não seria possível sem as colaborações de tantas pessoas que me ajudaram neste percurso. Por isso, deixo meus sinceros agradecimentos...

Ao meu orientador Aristóteles de Paula Berino, por todo apoio, confiança, dedicação e, principalmente, por acreditar em meu trabalho.

Aos professores Bruno Matos Vieira e Ana Valéria de Figueiredo da Costa, pelas observações críticas que contribuíram para o enriquecimento da minha pesquisa.

À equipe gestora e aos alunos da Escola Municipal Adalgisa Nery, de fundamental importância para o bom desenvolvimento do meu tema.

À professora Érica Mouzinho que, além de uma amiga maravilhosa, é uma profissional dedicada e justa. Por ter gentilmente cedido os tempos destinados à sua disciplina para que este trabalho fosse colocado em prática.

Às gestoras da Creche Municipal Cantinho da Tia Dolores, Darlene Moreno e Viviane Mendonça, pessoas sempre dispostas a ajudar, amparando a todas as funcionárias, criando um ambiente de união e participação.

Ao meu esposo, Romero Jasku Bastos, pela compreensão e apoio dado neste período em que, muitas vezes, a atenção é toda voltada para a pesquisa.

À minha mãe e minha irmã, que são fundamentais em minha vida, estão ao meu lado em cada momento, me sustentando em todas as decisões.

Aos amigos que sempre participam de forma direta ou indireta, me alegrando em momentos de tensão e acreditando em minha capacidade.

À Luana Ribeiro, uma profissional que admiro e que tantas vezes disponibilizou seu tempo para me apoiar no trabalho.

Aos amigos da turma do curso de mestrado, pessoas maravilhosas que tive a oportunidade de conhecer, solícitos e que contribuíram imensamente para o meu crescimento pessoal.

Acima de tudo, agradeço a Deus pela oportunidade de vivenciar esse momento único e imensamente satisfatório.

## RESUMO

ANDRADE, Viviane Alves de. 2018. **Cinema Brasileiro nas Escolas: reflexões e proposta de implementação da lei 13.006/14 na Rede Municipal do Rio de Janeiro**. 132 p. Dissertação (mestrado em educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc, Instituto Multidisciplinar/Instituto de Educação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Rio de Janeiro-RJ, 2018.

O presente trabalho discute a aplicabilidade da Lei 13.006/14 que garante a exibição de, no mínimo, duas horas de filmes brasileiros na Educação Básica, com a proposta de interagir com alunos, professores e equipe pedagógica da unidade escolar, incentivando tal prática e ampliando o debate sobre as distintas possibilidades de uso do cinema nacional na educação, com a intenção de proporcionar sua valorização e acesso, buscando uma conexão entre o filme assistido e a realidade local. Este trabalho foi desenvolvido com turmas das séries finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal Adalgisa Nery (pertencente à 10ª CRE da Rede Municipal do Rio de Janeiro), numa tentativa de fortalecer e proporcionar vivências e espaços de diálogos tendo o cinema nacional como tema central.

**Palavras-chave:** Cinema Nacional, Educação, Juventudes

## **Abstract**

ANDRADE, Viviane Alves de. 2018. **Cinema Brasileiro nas Escolas: reflexões e proposta de implementação da lei 13.006/14 na Rede Municipal do Rio de Janeiro.** 132 p. Dissertação (mestrado em educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc, Instituto Multidisciplinar/Instituto de Educação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Rio de Janeiro-RJ, 2018.

This paper discusses the applicability of Law 13,006 / 14, which guarantees the exhibition of at least two hours of Brazilian films in Basic Education, with the proposal of interacting with students, teachers and pedagogical team of the school unit, encouraging such practice and expanding the debate about the different possibilities of the use of national cinema in education, with the intention of providing its valuation and access, seeking a connection between the watched film and the local reality. This work is developed with groups of the second segment at the Adalgisa Nery Municipal School (belonging to the 10th CRE of the Rio de Janeiro Municipal Network), in an attempt to strengthen and provide experiences and spaces of dialogues with national cinema as the central theme.

**Keywords:** National Cinema, Education, Youth



## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> Grupo 1	31
<b>Imagem 2:</b> Grupo 2	33
<b>Imagem 3:</b> Grupo 3	34
<b>Imagem 4:</b> Grupo 4	35
<b>Imagem 5:</b> Grupos-Foco	36
<b>Imagem 6:</b> Fluxograma	37
<b>Imagem 7:</b> Classificação Indicativa	39
<b>Imagem 8:</b> Habitantes por sala de cinema	42
<b>Imagem 9:</b> Cinesolar	43
<b>Imagem 10:</b> Cinesolar II	44
<b>Imagem 11:</b> Cinesolar III	44
<b>Imagem 12:</b> Salas de cinema no Brasil	46
<b>Imagem 13:</b> Densidade de salas de cinema por Estado	46
<b>Imagem 14:</b> Distribuidoras Brasileiras	47
<b>Imagem 15 :</b> Educopédia	56
<b>Imagem 16:</b> Educopédia 6º Ano	57
<b>Imagem 17:</b> Educopédia 7º Ano	57
<b>Imagem 18:</b> Educopédia 8º Ano	58
<b>Imagem 19:</b> Educopédia 9º Ano	58
<b>Imagem 20:</b> Cineclube nas Escolas	60
<b>Imagem 21:</b> Organização das Unidades	69
<b>Imagem 22:</b> Matriz Curricular	70
<b>Imagem 23:</b> Filme- O Paizão	74
<b>Imagem 24:</b> Filme- <i>Supersize me</i>	74

<b>Imagem 25:</b> Filme- Um Homem de Família	75
<b>Imagem 26:</b> Filme- Invictus	75
<b>Imagem 27:</b> Filme- Shrek 2	76
<b>Imagem 28:</b> Filme- Depois de Horas	76
<b>Imagem 29:</b> Filme- Zico	77
<b>Imagem 30:</b> Filme- Tratamento de Choque	77
<b>Imagem 31:</b> Filme- Malcolm X	78
<b>Imagem 32:</b> Filme- Uma Segunda Chance	78
<b>Imagem 33:</b> Filme- Homem-Aranha	79
<b>Imagem 34:</b> Escola Municipal Adalgisa Nery	81
<b>Imagem 35:</b> Construção do novo prédio da E.M. Adalgisa Nery	82
<b>Imagem 36:</b> E.M. Adalgisa Nery – Pátio Interno	83
<b>Imagem 37:</b> E.M. Adalgisa Nery – Pátio externo coberto	84
<b>Imagem 38:</b> E.M. Adalgisa Nery – Quadra Esportiva	84
<b>Imagem 39:</b> Filme – Sonhos	87
<b>Imagem 40:</b> Filme – Disque-Quilombola	88
<b>Imagem 41:</b> Filme – Minas do Futebol	89
<b>Imagem 42:</b> Filme – Corpo Delito	90
<b>Imagem 43:</b> VideoCamp	92
<b>Imagem 44:</b> VideoCamp – Guia Prático	95
<b>Imagem 45:</b> VideoCamp – <i>Movies That Move</i>	96
<b>Imagem 46:</b> Taturana Mobilização Social	96
<b>Imagem 47:</b> TaturanaMobi – Área de Atuação	97
<b>Imagem 48:</b> Carol Misorelli	98
<b>Imagem 49:</b> Livia Almendary	88
<b>Imagem 50:</b> Cinema Bangu Shopping	100

<b>Imagem 51:</b> Cinema Park Shopping	101
<b>Imagem 52:</b> Cinema West Shopping	101
<b>Imagem 53:</b> Cinema West Shopping	102
<b>Imagem 54:</b> Cinema Shopping Barra	102
<b>Imagem 55:</b> Cartaz de Divulgação do Filme Sonhos	105
<b>Imagem 56:</b> Exibição do filme Sonhos	107
<b>Imagem 57:</b> Exibição do filme Sonhos (2)	108
<b>Imagem 58:</b> Cartaz de Divulgação do Filme Disque-Quilombola	111
<b>Imagem 59:</b> Exibição do Filme Disque-Quilombola	115
<b>Imagem 60:</b> Exibição do Filme Disque-Quilombola (2)	115
<b>Imagem 61:</b> Cartaz de divulgação do Filme Minas do Futebol	118
<b>Imagem 62:</b> Minas do Futebol (1)	119
<b>Imagem 63:</b> Minas do Futebol (2)	119
<b>Imagem 64:</b> Minas do Futebol (3)	120
<b>Imagem 65:</b> Cartaz de divulgação do Filme Corpo Delito	121
<b>Imagem 66:</b> Cartaz do Filme Comer o Quê?	121
<b>Imagem 67:</b> Cartaz do Filme Corpo Delito	122
<b>Imagem 68:</b> Exibição do Filme Corpo Delito	124
<b>Imagem 69:</b> Exibição do Filme Corpo Delito(2)	124
<b>Imagem 70:</b> Auditório	125
<b>Imagem 71:</b> Olhares	127

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Filmes nacionais com maior público	27
<b>Tabela 2:</b> Lançamentos Nacionais, Salas e Público	28/29
<b>Tabela 3:</b> Cidades do Grupo 1	31/32
<b>Tabela 4:</b> Cidades do Grupo 2	33
<b>Tabela 5:</b> Cidades do Grupo 3	34
<b>Tabela 6:</b> Cidades do Grupo 4	35
<b>Tabela 7:</b> Formação em linguagem audiovisual	47
<b>Tabela 8:</b> Quantidade de produções audiovisuais para destinação pedagógica ou educacional	48
<b>Tabela 9:</b> Videoteca na rede pública de ensino	48
<b>Tabela 10:</b> Compras públicas de obras audiovisuais	49
<b>Tabela 11:</b> PDM – levantamento de 2015	50/51
<b>Tabela 12:</b> Coleção Curta na Escola	61
<b>Tabela 13:</b> Coleção Curtas Infantis	61/62
<b>Tabela 14:</b> Coleção Curtas Animação	62
<b>Tabela 15:</b> Coleção Curta Documentário	63
<b>Tabela 16:</b> Coletânea Ficção	63
<b>Tabela 17:</b> Sessão Curta o Curta	64
<b>Tabela 18:</b> Coleção Curtas da Casa	64/65
<b>Tabela 19:</b> Curtas	65
<b>Tabela 20:</b> Outras Obras Audiovisuais	65
<b>Tabela 21:</b> Acervo de Livros	65-68

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I - IMPLICAÇÕES DA LEI 13.006\14 E A EXPANSÃO DO CINEMA BRASILEIRO</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO II - CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS</b>	<b>53</b>
2.1- O que tem na Rede? Uma busca pelo cinema brasileiro na educação municipal do Rio de Janeiro	55
2.2-Educopédia	56
2.3-Cineclube nas escolas	60
2.4-Caderno da disciplina Projeto de Vida	69
2.5-Characterização da escola	81
<b>CAPÍTULO III- A PEDAGOGIA DA IMAGEM NO CINEMA BRASILEIRO EM SALA DE AULA</b>	<b>85</b>
3.1 – Onde encontrar os filmes	91
3.1.1 – VideoCamp	92
3.1.2 –TaturanaMobi	96
3.2- Primeiras conversas: caracterização da turma	99
3.3- Aula 1: Sonhos	105
3.4- Aula 2: Disque-Quilombola	111
3.5- Aula 3: Minas do Futebol	116
3.6 – Aula 4: Corpo Delito	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>126</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>128</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a aplicabilidade da Lei 13.006/14 que garante a exibição de duas horas de filmes brasileiros na Educação Básica, com a proposta de interagir com alunos, professores e equipe pedagógica da unidade escolar, incentivando tal prática e ampliando o debate sobre as distintas possibilidades de uso do cinema nacional na educação, com a intenção de proporcionar sua valorização e acesso em escolas pertencentes à 10ª CRE da Rede Municipal pública do Rio de Janeiro, fortalecendo vivências e espaços de diálogos.

Durante algum tempo nutri uma vontade de trabalhar com imagens e mídias digitais. Na graduação, desenvolvi a escrita da minha monografia sobre a leitura de imagens na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que me trouxe grande satisfação pessoal com os resultados, porém não findou meu desejo de aprofundamento sobre o tema. Como professora atuante da Educação Básica há doze anos, percebi que a nova realidade dos jovens ainda estava um pouco distante das salas de aula nos locais em que atuava. A imersão à cultura digital dá-se desde muito cedo aos educandos que conhecemos hoje. O acesso à internet por aparelhos eletrônicos cada vez mais portáteis os colocou num movimento de facilidade ao acesso às informações nunca antes atingido na história da humanidade. Afinal, somos a “civilização da imagem”.

Hoje, o indivíduo cresce rodeado de imagens digitais, situações interativas, espaços virtuais simultâneos, esse é um ambiente que lhe proporciona muitas e diferenciadas informações e, por que não nos valeremos dessa realidade presente na vida de nossos educandos, valorizando o que o indivíduo traz de fora da escola e unindo esses saberes aos saberes construídos no ambiente escolar através da utilização do cinema nacional? Façamos então uma junção entre o conhecimento vivido com o audiovisual e a sala de aula, a fim de aproximar o aluno das aulas, tornando-o mais participativo, interessado e valorizado.

Não ter mais a necessidade da presença física para vivenciarmos um acontecimento em determinado tempo e espaço trouxe uma mobilidade absurda e, muitas vezes, até confusa para alguns. Na busca de algo que possa abarcar essa dinamicidade vivida atualmente, escolhi o cinema como mídia a ser utilizada para desenvolver um diálogo com os educandos, tentando criar um ambiente confortável de discussões, interações e observações de suas ideias e atitudes.

Com toda mobilidade que os aparelhos tecnológicos nos trouxeram, é possível levar o filme até a escola (desde que a escola forneça essa aparelhagem). As sensações, mensagens e reflexões causadas pelo audiovisual em nossos corpos e mentes não podem ficar restritas ao espaço físico do cinema, merecem chegar às salas de aula de todo país e fomentar a dinâmica do ver, sentir e ouvir um filme.

Tentar elaborar um projeto que unisse essa realidade vivida pelos jovens e a sala de aula que participam é o que me motiva a colocar em prática essa proposta de trabalhar com a Lei 13.006, que une cinema nacional e educação brasileira.

Conseguir levar o cinema brasileiro para dentro da escola pública é um processo que contribui em muito para a diminuição da exclusão social e para formação mais igualitária dos indivíduos. As classes menos favorecidas no Brasil são também as que menos frequentam este ambiente, sua condição financeira não permite que vivenciem tal prática social. Acredito ser importante ressaltar que esta pesquisa se desenvolve em Santa Cruz (um bairro de baixa renda do Município do Rio de Janeiro), que apesar de muito populoso não possui cinema, sendo necessário dirigir-se a algum outro bairro ou município vizinho.

Por mais que os jovens de hoje tenham acesso ao audiovisual, ainda mantêm-se uma distância entre o cinema e eles. Primeiramente pela distinção existente entre cinema e audiovisual; o cinema é apenas uma vertente do audiovisual, esse engloba muito mais artes como propagandas, *video-clips*, novelas etc. E, ter acesso à determinada mídia como fonte de informação não quer dizer que o aluno se apropriará positivamente do seu conteúdo; é necessário que haja uma mediação entre o que se está acessando e a construção interna do saber, podendo ser o professor um facilitador desse processo. O aluno de hoje domina os meios digitais, porém precisa de espaços para debate, saber selecionar informações, reconhecer o que é verdadeiro diante de tantas possibilidades. Tais habilidades também podem ser aprendidas\desenvolvidas\exploradas através de interações feitas em sala de aula. O ato de assistir a um filme não é garantia suficiente para dar significado aos conteúdos por ele transmitidos e que precisam ser alcançados, mas quando destinamos um momento para reflexão e troca de experiências, estamos promovendo um ambiente mais favorável a esse fim. Este projeto busca fazer do cinema nacional a porta de entrada para uma compreensão mais significativa do que se assiste, despertando uma visão menos ingênua diante desse excesso de audiovisual que nos cerca cotidianamente.

Já em vigor, a Lei 13.006/14 acrescenta ao 8º parágrafo do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394/96, que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais”, sendo de responsabilidade de todas as disciplinas. Porém ainda deparamo-nos com um cenário educacional diferente.

Muitos professores desconhecem tal assunto e as próprias secretarias de educação ainda não divulgaram a implementação desta lei, o que significa um atraso na propagação cinematográfica nacional, privando os alunos ao acesso a vivências, experiências e discussões sobre essa produção.

Partindo dessa observação, como professora atuante da Rede Municipal do Rio de Janeiro, tenho o interesse em ampliar o debate acerca da Lei 13.006 com professores, alunos, equipe pedagógica, adentrando um pouco mais suas ideias e realidade atual sobre o tema, proporcionando também, a exibição de filmes de produções nacionais na escola em que se desenvolve esta pesquisa, Escola Municipal Adalgisa Nery, para assim incentivar e ampliar essa prática tão rica aos processos educacionais.

Há muito tempo o cinema faz parte do cotidiano brasileiro, consolidando-se e crescendo cada vez mais. Porém, quando falamos em cinema nacional ainda encontramos dificuldades na sua expansão, tanto da sua produção quanto do seu público, sendo ainda necessário que se façam leis para seu incentivo.

Ao pensarmos a respeito da aplicabilidade desta Lei, levantamos questões como: o professor está preparado para cumpri-la? A escola possui meios físicos para a exibição dos filmes? Como serão escolhidos esses filmes? Os alunos participarão dessa escolha? A exibição desses filmes fica destinada a uma disciplina específica? A escola possui um acervo de filmes nacionais ou ainda terá que adquiri-los?

Muitas são as questões a se pensar para que esta Lei venha ser efetivamente implementada nas unidades escolares, mas não podemos esquecer os benefícios trazidos por ela. A experiência proporcionada pelo cinema brasileiro nas escolas começa fora dela e estende-se para além de suas paredes, transmite toda uma ligação direta com a sociedade que o produz, não se resume apenas ao seu tema, mas fortalece um vínculo cultural/social muito forte com o seu público de origem.

Comumente, os filmes são utilizados como complementação de algum conteúdo curricular específico, o que fortalece seu uso como um recurso didático de segunda



ordem, ignorando sua relevância para o “patrimônio artístico e cultural da humanidade”(DUARTE, 2002, p.87). Não podemos limitar-nos a uma única forma de utilização de um meio tão rico que o audiovisual nos proporciona.

Se partirmos da ideia que a Arte é um dos veículos que permite diversas leituras do mundo e que o cinema é uma Arte, justamente por se tratar de uma linguagem capaz de comunicar tais leituras; por que ainda encontramos resistência nesse reconhecimento? Sendo, muitas vezes, o cinema tomado apenas como uma forma de entretenimento. Podemos utilizar o cinema em sala de aula para compreendermos melhor a sociedade atual e, a partir dessa experiência, proporcionar vivências nas quais os alunos aprimorem suas muitas formas de leituras. Ao trabalharmos com o cinema nacional, temos a intenção que o aluno faça suas próprias construções do saber, não é apenas transmitir um determinado conteúdo exposto num filme, mas sim produzir conjuntamente, realizando intercâmbios entre aluno-aluno e aluno-professor, permitindo vivências em situações interessantes que sejam capazes de propiciar interações significativas aos educandos, sempre objetivando a construção e aquisição de conhecimento.

Em muitos casos, o estudante da Educação Básica da rede pública, provavelmente só terá acesso a determinados filmes de produções nacionais através da escola. Pensando, é claro, que a escola irá possibilitar essa exibição atrelada a ampliação do repertório cultural e estético dos alunos, promovendo sua participação em uma reflexão sistemática, comentários etc.

Acreditamos que qualquer disciplina pode trabalhar com produções fílmicas sem que estas sejam unicamente ligadas a um determinado conteúdo, por isso, faremos a escolha das exibições de acordo com a proposta curricular da unidade.

Ao trabalharmos o cinema nacional na escola, abordamos a linguagem cinematográfica analisando e discutindo-a “como produto cultural e estético que veicula valores, conceitos, atitudes e representações sobre a sociedade, a ciência, a política e a história”. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 20)

No primeiro capítulo “IMPLICAÇÕES DA LEI 13.006/14 E A EXPANSÃO DO CINEMA BRASILEIRO”, buscamos caracterizar os desafios e benefícios da implementação e execução desta Lei em escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro, relatando parte do trajeto percorrido para que pudéssemos usufruir de tal lei tão enriquecedora às práticas educativas escolares, aponta alguns projetos voltados para a divulgação cinematográfica brasileira e dados atuais do cinema nacional no país. Escrito

sob influências de questões como: Por que necessitamos de uma “Lei do Cinema” ? Para que trabalharmos cinema nacional? Que vínculo conseguimos criar entre cinema nacional e escola?

O segundo capítulo “CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS”, investiga o espaço que cinema nacional ocupa nos principais veículos de comunicação entre a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e os professores e alunos. Apontando sua presença nesta rede de ensino e o papel que tem desempenhado no cotidiano de todos os atores das unidades escolares, através dos canais Educopédia (<http://www.educopedia.com.br/>), Cineclube nas Escolas (<http://cineclubesmerj.blogspot.com/>) e, o Caderno da disciplina Projeto de Vida. Além de trazer uma caracterização da Escola Municipal Adalgisa Nery, foco do desenvolvimento desta pesquisa.

O terceiro capítulo “A PEDAGOGIA DA IMAGEM NO CINEMA BRASILEIRO EM SALA DE AULA”, contribui para a ressignificação das relações entre alunos, professores e cinema nacional, rompendo a noção de se trabalhar filmes apenas um recurso pedagógico auxiliar e assumindo uma função essencial na construção do saber. Discorre sobre a parte mais prática/didática deste projeto, mostrando a caracterização da turma acompanhada, o decorrer das exibições brasileiras em sala de aula e onde encontramos tais produções.

As Considerações Finais trazem um levantamento das vivências que esta pesquisa nos permitiu com embasamento na aplicabilidade da Lei 13.006 e seus diálogos com a escola, apontando para uma possível continuidade do projeto.

Este estudo enquadra-se como uma pesquisa exploratória por apresentar as seguintes características: levantamento bibliográfico, estudo de campo, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Para Gil (1999, p.43), “As pesquisas exploratórias tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Desse modo, podemos ampliar a familiaridade com a situação atual da Lei na Rede Municipal, utilizando métodos mais flexíveis com a intenção de obter informações sobre o assunto pesquisado e não conclusões estatísticas, facilitando pesquisas futuras.

Neste trabalho, exploramos as possibilidades existentes dentro desta metodologia para assim nos aprofundarmos nas discussões acerca do cinema nacional e educação.

O desenvolvimento dessa pesquisa tem como foco a comunidade da Escola Municipal Adalgisa Nery, localizada no bairro São Fernando na Zona Oeste do Rio de Janeiro, pertencente à 10ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). Acompanhando alunos das séries finais do Ensino Fundamental, através de aulas ministradas na disciplina Projeto de Vida, com uma turma mista, composta por alunos do 6º (sexto) ao 9º (nono) ano; por meio de observação direta das suas atividades a fim de captar suas explicações, interpretações e vivências com o cinema brasileiro e a realidade atual da escola. Outros procedimentos também poderão auxiliar a pesquisa, tais como: análise de documentos, anotações, filmagens e fotografias.

Com a intenção de vivenciar uma experiência direta com a situação de estudo, foram trabalhados quatro filmes brasileiros com esse grupo de alunos— escolhidos posteriormente com base nas entrevistas realizadas e realidade local. Dessa maneira, pretendeu-se passar mais tempo com a comunidade estudada, acreditando-se que, para um melhor desenvolvimento do estudo de campo seria necessário uma maior imersão na realidade que se deseja estudar, compreendendo regras, costumes e convenções que a regem.

Assim, almejamos que as exibições de cinema nacional trabalhadas com este grupo, provoquem um verdadeiro amadurecimento estético e cultural nos participantes, através do levantamento de discussões embasadas na ideia de que “o filme é o produto de uma busca, não a transmissão de uma verdade ou mensagem” (FRESQUET, 2013, p.95), criando espaço para uma possível apropriação do cinema nacional.

## **CAPÍTULO I: IMPLICAÇÕES DA LEI 13.006/14 E A EXPANSÃO DO CINEMA BRASILEIRO**

Qual professor, que faz o uso de filmes em suas aulas, nunca se deparou com a pergunta: “Vai ter aula ou é só filme?”. Tal questionamento mostra uma visão deturpada do que venha a ser a utilização do cinema no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Podemos até justificar tal atitude devido à (ainda) vivenciarmos uma educação arraigada no tradicionalismo, baseada em aulas padronizadas por livros e\ou apostilas, com exaustivas “cópias do quadro”, e fazendo-se assim tão distante do dia-a-dia vivenciado pelos educandos.

O educador que faz a opção de trabalhar com o cinema precisa estar seguro de sua prática e ciente de sua “ousadia”, pois enfrentará preconceitos que precisam ser repensados através de uma maneira mais ampla de utilização do cinema na escola, como uma opção mais ajustada de facilitar e proporcionar experiências culturais (entre tantas outras possíveis) e não como apenas um recurso pedagógico secundário e limitado.

É um tanto quanto intrigante pensarmos o cenário educacional brasileiro atual. Temos uma realidade literária pensada para o ambiente educacional que fala muito em interdisciplinaridade, multiculturalismo, mas que enfrenta inúmeras dificuldades para chegar às salas de aula. Na maior parte das escolas, encontramos a prática de uma pedagogia tradicional, tratando do ensino como se pudéssemos fragmentá-lo em partes isoladas, com período de tempo e “momento certo” para falas de cada assunto. A exemplo disso, temos conteúdos prensados em disciplinas também espremidas com dois tempos de aula que duram em média cinquenta minutos cada um que, de acordo com o pensamento da pedagogia tradicional, seria possível abarcar com qualidade assuntos pré-determinados e desconectados entre si, pertencentes a uma base comum, não respeitando as necessidades regionais\locais ou individuais de uma turma, uma escola, um município. E, quando buscamos um modo diferente de criar um vínculo entre diversas áreas do saber, utilizando uma linguagem que seja mais abrangente, o que ocorre com o cinema, acaba sendo uma proposta “tapa-buraco”, utilizada quando não se tem aula de determinada disciplina. Ou mesmo o professor que faz a opção de utilizar o cinema, por muitas vezes, é apontado por demais colegas de trabalho e também por alunos como “aquele que não quer dar aula”. Quanto a esses entraves, que por tantos anos pairou pelas unidades escolares, já podemos sentir uma melhor aceitação advinda

dos jovens que, por viverem numa realidade onde o audiovisual tem destaque diário em suas ações, aceitam com menos barreiras o uso do cinema como uma aula em si.

Mesmo prevalecendo um olhar otimista, sabemos que muitas são as barreiras a serem enfrentadas para garantirmos um espaço capaz de respeitar o cinema na sala de aula, é certo que já começamos a caminhar para sua maior aceitação quando conseguimos ter uma lei que garante sua utilização nas escolas. Lei esta, completamente necessária, já que vivemos num cenário educacional que pouco valoriza a Arte, muitas vezes por não saber como enxergá-la ou, como nos diz Bourdieu (1979, p.36) por não terem “competência para ver”. Para um bom desenvolvimento dessa competência, não basta apenas assistirmos a filmes e mais filmes, senão seria desnecessário trabalhar cinema nas escolas. Ao construirmos a experiência de aprender\ensinar fazendo uso do cinema, almejando aprimorar nossa competência para ver, precisamos considerar fatores que possuem uma influência direta nesta ação. Conhecer e respeitar o ambiente cultural dos envolvidos aliado à sua experiência escolar e o conhecimento entre Arte e mídia já adquiridos, podem ser o ponto de partida indispensável para criar um ambiente propício à construção de saberes veiculados pelo cinema, no qual o educador aguça esse encontro com foco na autonomia, criticidade e emancipação intelectual. Dessa forma, os atores envolvidos contribuem para a construção de uma experiência coletiva e também individual impulsionada pela linguagem cinematográfica.

Contribuir para o fortalecimento de um elo entre cinema e educação consiste em propiciar oportunidades para que a experiência sociocultural do cinema seja transformada em uma aliada à produção do conhecimento escolar, respeitando a linguagem cinematográfica como uma linguagem artística que tem suas características próprias.

Com a Lei 13.006/14 já em vigor, surgiram também diversos questionamentos vinculados a ela, como: “Será que duas horas de exibição de uma produção do cinema nacional seriam suficientes?”, “Os professores estão preparados para a realização das interações necessárias a partir dos filmes?”, “A escola teria meios físicos para realizar essa exibição?”, “Por que as exibições precisam ser do cinema nacional?” entre tantos outros.

Novamente preferimos manter aqui uma visão otimista quanto a “Lei do Cinema”, e comemorarmos o fato do seu acréscimo à LDBEN 9394\96 de proporcionar duas horas de cinema nacional aos estudantes de toda Educação Básica no país. Mesmo

com todas as questões atreladas a esta Lei, que ainda buscamos respostas, até porque se trata de uma lei muito recente, tentaremos desenvolver e aplicá-la da melhor maneira possível, explorando toda diversidade da linguagem cinematográfica. Em um cenário educacional que, na maioria das vezes, privilegia modelos pedagógicos tradicionais, pouco diversificados, faz-se necessário utilizar todas as oportunidades de promover uma transformação protagonizada no educando. Afinal, “Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos” (FREIRE, 1996, p.78).

A “Lei do Cinema” foi aprovada em junho de 2014 e, percorreu um longo caminho para que conseguisse ser incorporada à LDBEN. Em 2008, o Senador Cristovam Buarque apresenta o Projeto de Lei do Senado nº185. Segue a explicação da ementa:

Altera o art. 26 da Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo que o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos, e deverá contemplar o estudo de : I- música; II- artes cênicas; III- artes visuais e audiovisuais, com preferência à exibição e à análise de filmes nacionais, e design; IV- patrimônio artístico , arquitetônico e cultural. Revoga o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que dispõe que a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular nos diversos níveis da educação básica. (<[www.senado.leg.br](http://www.senado.leg.br)>. Acesso em: 01 mar. 2017)

Como vimos, no Projeto de Lei (PL), a exibição de filmes estava vinculada exclusivamente à disciplina de artes e, deveria ser preferencialmente produções nacionais. Para o Senador, a participação na disciplina de artes era de importância fundamental para o desenvolvimento dos estudantes e deveria começar nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Para Cristovam Buarque, a arte é vista como parte fundamental do processo educacional: “A criança que não tem acesso a manifestações artísticas usualmente se transforma em um adulto desinteressado por cultura e que por conta disso perde a chance de ter o deslumbramento com as coisas belas.”. Hoje, a proposta das exibições fílmicas nacionais, não está unicamente atrelada à disciplina de Artes, essa é uma responsabilidade de todas as matérias que compõem a matriz curricular e, também da coordenação pedagógica.

Enquanto projeto de lei, acreditava-se que a escola seria o meio que formaria um grande público para as produções cinematográficas nacionais. Mesmo depois de sancionada, a Lei ainda está atrelada à visão de que esse é o primeiro passo para se formar uma massa de cinéfilos, capaz de criar uma geração com “gosto pelo cinema” e

o caminho mais curto e eficaz para que se atinja esse objetivo é a escola – assim defende o Senador.

Numa entrevista realizada por telefone, em 2010, o Senador Cristóvam Buarque respondeu à Gazeta do Povo:

**Por que a ênfase pela produção nacional?** Se a gente não colocasse a ideia do nacional, não se criaria o gosto pelo que é nacional e os filmes exibidos seriam na sua maior parte de violência e com apelo de mercado. Creio que, se é na instituição brasileira, vamos dar preferência aos filmes brasileiros. (<[www.gazetadopovo.com.br](http://www.gazetadopovo.com.br)>. Acesso em: 01 mar. 2017)

Em outro momento dessa mesma entrevista, o Senador diz que apenas depois de exibirmos todas as produções nacionais, passaremos a exibir produções estrangeiras. Em parte, concordamos com sua fala, pois o Brasil possui muitas produções audiovisuais com bom potencial para exibição em ambiente escolar que são deixados à margem por uma cultura cinematográfica de massa que ganhou força ao longo do século XX, dominando o mundo globalizado, este é o denominado “cinema indústria”. Oferta sempre produções de “fácil” compreensão e roteiros pré-estabelecidos quase sempre com final feliz, os conhecidos “*happy end*”. Sem ter a intenção de desmerecer aos que assistem este formato de filme, não julgamos ser desimportante quaisquer experiências com o cinema. O que também não podemos admitir é que a única finalidade do cinema seja o entretenimento. Esse arrebatamento de multidões criou um “gosto padrão” muito difícil de ser desfeito, perpassando pelos gêneros mais diversos: ação, romance, épicos, infantis etc. Um dos pontos que essas grandes produções cinematográficas carregam de negativo para os filmes que fogem ao padrão do grande público é o fato de ganharem destaque gigantesco, encobrendo produções locais.

Ao proporcionarmos um momento para que os estudantes estejam em contato com filmes brasileiros, estamos também contribuindo para que se reconheçam numa posição de produtores de sua própria cultura. Pois um filme nunca é completo em si mesmo, vive num constante processo de interpretação que será entendido e interiorizado de maneira diferente por cada indivíduo que o assiste. É este inacabamento, presente na linguagem artística e, portanto, na linguagem cinematográfica que nos causa tamanho encantamento quanto ao que ela é capaz de proporcionar sensível e esteticamente em cada um de forma singular.

Ter na Lei a obrigatoriedade de se utilizar produções nacionais, colabora com a valorização e divulgação da cultura a qual pertencemos e construímos e que, por

desempenhar uma ação tão “natural” em seus atores, pode passar despercebida. Se para conseguirmos voltar nosso olhar para tal produção precisamos de indicações que nos tirem da zona de conforto, agora temos a Lei 13.006 para nos fazer pensar a relação do cinema brasileiro com a escola.

A produção cinematográfica nacional é de uma diversidade poética, temática, estética muito grande. Teríamos que pensar em como torná-la acessível à população. E aqui eu não estou me referindo apenas aos longas, mas a uma frutífera produção de médias e curtas que não deveria ser ignorada. Talvez esse seja um dos maiores ganhos da Lei, obrigar a pensar no acesso à produção cinematográfica do nosso país. (FRESQUET, [201-], p.78)

Retomando a entrevista dada pelo Senador Cristovam Buarque à Gazeta do Povo (2017), o mesmo diz ter a intenção de formar uma massa de cinéfilos que encham nossos cinemas a procura de produções nacionais. Quando buscamos uma definição para cinéfilo encontramos respostas que mostram ser mais que um mero espectador: é ter uma rica cultura em cinema; é ser grande conhecedor da história do cinema; é ser viciado em cinema; é aquele que ama o cinema como arte ou como forma de lazer, entre outras definições. Para Duarte (2002), “ser cinéfilo implica ter alguma intimidade com a sétima arte, alguma leitura sobre cinema e certo conhecimento da técnica cinematográfica, dos diretores, cinematografias etc.”. O fato é que, quando foi pensada, a Lei 13.006 elegeu a escola como ambiente mais adequado para ser formadora dos cinéfilos por produções nacionais. E, no ambiente escolar, a função de “formar” está atrelada, principalmente, à figura do professor. Vamos então, voltar o nosso olhar para discutirmos o que pode ser desenvolvido pelo educador quando este assume a responsabilidade de adentrar com o cinema na sala de aula.

**Alguns educadores acham que falta preparação dos professores. O senhor concorda?** Vamos supor que seja verdade. E é correto sacrificar o aluno por falta de formação dos professores? Isso é o que está acontecendo hoje em algumas escolas. Não é o certo, mas sim formar professores e proporcionar que a criança assista ao filme. (<gazetadopovo.com.br>. Acesso em 01 mar. 2017)

Na rede municipal pública do Rio de Janeiro, ainda não há um programa de formação continuada direcionado ao professor como forma de “qualificá-lo” para utilizar o cinema nacional em sala de aula. Acreditamos que, na maioria das redes escolares públicas do Brasil esta ainda seja uma realidade um pouco distante. Como estamos caminhando a passos largos e lentos quando falamos da utilização da produção



cinematográfica nacional nas escolas, creio que esta seja mais uma dentre tantas atribuições que já carrega o professor, revelando-se mais como uma vontade pessoal em trabalhar com o assunto do que uma necessidade ou obrigatoriedade imposta pelas redes de ensino.

Segundo Freire (1991, p.58), “o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; em que professor, ao passo que ensina, também aprende”. Assumindo essa postura de mediador, não é necessário que o professor seja um crítico de cinema para iniciar uma discussão sobre o tema. Da mesma forma que não se apresenta determinado assunto para uma turma sem antes fazer um planejamento para aquela aula, o que implica em buscar conhecimento sobre aquele assunto, também não deve ser escolhido um filme sem que se faça ao menos um breve estudo sobre ele. “Não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino. [...] Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE, 1996, p.29)

Ao levarmos formalmente o cinema para dentro da escola não queremos que este espaço seja apenas o de reprodução de um filme, para isso já existem as salas de cinema espalhadas por todo território nacional. Pretendemos, através da figura do educador/professor, trabalhar as formas de ver, de compreender, de fazer pensar que a linguagem cinematográfica proporciona. A mediação que o educador se apropria ao reconhecer ser possível modificar o *status* de um estudante de mero espectador para cinéfilo é o que justifica ter sido a escola o ambiente público escolhido para a aplicabilidade da Lei 13.006 – que por tratar da exibição de produção nacional, reforça a identificação do educando com a cultural do seu país.

O professor que faz a opção de utilizar o cinema apenas como um simples recurso audiovisual, seja para “reforçar” um conteúdo já lançado ou a exibição do filme para preencher algum tempo sem aula (geralmente com um filme de produção para massas), assume uma atitude reducionista do cinema na educação, ratificando unicamente seu viés do entretenimento e transformando sua utilização num recurso pedagógico de segunda ordem, empobrecendo uma gama de atitudes que podem ser pensadas quando valemo-nos de um recurso de audiovisual com muito mais possibilidades.

A interação com o audiovisual é uma realidade que não pode ser excluída da sala de aula. Afeta nossos sentidos e é capaz de provocar até reações físicas em nosso corpo quando nos concentramos em tal atividade. Como pode um recurso com essa abrangência ser transformado em uma ferramenta didática minimizada? Seria como

reduzir todo o conteúdo cinematográfico já produzido a simples exibições de filmes “*happy end*”.

Longe de acomodar-se, o professor deve ser aquele que está sempre buscando novas formas para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, nas mais diferentes áreas do saber. Da mesma forma que buscamos em fontes diferentes algo que nos auxilie na tentativa de despertar em nossos educandos o gosto para Português, o gosto para Artes, o gosto para Matemática, também podemos pensar no despertar do gosto para o cinema (em especial o nacional). Quando falamos em “despertar o gosto nos educandos”, entendemos essa expressão como sendo uma vontade em conhecer mais sobre determinado tema ou assunto que lhes é apresentado.

De um modo geral, o “gosto” pelo cinema apresentado pelos estudantes é aquele oferecido pelo cinema-indústria. Essa vivência prévia com o cinema, pode ser utilizada de forma positiva pelo educar para introdução do cinema nacional às aulas. Conhecer e respeitar a cultura cinematográfica dos educandos é um ponto importante para o desenvolvimento de um diálogo futuro que busque a participação ativa na realização de trocas e construções do conhecimento entre educador e educando.

Durante certo tempo tivemos a produção cinematográfica brasileira marginalizada nos parques exibidores e com pouca divulgação ao público. Com o suporte que a internet nos proporciona, tornou-se mais fácil o acesso às produções nacionais e outras. Atualmente, tivemos um avanço na divulgação das obras brasileiras concomitantemente a um aumento no catálogo com mais qualidade e diversificação, seja na produção de longas, médias ou curtas-metragens.

O cinema-indústria soube impor tão corretamente seu direcionamento para um determinado tipo de filme que, mesmo com a facilidade proporcionada pela internet, o espectador acaba por sempre realizar as mesmas buscas na rede; com um repertório cinematográfico limitado e já acostumado a seguir os mesmos padrões de filmes, a possibilidade de ampliação trazida pela internet não consegue afetar o grande público.

“No entanto, o problema de acesso à cinematografia nacional (e também de outros locais como América Latina, África e Ásia) não está resolvido. [...] O problema do acesso é um problema de formação e um problema de formação é um problema de educação.” (FRESQUET, [201-], p.153).

Ouvir o educando e demonstrar respeito pelo seu gosto são funções do educador, mas não se pode reconhecer como válido esse saber já pertencente ao educando e aquietar-se com ele. O educador está sempre em movimento, provocando perturbações

que façam com que os educandos movimentem-se também. O conhecimento nunca pode dar-se por acabado, está sempre em construção, “onde há vida, há inacabamento”. (FREIRE, 1996, p.50).

O educador é aquele que constata e intervém. Após aberto um diálogo com os estudantes e constatado que estes frequentemente acessam as produções milionárias que acometem multidões em todo mundo, é necessário mostrar-lhes que outras possibilidades são possíveis. Oportunizando, aos que optarem por este caminho, o que podemos denominar “liberdade da ditadura mercadológica dos lançamentos.” (FRESQUET, [201-], p.153) Sem que seja preciso levantar uma visão negativa para com aqueles que permanecerem seguindo os “filmes de mercado”.

A indústria fílmica hollywoodiana alcançou um público tão extenso que foi necessária à criação de uma cota para o cinema nacional, na tentativa de tentar evitar uma tomada de mercado por completo e com isso o sufocamento da produção local. Outros países também adotam essa medida, entre eles estão: Argentina, Bolívia, China, Colômbia, Coreia do Sul, Egito, Espanha, México, Venezuela e outros.

A “Cota de Tela”, como é conhecida no Brasil, auxilia na promoção para o aumento dos fatores de competitividade e sustentabilidade da indústria local. Instituída pela Medida Provisória nº 2228-1/2001, é um mecanismo regulatório frente ao cinema-indústria que prevalece nas salas de todo país, garantindo um espaço para as produções nacionais.

Utilizada pela primeira vez no Brasil em 1930, a Cota de Tela tem seus requisitos e condições regulamentadas pela Instrução Normativa nº 88 da Agência Nacional de Cinema (ANCINE) – desde 2013 é atualizada anualmente. Os cinemas seguem decretos que estipulam além de um mínimo de diversidade de títulos brasileiros que devem constar em exibição, há um número mínimo de dias para que tal atividade ocorra. Apesar de passar por atualização via decreto anual, desde 2015 a Cota de Tela mantém os mesmos números: um mínimo de 28 (vinte e oito) a 63 (sessenta e três) dias para exibição de 03 (três) a 14 (catorze) títulos nacionais. Os dias e os títulos são ampliados de acordo com o número de salas que o complexo possui e, a pretensão é que se atinja número de 24 (vinte e quatro) títulos para um complexo com mais de 16 (dezesesseis) salas.

De acordo com dados da ANCINE, no ano de 2016, tivemos 143 (cento e quarenta e três) lançamentos de longas-metragens nacionais em salas comerciais, dos quais duas produções alcançaram um número de espectadores muito superior às demais,

“Os Dez Mandamentos – O Filme”, ficção do diretor Alexandre Avancini, produzido pela Rede Record de Televisão, lançado em 1.127 (mil cento e vinte e sete) salas no dia 28 de janeiro de 2016, alcançando um público de 11.305.479 (onze milhões, trezentos e cinco mil e quatrocentos e setenta e nove) e “Minha mãe é uma peça 2”, ficção do diretor César Rodrigues, produzido por *Diamond’Back Entertainment*, lançado em 1.055 (mil e cinquenta e cinco) salas em 22 de dezembro de 2016, alcançando um público de 4.020.898 (quatro milhões, vinte mil e oitocentos e noventa e oito). Para uma melhor visualização, vamos acompanhar pelo quadro abaixo os dez filmes com maior número de público no ano de 2016:

POSIÇÃO	FILME	NÚMERO DE SALAS PARA O LANÇAMENTO	PÚBLICO
1º	Os Dez Mandamentos - O Filme	1.127	11.305.479
2º	Minha mãe é uma peça 2	1.055	4.020.898
3º	Carrossel 2 - O Sumiço de Maria Joaquina	888	2.525.328
4º	É fada!	732	1.721.914
5º	Tô ryca!	420	1.121.570
6º	Um Suburbano Sortudo	472	1.070.434
7º	Vai que dá certo 2	536	923.426
8º	Um namorado para minha mulher	428	665.999
9º	O Vendedor de Sonhos	418	640.175
10º	O Shaolin do Sertão	29	610.730

Tabela 1: Filmes nacionais com maior público

Fonte: [www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br). Acesso em: 25 fev. 2017

Mesmo que não haja uma relação direta entre o número de salas para o lançamento e o número atingido de espectadores, chama a nossa atenção os números discrepantes entre o público alcançado quando comparamos o primeiro e o décimo lugar da lista e também a quantidade de salas destinadas ao lançamento dessas obras. Enquanto temos mais de 1.000 (mil) salas destinadas ao lançamento de uma única produção nacional, nos deparamos com o lançamento de outra produção, também

nacional, em apenas 29 (vinte e nove) salas. Apesar de ter sido lançado num número pequeno de salas, “O Shaolin do Sertão” atingiu uma receptividade muito positiva dos espectadores, alcançando um público próximo ao “Vendedor de Sonhos”, lançado em 418 salas. Um fenômeno que mostra como a expectativa de público pode ser superada mesmo com as advertências encontradas. O Cinema tem mesmo algo de mágico que conversa com público.

Para o ano de 2017, a Cota de Tela que segue o Decreto nº 8944, publicado no Diário Oficial da União em 28 de dezembro de 2016, nos garante que:

Atualmente, com o parque exibidor brasileiro com 773 complexos e 3.143 salas, o mecanismo de Cota de Tela possibilitará um mínimo de 166.669 dias de exibição de filmes brasileiros no ano de 2017, uma média de 53 dias/ano para cada sala de cinema. Isso equivale 14,5% de espaço para exibição de filmes nacionais para o ano de 2017. Também está mantido o Compromisso Público, firmado por exibidores e distribuidores com a ANCINE, de estabelecer uma quantidade máxima de salas de um complexo exibindo o mesmo título.(<[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 03 mar. 2017)

No primeiro bimestre de 2017, que compreende os meses de janeiro e fevereiro, tivemos 08 (oito) lançamentos de longas-metragens nacionais em salas comerciais, alcançando um público modesto se comparado aos três primeiros títulos que ocupam a lista dos recordes de público de 2016. Ainda teremos muito mais produções brasileiras para estrearem nos complexos exibidores e, mantendo sempre uma visão positiva quanto ao produto nacional, esperamos que a cada ano aumente o número espectadores a procura de filmes locais.

Dados da ANCINE nos permitem uma melhor visualização dos lançamentos realizados em 2017 (janeiro/fevereiro):

FILME	NÚMERO DE SALAS PARA O LANÇAMENTO	PÚBLICO
Eu fico loko	620	558.550
Os Penetras 2 - Quem dá mais?	433	393.531
TOC - Transtornada, Obsessiva, Compulsiva	257	229.807
Os Saltimbancos Trapalhões - Rumo a Hollywood	176	95.110

Axé: Canto do Povo de Algum Lugar	23	12.985
Redemoinho	30	6.701
A cidade onde envelheço	30	3.562
Clarisse ou Alguma Coisa sobre Nós Dois	14	2.322

Tabela 2: Lançamentos Nacionais, Salas e Público  
 Fonte: [www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br). Acesso em: 25 fev. 2017

O cinema caracterizou-se por ser uma diversão popular de preços acessíveis e próxima do espectador. Em 1975, a média brasileira era de 01 (uma) sala para cada 30.000 (trinta mil) habitantes, sendo 80% (oitenta por cento) em cidades do interior; para esse público, o país contava com quase 3.330 (três mil e trezentas e trinta) salas. Muitas mudanças ocorreram nesse cenário. Um grande número de pessoas começou a se mudar das zonas rurais para as cidades, vieram avanços tecnológicos e, muitos outros fatores acabaram interferindo nessa realidade, chegando ao ano de 1997 com pouco mais de 1.000 (mil) salas de cinema em todo país. Uma trágica redução que afetou muito o acesso cultural dos moradores de cidades do interior.

O crescimento acelerado das cidades não apenas reduziu o número de salas de cinema como também passou a concentrá-las. Quando falamos na reorganização geográfica dos cinemas, não há como ignorar a expansão dos *shoppings centers*. Esse crescimento, ao longo dos anos, fez aumentar novamente o número de salas, chegando a duplicá-las, mas também diminuiu sua expansão territorial, centralizando demasiadamente essa atividade. A escolha por áreas que concentrem maior renda criou uma exclusão das áreas periféricas urbanas, fazendo do hábito de ser frequentador de um cinema mais um fator de distinção social; outras áreas também ficaram prejudicadas com a concentração do cinema nos shoppings como cidades pequenas e médias do interior e as regiões Norte e Nordeste.

Expandir o cinema para além dos *shoppings* também é uma questão que precisa ser discutida. O governo federal, numa tentativa de proporcionar mais acesso a populações excluídas deste universo, criou o programa “Cinema Perto de Você”,

instituído pela Lei 12.599/2012; é mais uma forma de valorizar a produção nacional e a expansão das salas em todo território.

O Programa **CINEMA PERTO DE VOCÊ** foi criado para ampliar o mercado interno de cinema e acelerar a implantação de salas em nosso país. Gerenciado pela ANCINE em parceria com o BNDES, agente financeiro das linhas de crédito e financiamento do programa, e com a Caixa Econômica Federal, agente financeiro do projeto Cinema da Cidade, o Cinema Perto de Você fortalece as empresas do setor e estimula sua atualização tecnológica, facilitando o acesso da população às obras audiovisuais por meio da abertura de salas em cidades de porte médio e bairros populares das grandes cidades. Além disso, amplia o estrato social dos frequentadores das salas e induz a formação de novos centros regionais consumidores de cinema. Contribui, assim, para fortalecer ainda mais a indústria cinematográfica nacional, que vem demonstrando resultados expressivos.(<[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017)

O público-alvo da expansão pretendida através desse programa é a nova classe C, que representa metade da população brasileira. Com um maior potencial de consumo, é ela quem mantém o crescimento econômico do país. Para que o Cinema Perto de Você consiga alcançar essa nova classe, precisa romper com as barreiras da concentração geográfica das salas de cinema, entre outros fatores que dificultam a expansão da acessibilidade as obras fílmicas.

O programa Cinema Perto de Você está organizado em cinco eixos:

- Eixo Um – Linhas de crédito e investimento: o foco desta linha é a implantação ou ampliação de novos complexos cinematográficos. A prioridade de investimento é definida de acordo com o número de habitantes e a disponibilidade de salas de cinema para atendê-los. Com base nessa determinação, os municípios brasileiros foram divididos em quatro grupos.

Grupo 1 – com mais de 20.000 (vinte mil) e menos de 100.000 (cem mil) habitantes, são 1.371 (mil trezentos e setenta e um) municípios distribuídos por todos os Estados do país, dos quais 86% não possuem sala de cinema.

### Mapa das cidades envolvidas no Grupo 1



Imagem 1: Grupo 1

Fontes: Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2009 (IBGE);  
Monitoramento das Salas de Exibição, em maio de 2010 (ANCINE/SAM)

No Estado do Rio de Janeiro, 31 (trinta e uma) cidades pertencem ao Grupo Um,  
a saber:

<b>Cidade</b>	<b>Número de habitantes</b>
Arraial do Cabo	26.896
Bom Jardim	26.549
Cachoeiras de Macacu	57.300
Cantagalo	20.540
Casimiro de Abreu	30.572
Conceição de Macabu	20.687
Guapimirim	49.748
Iguaba Grande	22.947
Itaocara	22.452
Itatiaia	35.577
Mangaratiba	32.533
Miguel Pereira	25.866



Miracema	26.824
Paracambi	45.016
Paraíba do Sul	41.679
Parati	35.730
Paty do Alferes	26.196
Pinheiral	22.382
Piraí	26.114
Rio Bonito	55.051
Santo Antônio de Pádua	42.405
São Fidélis	39.256
São Francisco de Itabapoana	47.832
São João da Barra	30.595
São José do Vale do Rio Preto	20.574
São Pedro da Aldeia	84.866
Saquarema	69.374
Seropédica	78.819
Silva Jardim	22.230
Tanguá	30.531
Vassouras	34.259

Tabela 3: Cidades do Grupo 1

Fonte: [www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br). Acesso em: 25 fev. 2017

Esses dados foram levantados no ano de 2009. Atualmente, a cidade de Paracambi possui uma sala de cinema à rede Cinemaxx, com capacidade para 270 (duzentas e setenta) pessoas. Fugindo aos padrões de aglomeração geográfica, está localizado à Rua Dominique Lewel, Centro de Paracambi, realiza festivais com preços populares e sessões infantis.

Grupo 2 – mais de 100.000 (cem mil) habitantes e não possuem sala de cinema, é o que ganha maior destaque quanto à prioridade, são 89 (oitenta e nove) cidades no total e está incluído nestes dados o Município de Belford Roxo na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

### Mapa das cidades envolvidas no Grupo 2



Imagem 2: Grupo 2

Fontes: Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2009 (IBGE);  
Monitoramento das Salas de Exibição, em maio de 2010 (ANCINE/SAM)

No Estado do Rio de Janeiro, 09 (nove) cidades pertencem ao Grupo Dois, a saber:

Cidade	Número de Habitantes
Barra do Piraí	103.833
Belford Roxo	501.544
Itaboraí	228.996
Itaguaí	105.633
Japeri	101.690
Magé	244.334
Maricá	123.492
Mesquita	190.056
Queimados	139.378

Tabela 4: Cidades do Grupo 2

Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Dos municípios acima citados, dois já não pertencem mais a este grupo. Barra do Piraí tem seu complexo cinematográfico vinculado ao CineShow, com 04 (quatro) salas e capacidade para 632 (seiscentos e trinta e duas) pessoas, localizado no Mercado Municipal, no centro da cidade e, Itaguaí tem seu complexo com 04 (quatro) salas e 581 (quinhentos e oitenta e um) lugares, vinculado ao Cinesercla, localizado no Shopping Pátio Mix, às margens da Rodovia Rio-Santos, fora do centro da cidade.

Grupo 3 – mais de 100.000 e menos de 500.000 habitantes com sala de cinema, são 146 cidades.

#### Mapa das cidades envolvidas no Grupo 3



Imagem 3: Grupo 3

Fontes: Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2009 (IBGE);  
Monitoramento das Salas de Exibição, em maio de 2010 (ANCINE/SAM)

No Estado do Rio de Janeiro, 14 cidades pertencem ao Grupo Três, a saber:

<b>Cidade</b>	<b>Número de Habitantes</b>
Angra dos Reis	168.664
Araruama	109.705
Barra Mansa	176.899
Cabo Frio	186.004
Campos dos Goytacazes	434.008
Macaé	194.413

Nilópolis	159.408
Niterói	479.384
Nova Friburgo	178.653

Tabela 5: Cidades do Grupo 3

Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Grupo 4 – mais de 500.000 (quinhentos mil) habitantes com sala de cinema, “são os 38 maiores municípios do país. Nessas cidades, estão excluídas as zonas urbanas em que a renda média dos chefes de família é muito baixa ou muito alta. Ou seja: podem participar as zonas com predominância da classe C. Também foram excluídas as zonas com baixa densidade demográfica”. (<[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 20 fev. 2017)

#### Mapa das cidades envolvidas no grupo 4



Imagem 4: Grupo 4

Fontes: Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2009 (IBGE);  
Monitoramento das Salas de Exibição, em maio de 2010 (ANCINE/SAM)

No Estado do Rio de Janeiro, 04 (quatro) cidades pertencem ao Grupo Quatro, a saber:

Cidade	Número de Habitantes
Duque de Caxias	872.762
Nova Iguaçu	865.089
Rio de Janeiro	6.186.710
São Gonçalo	991.382

Tabela 6: Cidades do Grupo 4

Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Os quatro grupos-foco representam a situação atual do acesso às salas de cinema no Brasil:

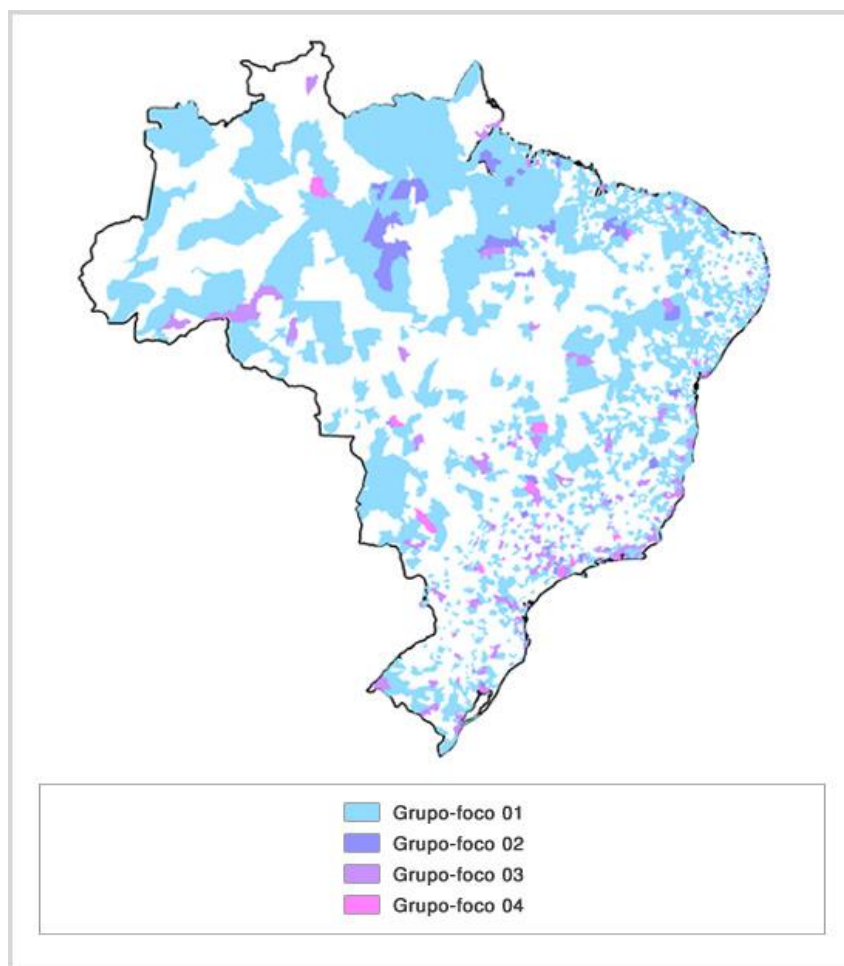


Imagem 5: Grupos-Foco

Fontes: Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2009 (IBGE);  
Monitoramento das Salas de Exibição, em maio de 2010 (ANCINE/SAM)

- Eixo Dois – Projeto Cinema da Cidade: estimula convênios com prefeituras e estados para atender a população pertencente ao grupamento um (cidades com mais de 20.000 e menos de 100.00 habitantes que não possuam salas de cinema). Os interessados recebem orientações da ANCINE além de repasse de verbas, para promoverem as exibições da forma mais adequada à sua localidade.

-Eixo Três – Medidas de Desoneração Tributária: como o foco do programa Cinema Perto de Você é a nova classe C e as cidades interioranas, também é necessário ajustar o preço da sessão à realidade dessas camadas sociais. Com isso, foi instituído pela Lei 12.599/2012 o Regime Especial de Tributação para o Desenvolvimento da Atividade de Exibição Cinematográfica (RECINE). Essa medida busca viabilizar o fortalecimento e a dar sustentabilidade à atividade econômica, especialmente, para projetos mantidos com o financiamento da União. O fluxograma abaixo auxilia na compreensão do funcionamento dessa desoneração tributária.

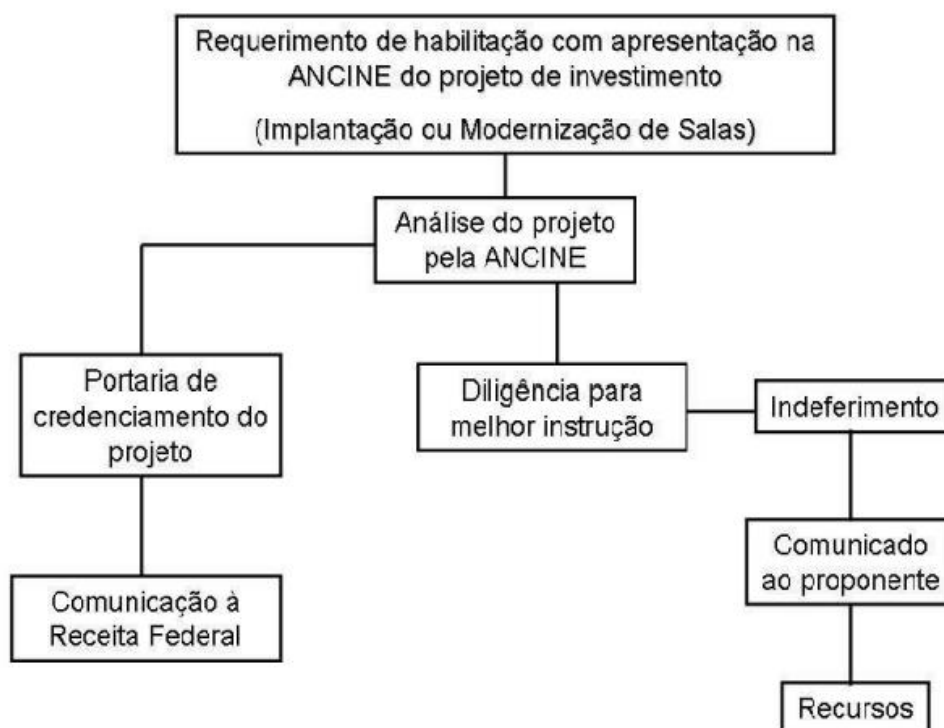


Imagem 6: Fluxograma

Fonte:<[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 20 fev. 2017

-Eixo Quatro – Sistemas de Controle de Bilheteria: este eixo pretende garantir a legitimidade e facilitar a coleta de dados que os exibidores transmitem à ANCINE, com

o auxílio de sistemas informatizados, esta apuração serve como base para o aprimoramento e a formulação de políticas voltadas à atividade fílmica.

-Eixo Cinco – Digitalização do Parque Exibidor : no campo cinematográfico mundial, a digitalização já é uma realidade. Este eixo pretende ampliar a inclusão no mercado audiovisual, contribuindo para uma expansão sustentável do mercado exibidor, permitindo um maior acesso dos brasileiros ao cinema.

Com muitas vantagens a serem distribuídas de forma mais igualitária, o programa Cinema Perto de Você contribui positivamente para a diminuição dos desequilíbrios causados pela concentração geográfica dos complexos exibidores, proporcionando à nova classe C e às cidades do interior do país uma possibilidade a mais de acesso aos bens culturais e participação ativa em uma atividade social que tem urgência em ser mais difundida em todo território nacional.

Quando falamos da Lei 13.006/14, outra pergunta destinada ao Senador Cristovam Buarque na referida entrevista à Gazeta do Povo que julgamos ser relevante destacar, é a seguinte:

**Quem vai escolher os filmes a serem exibidos?** Os professores. Imagino que professores de Língua Portuguesa escolham livros cuja linguagem esteja de acordo com a idade da criança. A escola não poderá burlar a classificação etária dos filmes para o cinema. (<gazetadopovo.com.br>.Acesso em: 01mar. 2017)

Para qualquer assunto que nos dispusermos a atrelar com educação, vamos sempre esbarrar no papel do professor/pesquisador. Não há como ensinar um assunto sem antes pesquisá-lo. Se agora estamos nos remetendo ao cinema nacional, o professor precisa fazer uma pesquisa fílmica pelas produções brasileiras. Seja para tomar sozinho a decisão de escolher o filme mais apropriado para a turma a qual se destina, seja para decidir coletivamente com a turma aquilo que preferem assistir. Para a preparação de uma aula é necessário conhecer o conteúdo que se vai discutir e, quando o conteúdo é um filme, a abordagem não é diferente. Ser professor é assumir um compromisso de estar em constante atividade de pesquisa, para que se possa pensar numa melhor maneira de mediar o conhecimento já trazido pelo educando e a novidade.

Como aparece na resposta do Senador Cristovam Buarque (2010), “a escola não poderá burlar a classificação etária dos filmes [...]”. Este é um item de extrema importância, a classificação etária indicativa de um filme sempre deve ser respeitada, em especial para uma exposição numa sessão escolar.

Normalmente, essa classificação está relacionada ao nível de exposição de conteúdo violento, sexual e ao uso de drogas ilegais. A Classificação Indicativa (ClassInd), que não substitui o cuidado dos pais/responsáveis, é apenas uma indicação a qual idade seria apropriada as obras audiovisuais como televisão, mercado de cinema e vídeo, jogos eletrônicos, aplicativos e jogos de interpretação (RPG). Segundo o Ministério da Justiça, no Brasil as classificações indicativas obedecem aos seguintes códigos:

Símbolo	Classificação Indicativa	Características	Horário de exibição
L	Livre	Não expõe crianças a conteúdos potencialmente prejudiciais	Exibição em qualquer horário
10	Não recomendado para menores de 10 anos	Conteúdo violento ou linguagem inadequada para crianças, ainda que em menor intensidade	Exibição em qualquer horário
12	Não recomendado para menores de 12 anos	As cenas podem conter agressão física, consumo de drogas e insinuação sexual	Exibição a partir das 20h
14	Não recomendado para menores de 14 anos	Conteúdos mais violentos e/ou de linguagem sexual mais acentuada	Exibição a partir das 21h
16	Não recomendado para menores de 16 anos	Conteúdos mais violentos ou com conteúdo sexual mais intenso, com cenas de tortura, suicídio, estupro ou nudez total.	Exibição a partir das 22h
18	Não recomendado para menores de 18 anos	Conteúdos violentos e sexuais extremos. Cenas de sexo, incesto ou atos repetidos de tortura, mutilação ou abuso sexual.	Exibição a partir das 23h

Imagem 7: Classificação Indicativa  
 Fonte:<[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 20 fev. 2017

Em vigência, temos a portaria nº 1.100, do Ministério da Justiça, datada de 14/07/2006, dispondo o seu artigo 18 que a classificação é indicativa aos pais. A portaria explica que quem decide sobre o acesso de seus filhos, tutelados ou curatelados a obras audiovisuais são àqueles que se encontram no exercício de responsabilidade sobre os mesmos. Ou seja, são os responsáveis pelos menores de 18 (dezoito) anos que devem decidir sobre sua aptidão ou não para assistir a obras ou espetáculos públicos cuja classificação indicativa seja superior à sua faixa etária. Reconhecendo que o responsável possui discernimento para avaliar se a criança ou adolescente tem estabilidade emocional para participar de uma apresentação não indicada a sua idade, o mesmo deverá acompanhá-lo pessoalmente ou firmar autorização escrita. Contudo, para



filmes e espetáculos em que não se permite o ingresso de menor de dezoito anos, nem mesmo com a autorização dos pais ou responsáveis a criança e o adolescente poderão assisti-los somente acompanhados.

A responsabilidade que compete ao Ministério da Justiça de permitir o acesso da criança e do adolescente aos conteúdos de produções audiovisuais foi pensada numa parceria com os pais e responsáveis para que se mantenha o equilíbrio entre o direito à liberdade de expressão e o dever de proteção absoluta à criança e ao adolescente. Assim, a classificação indicativa é exercida de forma democrática e objetiva. Democrática porque reconhece a importância da família e da sociedade, ao lado do Estado, na proteção dos interesses da criança e do adolescente; e, objetiva porque permite a possibilidade de participação e controle social.

No Manual de Classificação Indicativa encontramos um argumento fundamental para compreendermos de maneira mais clara esse assunto:

A Classificação Indicativa deve ser entendida, sobretudo, a partir de duas funções complementares: A primeira delas diz respeito à sua capacidade de transformar-se em um instrumento pedagógico de diálogo com pais, responsáveis e profissionais que interagem com o universo infanto-juvenil. E a segunda finalidade relaciona-se à função de proteção dos direitos humanos de todos os cidadãos e cidadãs expostos, cotidianamente, aos conteúdos audiovisuais – em especial as crianças e adolescentes. (ROMÃO; CANELA; ALARCON, 2006, p.7)

Para que seja viável a junção dos dois objetivos acima citados, busca-se a valorização e proteção aos direitos humanos, através de um processo democrático. O caminho percorrido para se chegar até o momento atual, considerou diversas discussões com as partes interessadas (o que inclui o setor privado). A Classificação Indicativa que seguimos hoje analisa em especial, a presença de dois grandes conteúdos: Violência e Sexo, depois analisa o conteúdo sobre Drogas. Estes assuntos são vistos quanto a sua inadequação à faixa etária. Por exemplo: se um filme destinado ao público adolescente apresenta cenas em que o sexo aparece de forma casual, sem responsabilidade, banalizado, é considerado inadequado. Porém, quando o sexo é tomado na forma de instrução positiva, abordando temas como Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), o uso de preservativos, gravidez indesejada, essa discussão é vista como adequada e por isso pode ser indicada aos adolescentes. Os conteúdos não são analisados de forma isolada, mas sim, vistos no contexto da obra. O que falar e como falar de Sexo, Violência e Drogas de acordo com a faixa etária? Além desses três

grandes temas, também são analisados demais conteúdos para se chegar a uma classificação ponderada: “Elementos de valorização dos direitos humanos, de uma cultura de paz, da educação, da informação, das artes, da cultura regional e das identidades de grupos específicos – todos sublinhados pela Constituição Federal de 1988”. (ROMÃO; CANELA; ALARCON, 2006, p. 10).

Quando assumimos a responsabilidade de trabalhar com filmes respeitando a classificação indicativa, estamos trabalhando para a construção de atitudes que sejam mais bem pensadas antes de serem colocadas em prática, construindo uma cultura de respeito mútuo.

Para que não façamos a exclusão de nenhum estudante menor da idade das sessões fílmicas que serão realizadas durante o desenvolvimento desta pesquisa, optamos por seguir a classificação indicativa pré-estabelecida pelo Ministério Público da Justiça, respeitando veemente a Classificação Indicativa a qual a obra se destina. Por trabalhar com os meios legais, acreditamos que todas as escolas seguem essa classificação.

Como observamos no decorrer desse texto, muitas são as iniciativas de se divulgar o cinema nacional dentro do nosso próprio país. A projeção que se pretende alcançar ainda é uma realidade distante, mas já iniciou sua caminhada. O cinema é uma ferramenta de fortalecimento e expressão da cultura nacional, capaz de promover a inclusão social e o exercício da cidadania. Além de ser um dos movimentadores da economia de todas as nações. Para que possamos explorar todo o potencial que as produções brasileiras podem ofertar também contamos com o Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual - PDM.

Desde a criação da ANCINE, em 2001, vivemos uma construção de políticas consistentes para a ampliação e divulgação de produtos audiovisuais nacionais. Pela primeira vez no cenário cinematográfico brasileiro temos um Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual pensadas para longo prazo. O PDM terá durabilidade de 10 (dez) anos, acompanhando entre 2011 e 2020 os indicadores e metas que se ramificam pelos segmentos dessa atividade tão abrangente.

Direcionar e acompanhar ações futuras não significa determinar o que irá que acontecer. Os agentes econômicos envolvidos devem ter ciência do desempenho responsável de sua função, para que o PMD possa exprimir sua flexibilidade no decorrer dessa década.

O desafio geral do Plano de Diretrizes e Metas pode ser desdobrado em três pontos que resumem as oportunidades trazidas pela ocasião: (a) a expansão do mercado interno, em que se focaliza a dinâmica interna como a base para uma estratégia de desenvolvimento; (b) a universalização do acesso aos serviços audiovisuais, em que se aposta numa expansão uniforme e desconcentrada, voltada para um mercado de massas; e (c) a transformação do Brasil em forte centro produtor e programador de conteúdos audiovisuais, para que os agregadores de valor econômico e cultural nas obras sejam os agentes e referências locais. (ROMÃO; CANELA; ALARCON, 2013, p.71)

Primeiro ponto: expandir o mercado interno. Mais uma vez esse é um grande desafio a ser superado. O Brasil tem uma das piores posições internacionais no *ranking* que abrange o número de salas existentes em relação ao número de habitantes. Com o desenvolvimento do Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual, a expectativa para 2020 é que possamos alcançar o número de 45.000 (quarenta e cinco mil) habitantes por sala de cinema. Ao compararmos o Brasil com o México, por exemplo, vemos que, em 2011, o México alcançou uma média de lotação de 40.000 (quarenta mil) espectadores anuais por sala, enquanto o Brasil obteve uma média de 60.000 (sessenta mil). Esses dados representam um grande aumento do público brasileiro apesar do preço do ingresso ser 1/3 mais caro que no México.

Índice nacional de habitantes por sala de cinema (em milhares de hab/sala)

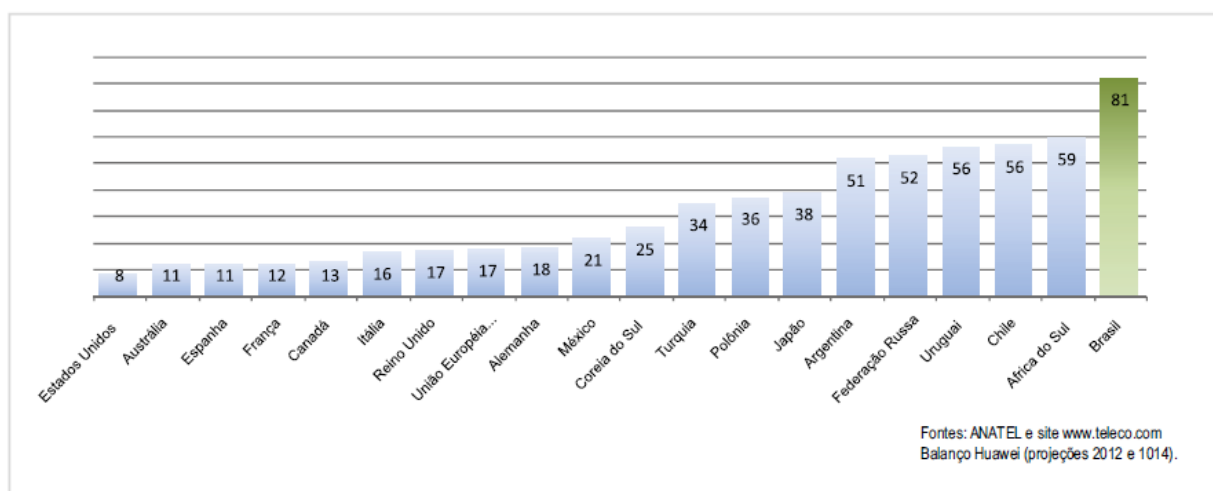


Imagem 8: Habitantes por sala de cinema  
Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Segundo ponto: Universalizar o acesso da população aos serviços de comunicação audiovisual. Muitos são os fatores que contribuem para o distanciamento entre o cinema e uma parte considerável da população brasileira, devido a questões de mobilidade urbana, preços ainda muito caros, entre outros obstáculos. O fato é que o

cinema não pode mais ser um fator de segregação social, precisa ter seu acesso universalizado com o máximo de urgência possível.

Entre as muitas formas de proporcionar a universalização do cinema, temos alguns projetos de cinema móvel pelo país. Como, por exemplo, o projeto Cinesolar, idealizado pela produtora cultural Brazucah, que proporciona sessões fílmicas gratuitas por todo território nacional. Este projeto envolve arte, sustentabilidade e cinema. É pioneiro no Brasil porque utiliza energia solar fotovoltaica. Além de exibir filmes que geralmente envolvam os eixos ambiental, social e econômico, o projeto também oferece oficinas com temas sobre conscientização ambiental, trabalhando com cinema, música orgânica e eco grafite voltados para o público infantil e adolescente e ainda um laboratório de introdução ao audiovisual.

Tudo isso ocorre com a utilização de um van que transporta cadeiras ao público, a tela e os equipamentos que permitem o som e a projeção das obras.



Imagem 9: Cinesolar

Fonte: <[www.cinesolar.com.br](http://www.cinesolar.com.br)>. Acesso em: 14 jan. 2017

Esta estação de cinema itinerante que já atingiu um público de mais de 40.000 (quarenta mil) espectadores e visitou 130 (cento e trinta) cidades do país, funciona desde o mês de junho do ano de 2013. A Van é equipada com placas que convertem a energia solar em energia elétrica, já realizou mais de 200 (duzentas) sessões. Possui

ainda uma cabine de DJ. Conta apenas com uma unidade, mas já tem pretensões de expandir e ampliar ainda mais o acesso que já vem proporcionando à população.

O Brasil tem um incrível potencial em energias renováveis. E por que não se beneficiar no campo do entretenimento, das artes e da cultura? Nosso objetivo é, além de democratizar o acesso à produção audiovisual nacional, trabalhar com ações sustentáveis que multipliquem a conscientização ambiental e mostrem a força que a energia solar tem por aqui, explica Cynthia Alario, idealizadora e coordenadora do projeto. (<[www.sicesbrasil.com.br](http://www.sicesbrasil.com.br)>. Acesso em 14 jan. 2017)



Imagem 10: Cinesolar II

Fonte: <[www.cinesolar.com.br](http://www.cinesolar.com.br)>. Acesso em: 14 jan. 2017

São três os arte-educadores que viajam com a Van, proporcionando sessões normalmente realizadas em praças e parques que atendem a um público médio de 200 (duzentas) pessoas. Os filmes são brasileiros com prioridade para aqueles que tenham pouco espaço nas salas de cinema convencionais.



Imagem 11: Cinesolar III

Fonte: <[www.cinesolar.com.br](http://www.cinesolar.com.br)>. Acesso em: 14 jan. 2017

Terceiro ponto: Transformar o Brasil num forte centro produtor e programador de conteúdos. Para o PDM, não basta apenas que o mercado consumidor cresça, mas é preciso que o mercado produtor também acompanhe essa nova demanda. Ampliar a produção na área do audiovisual significa gerar mais empregos, renda e desenvolvimento para o país. Além disso, uma produção nacional desse material expande a cultura brasileira a outros países. O incentivo e suporte que o Estado tem proporcionado a esta área, foi um dos principais fatores para alcançarmos uma produção cinematográfica de maior qualidade nos últimos anos. De acordo com o PDM, o Brasil tem sólidas condições para se tornar um centro produtor importante nesta área. O crescimento e fortalecimento da produção nacional em longas-metragens, programas para TV e jogos digitais, tem a intenção de disputar o mercado internacional.

O Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual, possui uma diretriz geral que tem como foco o artista e o produtor; para alcançar o desenvolvimento previsto no PDM muitos são os fatores que precisam ser trabalhados ao longo desta década, porém o Plano destaca os sete elementos mais relevantes (descritos a seguir).

- (a) A ideia de sustentabilidade sugere a existência de empresas e projetos fortes e saudáveis que tornem viável um crescimento duradouro.
- (b) A menção à economia competitiva envolve duas conotações diversas e complementares: a referência a obras e serviços audiovisuais que possam disputar o mercado interno e externo; e a observância de organização empresarial e práticas comerciais adequadas a um ambiente de livre concorrência.

(c) A opção pela inovação como fator econômico quer indicar a necessidade de dinamismo na atividade audiovisual, tanto nas obras, serviços e formatos, quanto nos modelos gerenciais e de negócios.

(d) A acessibilidade da população a essa economia coloca a urgência de uma ampliação robusta na oferta de cinema, televisão e banda larga para fruição de todos os brasileiros.

(e) O destaque às obras brasileiras estabelece um princípio de proteção e promoção ao audiovisual produzido no país, salvaguardando seu espaço na exploração do mercado interno.

(f) A menção ao princípio da diversidade cultural lembra, entre outros indicativos, a necessidade de participação dos múltiplos sujeitos e interesses na produção audiovisual para um ambiente de democracia e pluralidade.

(g) Finalmente, a valorização da liberdade de criação põe em destaque a autonomia e a independência dos autores como pilares da atividade audiovisual. (ROMÃO; CANELA; ALARCON, 2013, p.81)

Ampliar o acesso ao cinema está diretamente ligado a um maior potencial de consumo da nova classe C e à ampliação do parque exibidor nacional. Porém, mais que simplesmente aumentar o número de salas, é preciso que essa expansão seja descentralizada. A ideia é que tenhamos uma realidade parecida com a do ano de 1975, com mais de 3.000 (três mil) salas de cinema espalhadas por todo país.

Número de salas do circuito comercial

Densidade das salas (em milhares de habitantes\sala)

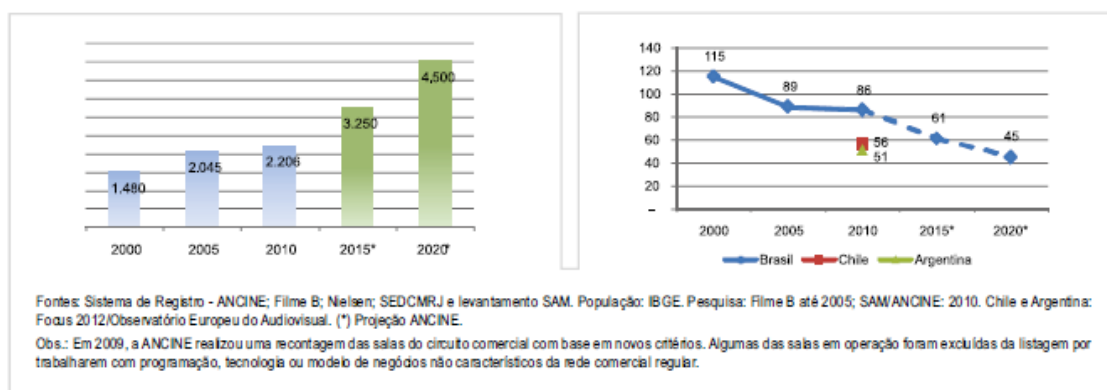


Imagem 12: Salas de cinema no Brasil

Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Densidade de salas de cinema por Estado em 2009 (habitantes\sala)

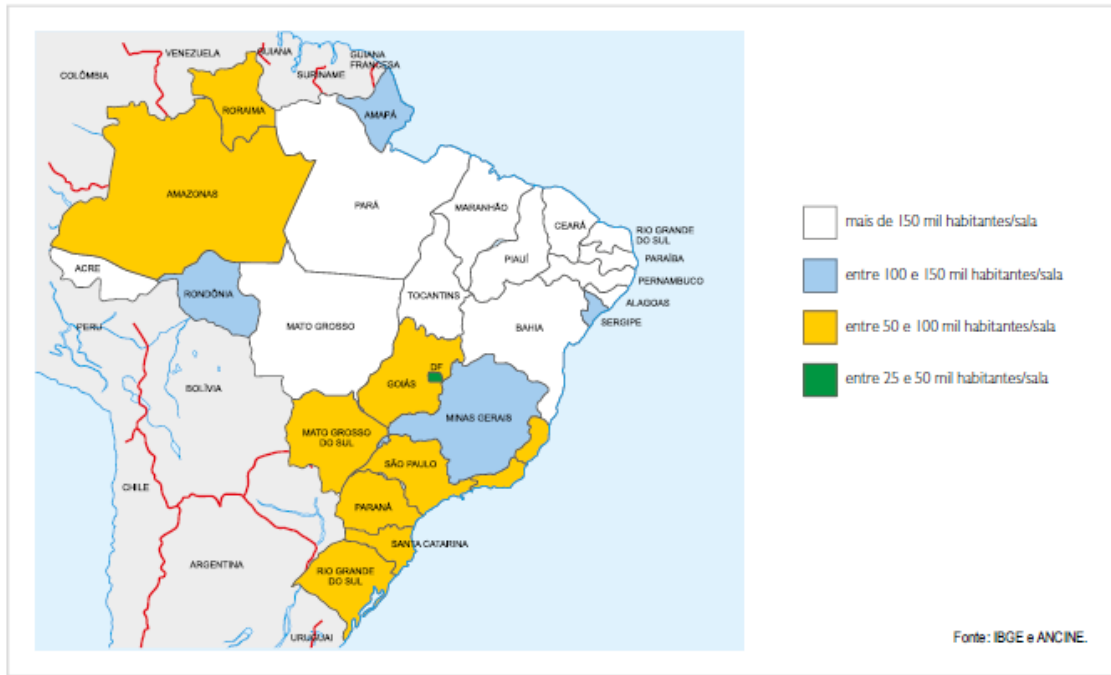


Imagem 13: Densidade de salas de cinema por Estado  
 Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Fortalecer e ampliar o público frequentador do cinema, com foco no cinema nacional, alavanca as produções brasileiras, gerando mais obras e melhorando a qualidade ofertada. A bilheteria é o que sustenta o desenvolvimento da indústria audiovisual; daí a importância de se ter um planejamento voltado à sua ampliação: quanto maior o público maior será o investimento na indústria cinematográfica.

O gráfico abaixo nos mostra a evolução do desempenho dos filmes das distribuidoras brasileiras(em milhões de bilhetes vendidos):

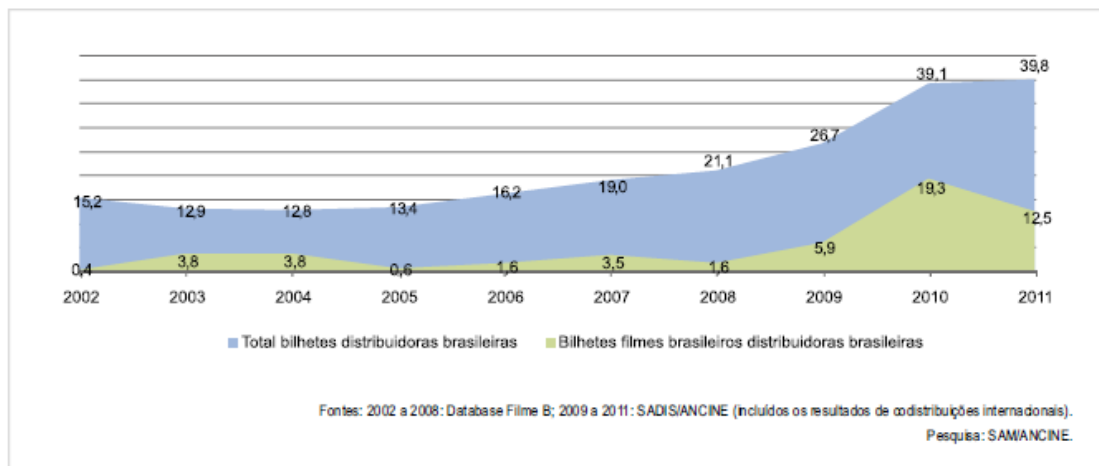


Imagem 14: Distribuidoras Brasileiras  
 Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017



Existe uma importante diretriz no PDM que não pode passar despercebida por este trabalho, pois trata de “Ampliar a Participação do Audiovisual nos Assuntos Educacionais”.

O público escolar é uma parte muito abrangente da sociedade, se considerarmos os dados do censo de 2009, os alunos matriculados apenas no Ensino Fundamental e Médio da rede pública representam cerca de 25% da população brasileira. Cada vez mais, as informações e referências desse público mais jovem chegam através do audiovisual, o reconhecimento desta nova maneira de interagir com a informação torna-se indispensável à sua educação – seja no ambiente formal ou informal. Saber respeitar esse interesse dos jovens pelo audiovisual pode ser um caminho bastante satisfatório tanto para o ambiente escolar quanto para sociedade em geral.

A seguir, vamos acompanhar alguns dados relevantes retirados de uma tabela do PDM que apresenta informações sobre a situação do audiovisual na educação. Esses dados foram levantados em 2010 e serviram de referência para a definição de metas que se pretendia alcançar em 05 e 10 anos, 2015 e 2020 respectivamente.

Inserir a formação em linguagem audiovisual no sistema regular de ensino:

	2010	2015	2020
Número de escolas de ensino médio com atividades de formação em linguagem audiovisual	Não Consta	15.000	25.000
Quantidade de professores do ensino básico habilitados em linguagem audiovisual	Não Consta	10.000	20.000

Tabela 7: Formação em linguagem audiovisual  
 Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

A referida formação dos professores que consta na tabela acima pode ser feita no âmbito curricular ou extracurricular.

Ampliar a produção audiovisual para uso pedagógico:

	2010	2015	2020
Quantidade de produções audiovisuais para destinação pedagógica ou educacional	Não Consta	200	1.000

Tabela 8: Quantidade de produções audiovisuais para destinação pedagógica ou educacional

Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Implantar videotecas escolares na rede pública de ensino:

	2010	2015	2020
Número de videotecas implantadas na rede pública de ensino	-	50.000	75.000
Participação das escolas com videoteca na rede pública de ensino fundamental e médio	-	33%	50%

Tabela 9: Videoteca na rede pública de ensino  
 Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Em 2010 havia aproximadamente 150.000 (cento e cinquenta mil) escolas públicas de ensino básico no país. Este número foi utilizado para a definição do percentual de escolas com videoteca, sem projeção de crescimento. Por videotecas entendem-se arquivos físicos ou virtuais de obras audiovisuais. Pode envolver licenças para uso educacional das obras, em ambiente escolar.

Incrementar as compras públicas de obras audiovisuais para a rede de ensino público:

	2010	2015	2020
Número de obras com direitos adquiridos para a rede de ensino público	-	120	120
Quantidade de cópias/licenças adquiridas para a rede de ensino público	-	6 milhões	6 milhões
Valor despendido com aquisição de direitos para a rede de ensino público	-	R\$60 milhões	R\$72 milhões

Tabela 10: Compras públicas de obras audiovisuais  
 Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

O Plano De Desenvolvimento e Metas para o Audiovisual (PDM) tem duração de 10 anos. Devido a esse período de tempo ser considerado extenso, a ANCINE resolveu por aferir seus resultados após 05 (cinco) anos de sua execução, ano equivalente a 2015. Este primeiro lote do PDM a ser avaliado está dividido em duas diretrizes- DIRETRIZ 1: Ampliar e diversificar a oferta de serviços de exibição e facilitar o acesso da população ao cinema e, DIRETRIZ 2: Desenvolver e qualificar os serviços de TV por assinatura e de vídeo por demanda oferecidos em todos os ambientes, e ampliar a participação de programadoras nacionais e do conteúdo brasileiro nestes segmentos de mercado.

Com relação a essas diretrizes, depois de levantar as informações sobre o ano de 2010, percebeu-se que havia demasiada urgência em ampliar o parque exibidor brasileiro, devido à restrição de investimentos nesta área, tínhamos um dos piores números referente a habitantes por sala entre diversos países, além de algumas dessas salas funcionarem em condições totalmente precárias. Outro fato, talvez ocasionado por essas condições, é que vínhamos de um período de estagnação de bilheteria – o número máximo de bilhetes vendidos por ano até 2009 foi de 45.000 (quarenta e cinco mil).

Identificada essa realidade, dá-se início a uma expansão do parque exibidor de 36% entre os anos de 2011 e 2015, o que significa a abertura de 150 (cento e cinquenta) novas salas por ano. Neste período, boa parte desta expansão foi possível por estar atrelada a expansão de *shoppings centers*. Cresce o número de salas exibidoras - porém permanece o problema da centralização.

O PDM defende uma expansão descentralizada, proporcionando uma distribuição regional mais justa para que se possa diminuir a defasagem desse serviço. Investir no Norte e Nordeste foi fundamental para uma melhor distribuição dos serviços cinematográficos. Estas regiões, que dispunham apenas de 17% das salas, em 2015 possuíam 35% - o Nordeste obteve uma média de 50 (cinquenta) novas salas por ano. As demais regiões do país tiveram um crescimento próximo a 30% neste mesmo período.

Com os resultados observados nesta metade no PDM, aferimos que todo o parque exibidor cresceu, ampliando a população de espectadores de 98 milhões em 2010 para 114 milhões em 2016. Mais de 20 (vinte) cidades tiveram a implantação de suas primeiras salas de cinema, com vistas que continue essa expansão de acordo com as metas do Plano. Para que esse avanço ocorresse, a digitalização cinematográfica foi

um fator propulsor; essa modernização permite maior sustentabilidade e facilidade ao acesso, criando mais oportunidades aos pequenos empreendedores.

Todo esse investimento, resultante da ampliação, fez crescer o número de bilheteria, colocando o Brasil na oitava posição no *ranking* dos países que participaram da pesquisa, em 2008 estava na décima quarta posição. A expansão do parque exibidor também fez crescer o procura por filmes brasileiros de forma expressiva.

Observemos na tabela abaixo o desenvolvimento de algumas das metas para 2020 e o que já foi alcançado em 2015.

Meta	2010	Meta 2015	Monitoramento 2015	Meta 2020	Cumprimento da meta
Expandir o circuito comercial de cinema	89.000 hab.\sala	61.000 hab.\sala	68.036	45.000 hab.\sala	90%
Aumentar o número de municípios brasileiros com complexos cinematográficos	179	269	160	358	59%
Expressa oferta de serviços de cinema pelos municípios brasileiros com ao menos um complexo	381	565	388	670	69%
Índice regional de habitantes por sala: Norte	165.000 hab.\sala	82.000 hab.\sala	90.065	50.000 hab.\sala	91%
Índice regional de habitantes por sala: Nordeste	200.000 hab.\sala	108.000 hab.\sala	126.816	60.000 hab.\sala	85%
Índice regional de habitantes por sala: Centro-Oeste	72.000 hab.\sala	56.000 hab.\sala	59.853	42.000 hab.\sala	94%
Índice regional de habitantes por sala: Sul	76.000 hab.\sala	55.000 hab.\sala	65.391	42.000 hab.\sala	84%
Índice regional de habitantes por sala: Sudeste	65.000 hab.\sala	48.000 hab.\sala	51.653	40.000 hab.\sala	93%
Número total de bilhetes vendidos no circuito comercial	134,8 milhões	175 milhões	172 Milhões 0,84\hab.	220 Milhões 1,07\hab.	99%

	0,69\hab.	0,88\hab.			
Número de salas com projeção digital	264	3.000	2.874	4.500	96%
Número de grupos exibidores nacionais com mais de 100 salas	1	6	4	8	67%
Número de projetos ou salas de cinema itinerante em operação	Não informado	10	Não informado	20	-
Número de municípios atendidos pelo circuito itinerante de cinema	Não informado	300	Não informado	500	-
Número de salas de cinema de propriedade pública	Não informado	150	Não informado	300	-

Tabela 11: PDM – levantamento de 2015  
Fonte: <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em: 25 fev. 2017

Muitas são as atitudes já iniciadas para a expansão da produção cinematográfica brasileira. Reconhecer a escola como parte tão abrangente e influente na sociedade, é o que faz com a que a Lei 13.006/14 determine ser este o espaço capaz de estreitar e fortalecer os vínculos com o cinema nacional.

Este trabalho não pretende formar consumidores para o cinema nacional mas sim apresentar aos estudantes envolvidos que não precisam, obrigatoriamente, seguir apenas ao padrão de filmes comercializados pelo cinema-indústria. Se reforçarmos o consumo, mesmo que unicamente de filmes brasileiros, estaremos retrocedendo à Pedagogia Tradicional, à qual impõe um padrão a ser seguido pelo aluno, sem proporcionar-lhes a decisão de escolha. A opção de utilizar a Lei do Cinema tem o intuito de fortalecer a relação de autoidentificação dos estudantes com a cultura local que estão imersos, aguçando sua curiosidade em pesquisar produções de acordo com seu interesse próprio, visando sua emancipação intelectual.

## CAPÍTULO II – CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS

Embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte) pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes “mais nobres”. Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (DUARTE, 2001, p. 87)

De alguma forma, o cinema sempre está presente nas escolas. Muitas vezes visto como puro entretenimento, utilizado para suprir a carência de disciplinas – o que também pensamos ser uma experiência válida, desde que, não se reforce a ideia de que “filme não é aula” e que essa não seja uma prática recorrente. Ao mesmo tempo, encontramos aulas previamente planejadas para que se obtenha uma melhor utilização dessas produções fílmicas que já acarretam possibilidades múltiplas de discussões, aguçando olhares sobre as situações que apresentam. Se encontramos esses espaços para o cinema nas escolas, abrindo mão de julgar a maneira como é aplicado/discutido/exibido, resta-nos uma pergunta: O cinema brasileiro, mais especificamente, está presente em sala de aula?

Ao menos, deveríamos encontrar mais relatos sobre exibições fílmicas nacionais em escolas, afinal, conforme já afirmado nessa dissertação, desde o ano de 2014 está assegurada a exibição de, no mínimo, 02 (duas) horas de filmes nacionais em toda Educação Básica. Se, por um lado, podemos dizer que esta Lei é recente e ainda tem muito a ser trabalhada e discutida no âmbito escolar, por outro lado, ela não surgiu instantaneamente. Em 2008, sua primeira versão já havia sido formulada com base em muitos debates e discussões, era o Projeto de Lei nº 185/2008 que, após muitos ajustes, transformou-se na “Lei do Cinema”; ainda recorrendo a meios legais para justificar que o cinema poderia e deveria ser mais presente nas escolas, podemos contar com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), que em diversos momentos, nos reforçam a ideia de trabalhar com as visualidades voltadas para “a diversidade de concepções estéticas da cultura que se dão nos níveis regionais, nacionais e internacionais” (BERINO[org.]2013, p.45).

Trabalhar visualidades ganha uma força cada vez maior, pois o fluxo de imagens que vivenciamos nos dias atuais, nunca foi tão intenso em toda história da humanidade. “Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e comunicação.” (JOLY, 2012, p. 55). A importância de se compreender essa linguagem, existente através da imagem, está atrelada a uma compreensão do desenvolvimento social e histórico do ser humano. A escola é responsável por dar subsídios aos estudantes, para que desenvolvam suas capacidades de maneira crítica, ou seja, interpretando, analisando e compreendendo o mundo no qual estão inseridos e que, inevitavelmente, está acharcado por imagens.

As imagens possuem um caráter formativo e assim são pensadas e utilizadas, porque, transmitem valores perspectivas, sentidos etc. desta forma, a Pedagogia da Imagem está imersa numa trama que atravessa a escola quanto às questões curriculares, didáticas e relacionadas às práticas de ensino e persiste fora dela na vida social, possibilitando que seja pensada sua simbiose com a existência, assim como o ensino escolar é relevante à constituição do potencial humano. Sendo assim, a busca pela ampliação deste campo do conhecimento está para além de mera instrumentalização, mas segue da necessidade de fazer com que a escola entenda que precisa acompanhar o acelerado ritmo da cidade, que precisa dar atenção às novas demandas tecnológicas, visto que metrópole, mídias e escola sustentam os estudantes no cenário social atual. (BERINO [org.], 2012, p.49)

Cinema envolve imagem em movimento e também possui uma linguagem própria. Torná-lo presente em sala de aula não significa dizer que este é o melhor caminho, mas sim, é apresentar uma possibilidade a mais para o aluno desenvolver sua autonomia, seu senso crítico e formação como cidadão. O cinema “constitui uma prática social importante que atua na formação geral das pessoas” (DUARTE,2002, p.14).

Trabalhar essa linguagem na educação é aprimorar nossa ‘competência para ver’, como nos diz Bourdieu (2011) que, além de estar atrelada a nossa experiência escolar, também depende do entrosamento que mantemos com as artes e a mídia.

Uma das maiores inspirações do cinema, sobretudo no gênero drama são os conflitos ocasionados por choques culturais, pelo convívio das diferenças sociais, raciais, étnicas e comportamentais. Como o objetivo da inclusão deste tema nas escolas é estimular a tolerância e construir, no plano educacional, o convívio democrático entre pessoas e grupos distintos em uma mesma sociedade, os filmes são uma das melhores fontes de debate e formação de valores. (NAPOLITANO, 2013, p. 55)

Um filme, utilizado em sala de aula, é uma experiência didática inacabada que precisa ser construída coletivamente em conversas com os alunos. Seu significado/sentido não encontra um fim em si mesmo, mas constrói tessituras coletivas, capazes de gerar formas de afeto quando externadas através da fala, levando a um compartilhamento de visões distintas sobre uma mesma obra, trilhando caminhos diferentes, que perpassam pelo seu objetivo central. “Segundo Roseli Pereira Silva (2007), o cinema é hoje um dos mais poderosos meios de comunicação de massa do nosso século, razão pela qual não se pode ignorar a força e o poder educativo oferecido por esse meio. Desse modo, o cinema, além de causar efeitos de vibração, atração, imaginação, emoção e fascínio, cria, sobretudo, conhecimento.” (ADÂO; BERINO, 2013, p. 134)

Com todo potencial oferecido pelo cinema, notamos uma urgência em fazer com que essa Arte seja cada vez mais presente nas unidades escolares. Sem pretendermos reforçar a ideia de que tal atitude virá para sanar todos os problemas da educação brasileira, mas que a prática de exibir filmes em escolas, principalmente nacionais, possa ser uma possibilidade a mais para o crescimento do aluno de maneira integral.

## **2.1 - O QUE TEM NA REDE? UMA BUSCA PELO CINEMA BRASILEIRO NA EDUCAÇÃO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**

A Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro disponibiliza diversos materiais pedagógicos (físicos e virtuais) de apoio aos professores, tais como livros, apostilas e páginas na internet. A rede também conta com um Cineclube. Mas será que o cinema brasileiro tem espaço na Prefeitura? Optamos por investigar os canais de comunicação mais divulgados para os educadores, a saber: Educopédia, Cineclube nas Escolas e o Caderno da Disciplina Projeto de Vida.

A Educopédia é uma plataforma virtual que fornece apoio aos educadores através de materiais didáticos para todas as disciplinas da rede.

O Cineclube nas Escolas desenvolve uma ação voltada para exibição e produção de filmes, proporcionando também, momentos de formação voltados para essa área.

O Caderno da Disciplina Projeto de Vida foi escolhido, pois este projeto foi desenvolvido nos tempos destinados à esta aula, que ocorre semanalmente em escolas de tempo integral.



Conhecer de forma mais detalhada essas propostas da Rede Municipal, nos permite entender melhor o atual cenário educacional enfocando a presença do cinema nacional em sala de aula, criando possibilidades mais reais para discutirmos tal assunto e estruturar nossa pesquisa.

## 2.2- EDUCOPÉDIA



Imagem 15 : Educopédia  
Fonte: <educopedia.com.br>. Acesso em: 14 jan. 2018.

Criada em 2011, trata-se de uma plataforma virtual online, que pode ser acessada por alunos e professores. Funciona como um material de apoio ao professor e reforço escolar aos alunos, não sendo obrigatória sua utilização. Seu material foi planejado de acordo com as orientações curriculares da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Os conteúdos estão divididos por anos escolares, abrangendo do 1º (primeiro) ano ao 9º (nono) ano do Ensino Fundamental e, ao acessar cada ano, encontramos uma divisão por disciplinas – cada uma com 32 (trinta e duas) aulas, de acordo com o número de semanas letivas, já descontadas aquelas destinadas às avaliações. Entre as disciplinas voltadas para o segundo segmento, ao qual este trabalho se direciona, temos:

## 6º (SEXTO) ANO:



Imagem 16: Educopédia 6º Ano  
Fonte: <educopedia.com.br>. Acesso em: 14 jan. 2018

## 7º (SÉTIMO) ANO :



Imagem 17: Educopédia 7º Ano  
Fonte: <educopedia.com.br>. Acesso em: 14 jan. 2018

## 8º(OITAVO) ANO:



Imagem 18: Educopédia 8º Ano  
Fonte: <educopedia.com.br>. Acesso em: 14 jan. 2018

## 9º (NONO) ANO:



Imagem 19: Educopédia 9º Ano  
Fonte: <educopedia.com.br>. Acesso em: 14 jan. 2018

Nessas disciplinas, as aulas são preparadas com a utilização do programa *Power Point* e apresentam recursos audiovisuais. Ao clicarmos nas sugestões encontradas, somos direcionados a outras páginas onde conseguimos visualizar tais produções, ou seja, não estão hospedados na página da Educopédia, apenas disponibilizam o *link* de acesso às exibições em outra página. Assistir a todas essas aulas não foi possível, mas analisamos uma boa parte delas e realizamos uma busca utilizando palavras-chave como: cinema, filme e outras. Das produções audiovisuais que acompanhamos, não encontramos filmes nacionais; geralmente, são gravações de algum jornal transmitido pela TV aberta - uma reportagem que aborda o mesmo tema da aula. Na disciplina Sustentabilidade, essas produções aparecem com mais frequência.

Na pasta do 9º (nono) ano, na disciplina de Artes, encontramos uma aula com o tema Cinema, que conta sua história de maneira geral, apresentando alguns de seus elementos, faz referências à *Hollywood* e *Bolywood*, aborda o surgimento do cinema nacional, com os seguintes objetivos: “compreender a história do cinema e como ele foi criado; entender como o cinema funciona; saber qual a diferença entre os vários estilos do cinema; exercitar a criatividade com o que você aprendeu.” (<educopedia.com.br>. Acesso em 14 jan. 2018). Todo o conteúdo desta única aula poderia ser desdobrado e melhor discutido, proporcionando mais momentos para um tema tão abrangente.

Por incrível que pareça, os meios educacionais ainda veem o audiovisual como mero complemento de atividades verdadeiramente educativas, como a leitura de textos, por exemplo, ou seja, como um recurso adicional e secundário em relação ao processo educacional propriamente dito. (DUARTE. P.20, 2002)

Após essa busca pelo conteúdo da Educopédia, não pretendemos julgar suas aulas como sendo de alta ou baixa qualidade; apenas constatamos que não há uma indicação/sugestão para que se utilizem produções fílmicas nacionais nas escolas. Em todo o conteúdo ofertado nesta plataforma, encontramos uma única aula com o tema Cinema, direcionada apenas ao último ano do Ensino Fundamental. De maneira contraditória, temos uma aula destinada a simplesmente apresentar um conteúdo histórico sobre o cinema mundial e, acanhado neste meio, o pouco espaço do cinema nacional, sem que se tenha um tempo destinado a assistir filmes. – Fui bolsista pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2017 e, uma das exigências do programa era preparar uma oficina destinada aos professores da Rede, abordando o tema do nosso projeto. Mas, antes dessa apresentação, minha oficina foi avaliada pelas professoras Luciana

Bessa, da Gerência de Mídia e Educação (GME), responsável pelo projeto Cineclube nas Escolas e Nívea Muniz Vieira, da Gerência Informação e Tecnologia (GITE), responsável pela Educopédia. Nesta ocasião tive a oportunidade de destacar justamente esse ponto discutido acima, a ausência do cinema nacional na Educopédia. Inclusive, sugeri que fosse criada uma pasta destinada somente a este tema, sem que se faça indicações ligadas diretamente a uma disciplina específica.

Partindo das observações realizadas após uma busca atenciosa pela Educopédia, notamos a presença muito tímida de informações acerca do cinema brasileiro, mas não encontramos indicações para o seu uso efetivo em sala de aula.

### 2.3- CINECLUBE NAS ESCOLAS



Imagem 20: Cineclube nas Escolas  
Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

O projeto Cineclube nas Escolas foi criado em 2008 e está presente em 252 (duzentas e cinquenta e duas) escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro; alimentando a intenção de estender-se para todas as unidades escolares. Atualmente, possui mais de 100 (cem) títulos de filmes distribuídos para cada unidade, além de contar também com 52 (cinquenta e dois) livros com temas ligados ao cinema. Suas ações são divulgadas através do blog [cineclubesmerj.blogspot.com.br](http://cineclubesmerj.blogspot.com.br). Como o projeto ainda não atende a todas as unidades escolares da rede, os cineclubes que funcionam como polos, emprestam às demais unidades o seu acervo, de acordo com o interesse de cada unidade. A escolas municipais já foram equipadas com aparelhagem capaz de realizar sessões fílmicas através de aparelho de projeção de imagens (*DataShow*), computador e caixa de som.

Em uma entrevista para Multirio, Luciana Bessa, responsável pelo Cineclube nas Escolas, fala sobre o objetivo principal deste projeto que é “Assegurar o acesso plural as experiências artísticas e culturais, que possam desenvolver nas crianças e nos próprios professores, porque a gente tá sempre atuando com estes dois segmentos, o pensamento crítico, a autonomia criativa, o gosto estético, então este é o objetivo maior do projeto”.

Acervo, Formação e Ação Cineclubista, são os eixos principais nos quais este projeto está estruturado. Explicaremos mais detalhadamente a responsabilidade competente a cada um deles.

O eixo Acervo engloba todo o equipamento de produção e exibição que são minimamente necessários para que a escola contemplada com o cineclube realize suas sessões e produza suas propostas. Essas unidades dispõem de 151 (cento e cinquenta e um) títulos de filmes e 68 (sessenta e oito) livros que abordam a temática cinema-educação e áreas afins. A listagem com essa relação de títulos está disponível no blog do Cineclube nas Escolas, a saber:

<b>Coleção Curta na Escola</b>	
1	Ilha das Flores; Barbosa
2	Negócio Fechado
3	O Lobisomem e o Coronel
4	Bichos Urbanos
5	Enquanto a tristeza não vem
6	Velha História e Xadrez das Cores

Tabela 12: Coleção Curta na Escola  
 Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

<b>Coleção Curtas Infantis</b>	
1	Animando
2	Tem boi no trilho
3	Precipitação
4	Meow
5	A Casa
6	Aquarela
7	Docinhos
8	O Natal dos Burrinhos
9	A Rosa
10	Os olhos do pianista

11	Tyger; Vrruumm!!!
12	Historietas Assombradas
13	A moça que dançou depois de morta
14	Alma Carioca – Um choro de menino
15	Uma história de futebol
16	Maré Capoeira
17	O céu de Iracema
18	A invenção da infância
19	Clandestina Felicidade
20	A pessoa é para o que nasce.

Tabela 13: Coleção Curtas Infantis

Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

<b>Coleção Curtas Animação</b>	
1	Minhocas
2	Para chegar até a lua
3	Calango!
4	A Noite do Vampiro
5	Pax
6	Homem Estátua
7	Disputa entre o Diabo e o Padre
8	O Arraial
9	Leonel Pé de Vento
10	Até o Sol Raiá
11	A Traça Teca
12	Mocó Jack
13	A Ilha
14	Josué e o Pé de Macaxeira
15	Rua das Tulipas
16	Os Irmãos Willians
17	Espantalho
18	Eu queria ser um monstro
19	Frankestein punk
20	Ícarus
21	Imagine uma menina com cabelos de Brasil
22	Mão de mãe
23	Novela
24	O anão que virou gigante
25	Pajerama
26	Passo
27	Ratos de rua

Tabela 14: Coleção Curtas Animação

Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

<b>Coleção Curta Documentário</b>	
1	Brevíssima História das Gentes de Santos
2	Capivara!
3	Cemitério da Memória-Fragmentos da Vida Cotidiana
4	Afinação da Interioridade
5	Metamorfose
6	Estrela de oito pontas
7	Criaturas que Nasciam em Segredo
8	Santa Helena em Os Phantasmas da Botija
9	Belmonte
10	Idéias do povo
11	Pequenos tormentos de vida
12	Por acaso Gullar
13	Práira Jô. Depois do ovo, a guerra

Tabela 15: Coleção Curta Documentário

Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

<b>Coletânea Ficção</b>	
1	O rapto das cebolinhas
2	Galinha ao molho pardo
3	O sumiço do amigo invisível
4	O moleque
5	Picolé, Pintinho e Pipa
6	Meus amigos chineses
7	A peste de Janice
8	Mr. Abrakadabra!
9	Dona Carmela
10	Tudo o que é sólido pode derreter
11	Morango com limão
12	Alice
13	Truques, xaropes e outros artigos de confiança
14	Onde quer que você esteja
15	Morte
16	Rota de Colisão
17	Ensaio
18	Raul da Ferrugem Azul
19	Mãos ao Vento e Olhos de Dentro
20	Carreto
21	Dedicatórias
22	Ernesto no país do futebol
23	Mentira
24	O sete trouxas
25	Parque de diversões

Tabela 16: Coletânea Ficção

Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018



<b>Sessão Curta o Curta</b>	
1	O sapo; O mistério do cachorrinho perdido
2	Cinco poemas concretos
3	Peixe frito.
4	Mini Cine Tupy
5	Eu sou como o polvo
6	Ancestral é aqui
7	Para que olhos tão grandes?
8	Por Causa do Papai Noel
9	A História de Cada Um
10	Risco
11	Mondego
12	Autoconhecimento
13	Justiça emplaca
14	De ovos e guarda-chuvas
15	O Sol e a Chuva
16	Cattum
17	Quando Jorge foi à guerra
18	A menina que pescava estrelas
19	Ele – Noel Rosa
20	Fiat Lux
21	Libertas
22	O burrico e o bem te vi
23	Tentáculos
24	A Dama do Peixoto
25	Kinopoéticas – Katari/Kamina
26	Moradores do 304
27	O gigante de papelão

Tabela 17: Sessão Curta o Curta

Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

<b>Coleção Curtas da Casa</b>	
1	O Sanduíche
2	Ângelo anda sumido
3	Veja bem
4	A Matadeira
5	Esta não é sua vida
6	Memórias
7	Extras: Depoimento de Jorge Furtado e Making of A Matadeira
8	Dona Cristina perdeu a memória
9	Três minutos
10	Ventre Livre
11	Trampolim

12	Batalha Naval
13	Extras: Depoimento de Ana Luiza Azevedo e Making of Dona Cristina

Tabela 18: Coleção Curtas da Casa  
 Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

<b>Curtas</b>	
1	A festa que caiu do Céu
2	Morro da Conceição
3	A escada
4	A poesia de Manoel de Barros
5	Só dez por cento é mentira

Tabela 19: Curtas  
 Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

<b>Outras Obras Audiovisuais</b>	
1	Narradores de Javé
2	Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá
3	Os anos JK – uma trajetória política.
4	Jango
5	Milton Santos, pensador do Brasil
6	Glauber o filme, labirinto do Brasil
7	Retrato falado do poeta Castro Alves
8	Utopia e Barbárie
9	Rio de Machado
10	Cuidado que mancha
11	O contador de histórias
12	Tapete vermelho
13	Língua - Vidas em Português
14	Pro dia nascer feliz
15	A língua das coisas

Tabela 20: Outras Obras Audiovisuais  
 Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

<b>ACERVO DE LIVROS ADQUIRIDOS DESDE 2008</b>	
<b>2008</b>	
1	O Olho interminável - Jacques Aumont - Editora: Cosac & Naify.
2	O olhar e a cena - Ismail Xavier - Editora: Cosac & Naify.
3	Cinema e a invenção da vida moderna - Leo Charney - Editora:

	Cosac & Naify.
4	Robert Capa: Fotografias - Robert Capa - Editora: Cosac & Naify.
5	Agora eu era – Coleção Arte na Escola - Anamelia Bueno Buoro - Editora: Ibep.
6	O outro lado da moeda – Coleção Arte na Escola - Anamelia Bueno Buoro –Ed.: Ibep.
7	De todos um pouco – Coleção Arte na Escola - Anamelia Bueno Buoro - Editora: Ibep.
8	Histórias que a história não contou - Paulo Machado de Carvalho Filho - Editora: Ibep.
9	Pré-cinemas & pós-cinemas - Arlindo Machado - Editora: Papyrus.
10	Jogos eletrônicos:Diversão,poder e subjetivação - Cláudio Lúcio Mendes – Ed.: Papyrus
11	O olhar - Vários Autores - Editora: Companhia das Letras.
12	A Imagem - Jacques Aumont - Editora: Papyrus.
13	Arte e mídia - Arlindo Machado - Editora Jorge Zahar.
14	Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do currículo - Tomaz Tadeu da Silva - Editora: Autêntica.
15	Cinema e Educação - Rosália Duarte - Editora: Autêntica.
16	Televisão & Educação – Fruir e Pensar a TV - Rosa Maria B. Fischer – Ed.: Autêntica.
17	Imagens e Sons: A nova cultura oral - Milton José de Almeida - Editora: Cortez.
18	Rede Imaginária -Televisão e Democracia - Vários Autores - Editora: Cia das Letras.
19	Lendo Imagens - Alberto Manguel - Editora: Cia das Letras.
20	Esculpir o tempo – Tarkowski – Editora: Martins Fontes.
21	O mestre ignorante – Jacques Rancière – Editora: Autêntica.
22	Cinema como prática social – Graeme Turner – Editora: Summus.
23	A linguagem secreta do cinema – Jean-Claude Carrière – Editora: Nova Fronteira.
24	O último trem – Marcos Simas – Editora: Vieira & Lent.
<b>2009</b>	
1	O Olho interminável - Jacques Aumont - Editora: Cosac & Naify.
2	O olhar e a cena - Ismail Xavier - Editora: Cosac & Naify.
3	Robert Capa: Fotografias - Robert Capa - Editora: Cosac & Naify.
4	Agora eu era – Coleção Arte na Escola - Anamelia Bueno Buoro - Editora: Ibep.
5	O outro lado da moeda – Coleção Arte na Escola - Anamelia B. Buoro -Editora: Ibep.
6	De todos um pouco – Coleção Arte na Escola - Anamelia Bueno Buoro - Editora: Ibep.
7	Histórias que a história não contou - Paulo Machado de Carvalho Filho - Editora: Ibep.

8	Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do currículo - Tomaz Tadeu da Silva - Editora: Autêntica.
9	Cinema e Educação - Rosália Duarte - Editora: Autêntica.
10	Televisão & Educação – Fruir e Pensar a TV - Rosa Maria B. Fischer – Ed.: Autêntica.
11	Imagens e Sons: A nova cultura oral - Milton José de Almeida - Editora: Cortez.
12	Rede Imaginária -Televisão e Democracia - Vários Autores - Editora: Cia das Letras.
13	Lendo Imagens - Alberto Manguel - Editora: Cia das Letras.
14	Esculpir o tempo – Tarkowski – Editora: Martins Fontes.
15	O mestre ignorante – Jacques Rancière – Editora: Autêntica.
16	Cinema como prática social – Graeme Turner – Editora: Summus.
17	A linguagem secreta do cinema – Jean-Claude Carrière – Editora: Nova Fronteira.
18	O último trem – Marcos Simas – Editora: Vieira & Lent.
<b>2010</b>	
1	O Olho interminável - Jacques Aumont - Editora: Cosac & Naify.
2	O olhar e a cena - Ismail Xavier - Editora: Cosac & Naify.
3	Robert Capa: Fotografias - Robert Capa - Editora: Cosac & Naify.
4	Agora eu era – Coleção Arte na Escola - Anamelia Bueno Buoro - Editora: Ibep.
5	O outro lado da moeda – Coleção Arte na Escola - Anamelia B. Buoro - Editora: Ibep.
6	De todos um pouco – Coleção Arte na Escola - Anamelia Bueno Buoro - Editora: Ibep.
7	Histórias que a história não contou - Paulo Machado de Carvalho Filho - Editora: Ibep.
8	Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do currículo - Tomaz Tadeu da Silva - Editora: Autêntica.
9	Cinema e Educação - Rosália Duarte - Editora: Autêntica.
10	Televisão & Educação – Fruir e Pensar a TV - Rosa Maria B. Fischer – Ed.: Autêntica.
11	Imagens e Sons: A nova cultura oral - Milton José de Almeida - Editora: Cortez.
12	Rede Imaginária -Televisão e Democracia - Vários Autores - Editora: Cia das Letras.
13	Lendo Imagens - Alberto Manguel - Editora: Cia das Letras.
14	Esculpir o tempo – Tarkowski – Editora: Martins Fontes.
15	O mestre ignorante – Jacques Rancière – Editora: Autêntica.
16	Cinema como prática social – Graeme Turner – Editora: Summus.
17	A linguagem secreta do cinema – Jean-Claude Carrière – Editora: Nova Fronteira.
18	O último trem – Marcos Simas – Editora: Vieira & Lent.

2011:	
1	Esporte e Cinema: novos olhares – Victor A. de Melo e Maurício Drumond - Editora Apicuri
2	Os quatro baianos porretas – Silvio Tendler - Editora Garamond
3	Cacá Diegues / Coleção Álbum de Retratos e Imagem – Nelson Sargento -Editora Memória Visual
4	Lanfranco Vaselli / Coleção Álbum de Retratos e Imagem – Antonio Pedro - Editora Memória Visual
5	Walter Firmo / Coleção Álbum de Retratos e Imagem – Cora Ronai - Editora Memória Visual
6	Obras Escolhidas 1 / A imagem e técnica, arte e política – Walter Benjamin - Editora Brasileira
7	Obras Escolhidas 2 / Rua de mão única - Walter Benjamin - Editora Brasileira
8	O que é cinema – Jean-Claude Bernardet - Editora Brasileira

Tabela 21: Acervo de Livros

Fonte: < cineclubesmerj.blogspot.com >. Acesso em: 15 jan. 2018

O eixo Formação promove debates, mesas redondas e cursos no decorrer no ano, possibilitando a participação de professores e alunos em discussões voltadas para o cinema na educação. Criado pela equipe do *Anima Mundi*, projeto Anima Escola ensina a linguagem da animação a professores e alunos através de oficinas e cursos, oferecendo ferramentas técnicas apropriadas para a realização de filmes de animação de forma autônoma, uma parceria antiga com a Prefeitura do Rio de Janeiro que fortalece esse eixo e produz bons resultados.

O eixo Ação Cineclubista é responsável pelas exibições fílmicas nas escolas. Com a orientação de sempre realizar um debate após o filme, não impondo que todos se expressem oralmente, mas é necessário que haja esse espaço para a fala após as sessões. Há o espaço para os alunos realizarem suas próprias produções audiovisuais coletivas, sob a orientação de um professor que recebeu formação para tal atividade. Através do projeto Cineclube nas Escolas, essas produções são inscritas para concorrer em festivais. Quando são aceitas, o projeto se compromete em levar os alunos produtores para assistirem sua obra, garantindo o transporte para o evento.

Tendo como um de seus principais teóricos Alain Bergala, o projeto busca proporcionar não apenas a exibição de filmes, mas também a produção; para que os alunos possam compreender e se apropriar mais significativamente da linguagem do cinema.

O acervo do Cineclube nas Escolas apresenta muitos títulos nacionais, valorizando as produções fílmicas brasileiras e contribuindo na divulgação e ampliação do acesso a essas obras.

## 2.4- CADERNO DA DISCIPLINA PROJETO DE VIDA

As exibições fílmicas desta pesquisa foram realizadas nos tempos destinados à disciplina Projeto de Vida, que é recente na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, presente apenas nas escolas de turno integral de 07 (sete) horas.

A partir de 2009, a Prefeitura do Rio começou um projeto de reorganização do ensino em toda rede. As unidades passaram a ser dispostas de acordo com 03 (três) ciclos: Os Espaços de Educação Infantil (EDIs) – abrangendo a creche e a pré-escola; as Escolas de Primário – que abrangem do 1º (primeiro) ao 6º (sexto) ano do Ensino Fundamental, incluindo mais um ano de escolaridade ao primeiro segmento desta etapa do ensino, nomeando-o como 6º (sexto) ano experimental; e, os Ginásios – que abrangem do 7º (sétimo) ao 9º (nono) ano do Ensino Fundamental. Essa reorganização busca uma ampliação da grade curricular específica para determinadas faixas etárias e a ampliação do turno único na rede. Ainda não é uma realidade para todas as escolas municipais, mantendo-se unidades em 02 (dois) ou 03 (três turnos), de 04 (quatro) horas e meia diárias e funcionando concomitantemente com todos os anos do Ensino Fundamental.

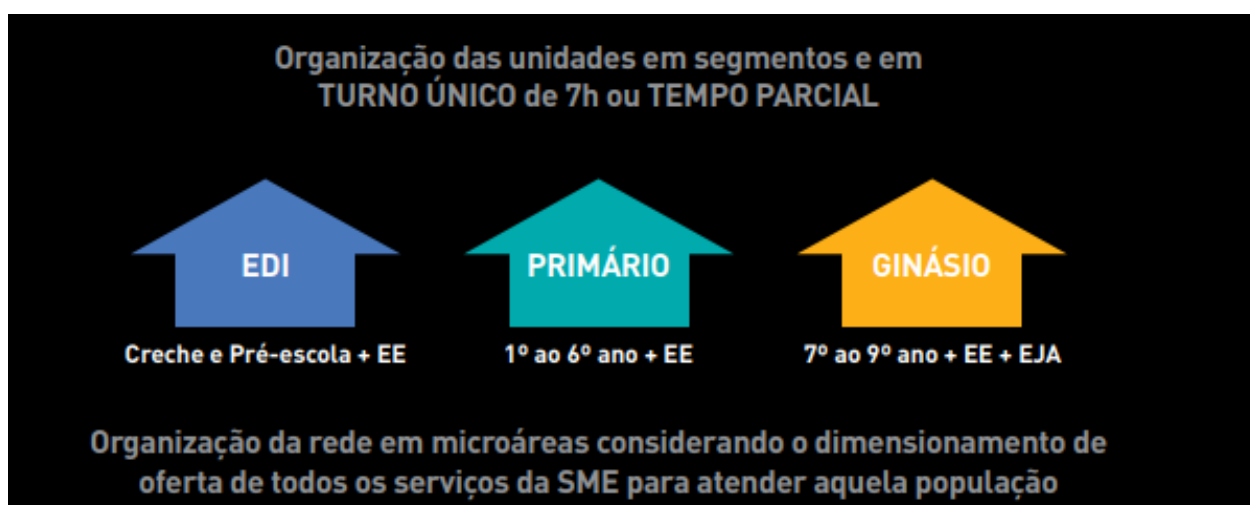


Imagem 21: Organização das Unidades  
Fonte: < rio.rj.gov.br >. Acesso em: 05 mar. 2018

Desde 2011, a Secretaria Municipal de Educação, sempre comprometida com a educação plena de seus alunos, no viés da educação integral em tempo integral, apresenta como mote da proposta de Turno Único, trabalhar com os alunos de forma omnilateral \_ refere-se a uma formação humana oposta à formação unilateral provocada pelo trabalho alienado. Nesse sentido, apresenta três eixos de organização: excelência acadêmica, autonomia e educação para valores. Para isso se estabeleceu, por meio de diálogo com o campo, a Matriz Curricular específica para escolas de Turno Único-Resoluções 1178 de fevereiro de 2012 e Resolução nº 1317 de 28 de outubro de 2014. Essa Matriz Curricular é o documento que orienta o trabalho pedagógico qualificado, em todos os seus níveis – planejamento, metodologia, avaliação – de forma a garantir uma aprendizagem significativa e integradora a partir de aspectos diferenciados, a saber: estudo dirigido, atividades eletivas e projeto de vida.<rioeduca.net>. Acesso em: 10 out 2017)

As escolas que agora funcionam como “Ginásio” possuem turno único de 07 (sete) horas, atendendo aos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental. Algumas unidades ainda atendem ao 6º (sexto) ano, outras atendem apenas do 7º (sétimo) ano em diante. A imagem abaixo, nos permite uma melhor visualização de como ficou a nova distribuição de disciplinas para este segmento.

MATRIZ CURRICULAR PARA O ENSINO FUNDAMENTAL DE TEMPO INTEGRAL		GINÁSIO (2015)		
DISCIPLINAS		7º Ano	8º Ano	9º Ano
Base Nacional	Língua Portuguesa	6	6	6
	Matemática	6	6	6
	Ciências	4	4	4
	Geografia	3	3	3
	História	3	3	3
	Linguagens Artísticas	2	2	2
	Educação Física	3	3	3
Parte Diversificada	Língua Estrangeira: - Inglês	2	2	2
	Estudo Dirigido	2	2	2
	Projeto de Vida	2	2	2
	Eletivas (2 tempos por Disciplina)	2	2	2
	<b>TOTAL DE TEMPOS SEMANAL</b>	<b>35</b>	<b>35</b>	<b>35</b>
Reforço Escolar	(+)	(+)	(+)	
Outros Componentes	(+)	(+)	(+)	

Legenda:  
 + = presença da disciplina para trabalho do professor da turma;  
 (+) = disciplina que pode ser ministrada por professor, estagiário, oficinairo ou voluntário, além do horário da Matriz Curricular.

Imagem 22: Matriz Curricular  
 Fonte: <rioeduca.net>. Acesso em: 10 out. 2017

A disciplina Projeto de Vida, assim como as demais disciplinas da Rede, possui um caderno com orientações para o trabalho em sala de aula. Este material foi desenvolvido por um coletivo de profissionais ligados à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), é parte de um referencial criado para atender a esta nova reorganização dos ciclos escolares, intitulado: Ginásio Carioca: uma proposta de educação integral na cidade do Rio de Janeiro; composto por 10 (dez) Cadernos: (01) Ginásio Carioca: uma proposta de educação integral na cidade do Rio de Janeiro; (02) Modelo de Gestão do Ginásio Carioca; (03) Protagonismo Juvenil; (04) Eletivas; (05) Projeto de Vida; (06) Estudo Dirigido; (07) Guia de Aprendizagem; (08) Acolhimento dos alunos do Ginásio Carioca; (09) Acolhimento dos professores do Ginásio Carioca; (10) CD de Boas Práticas do Ginásio Carioca.

Analisando a disciplina Projeto de Vida, vemos que seu Caderno desdobra-se em 02 (dois) momentos. O primeiro é voltado exclusivamente ao professor, traz informações que são a base desta aula, com sua fundamentação teórica, seus objetivos, características e orientações curriculares específicas para cada ano escolar, planejamento semestral e bimestral e perfil do professor. O segundo caderno apresenta as propostas para serem desenvolvidas com os alunos em sala, com sugestões de aulas e planejamentos.

A proposta do primeiro caderno fundamenta-se no relatório *Educação: Um Tesouro a Descobrir* da Comissão Internacional sobre *Educação para o Século XXI* da UNESCO, com base nos quatro pilares para Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Dando destaque ao título “Pedagogia da Presença”, que busca a valorização não apenas da presença física do professor e do aluno, mas da relação educador-educando, na tentativa de torná-la mais próxima. “Dessa forma, fazer-se presente na vida do educando é essencial na ação educativa e a presença é o conceito central, o instrumento chave e o objetivo maior desta pedagogia” (Caderno Projeto de Vida, p.11). Também valoriza questões ligadas ao trabalho com habilidades socioemocionais, psicologia positiva, autorregulação, metacognição e autoeficácia. Seu objetivo principal está pautado no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD),

O Projeto de Vida, de acordo com essa concepção ampliada de educação, suscita no aluno o desejo de continuar a aprender e o leva a prosseguir com os estudos no sistema formal de ensino. Pretende, ao longo de três anos, propiciar aprendizagens que tornem seus alunos aptos a desenvolverem o seu potencial, por meio de outras habilidades e competências que os



possibilitem acreditar em si mesmos, sonhar e, a partir de seus próprios desejos, se formarem enquanto aluno competente, autônomo, crítico e solidário a ingressar no ensino médio levando consigo um Projeto de Vida. (<rioeduca.net>. Acesso em: 10 out. 2017)

Além do seu objetivo maior, apresenta ainda, aqueles que são específicos para cada ano de escolaridade que atende, detalhando o que se pretende trabalhar com as turmas no decorrer do ano letivo de modo geral e, em cada bimestre especificamente.

Objetivos para o 7º (sétimo) ano:

- Criar regras de convivência, respeitando-as e mantendo-as atualizadas;
- Iniciar o processo de criação do registro de seu Projeto de Vida com metas e objetivos;
- Trabalhar o autoconhecimento e a autoestima dentro de seu contexto familiar, social e cultural;
- Desenvolver o sentimento de preservação e conservação do meio ambiente, a começar pelo ambiente escolar;
- Desenvolver o processo de construção identitária;
- Trabalhar e refletir os valores para um bom convívio social. (<rioeduca.net>. Acesso em: 10 out. 2017)

Objetivos para o 8º (oitavo) ano:

- Revisar e reafirmar as regras de convivência, respeitando-as e mantendo-as atualizadas;
- Trabalhar o autoconhecimento e a autoestima dentro de seu contexto familiar, social e cultural;
- Promover a autocrítica no processo de construção identitária;
- Compreender o espaço escolar como ambiente de construção do conhecimento;
- Trabalhar o pensamento crítico em relação à sociedade e a si mesmo;
- Refletir sobre o seu papel social enquanto sujeito dentro de uma coletividade;
- Desenvolver a noção da importância do autocuidado e estabelecer uma relação com seus projetos de futuro;
- Exercitar sonhos, desejos e ambições;
- Iniciar um trabalho de conscientização em relação às perspectivas de futuro e possíveis profissões. (<rioeduca.net>. Acesso em: 10 out. 2017)

Objetivos para o 9º (nono) ano:

- Revisar e reafirmar as regras de convivência, respeitando-as e mantendo-as atualizadas;
- Ajudar o aluno a reconhecer diferentes possibilidades que contemplem seus sonhos;
- Formar alunos com desejos de ingressar em escolas de excelência acadêmica e que contemplem seus sonhos e projetos de vida;
- Ajudar alunos egressos (que desejem retornar a escola) e que eles sejam exemplos inspiradores;
- Valorizar o currículo oculto do aluno, descobrindo aptidões e estimulando-os para novas perspectivas;

- Aprofundar conhecimento sobre alternativas e possibilidades para prosseguir nos estudos;
- Auxiliar na identificação de vocações e aptidões pessoais, possibilitando a compreensão das especificidades de cada profissão;
- Aprofundar aspectos referentes ao mundo do trabalho e futuras profissões, como: pré-requisitos, preenchimento de formulários, interpretação de editais de concursos, locais de formação e especialização profissional, salários e benefícios e confecção de currículo *vitae*;
- Estimular o pensamento crítico, a autocrítica e a reflexão pessoal;
- Registrar o seu Projeto de Vida estabelecendo metas e objetivos. (<rioeduca.net>. Acesso em: 10 out. 2017)

Como nos mostra o Caderno desta disciplina, sua intenção é tornar os sonhos e objetivos pessoais dos alunos em um projeto concreto, por isso, conta com um componente curricular de 02 (dois) tempos semanais e com um professor que se encaixe no perfil detalhado deste Caderno, com qualidades que incluem ser carismático, inovador, criativo, aberto a novidades, sensível, motivador e “sobretudo, um professor que acredite no Projeto de Vida e sua importância para a formação do aluno”(<rioeduca.net>. Acesso em: 10 out. 2017). Há também uma indicação para que se trabalhe articulando a disciplina aos Temas Transversais. Num quadro síntese, disponível neste Caderno, podemos observar as características desta disciplina:

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Dois tempos semanais consecutivos</li> <li><input type="checkbox"/> Orientações Curriculares para cada ano de escolaridade</li> <li><input type="checkbox"/> Ministradas por professor com perfil para lecionar esse componente curricular</li> <li><input type="checkbox"/> Agrupamento das turmas de acordo com os anos de escolaridade</li> <li><input type="checkbox"/> Tempo-Espaço para elaboração de Projetos Concretos individuais e coletivos e o Projeto de Vida de cada aluno</li> <li><input type="checkbox"/> Realização de Culminâncias</li> <li><input type="checkbox"/> Avaliação do aluno de acordo com o resultado/processo apresentado nas Culminâncias</li> </ul> |
|---|

(<rioeduca.net>. Acesso em: 10 out. 2017)

O segundo caderno traz os detalhes das sugestões de aulas e planejamentos também de acordo com cada ano que atende. Conta com um total de 32 (trinta e duas) aulas para o 7º (sétimo) ano, 33 (trinta e três) aulas para o 8º (oitavo) ano e 31 (trinta e uma) aulas para o 9º ano. Todas com objetivo, atividade proposta e descrição das atividades.

Para o 7º (sétimo) ano, são descritas 32 (trinta e duas) aulas, das quais encontramos 03 (três) que sugerem a exibição de trechos de filmes, a saber:

Aula 02 - trecho do filme “O Paizão”, uma comédia dirigida por Dennis Dugan, com duração de 01h (uma hora) e 33 mim (trinta e três minutos), conta a história de um

homem formado em Direito que não exerce a profissão por preguiça, trabalha num pedágio e está cansado de ser dispensado pelas mulheres por ser imaturo. Na tentativa de mostrar que elas estão erradas, aos 32 (trinta e dois) anos, adota uma criança de 05 (cinco) anos. A partir dessa nova realidade, percebe que sua atitude demanda mais responsabilidades do que esperava.

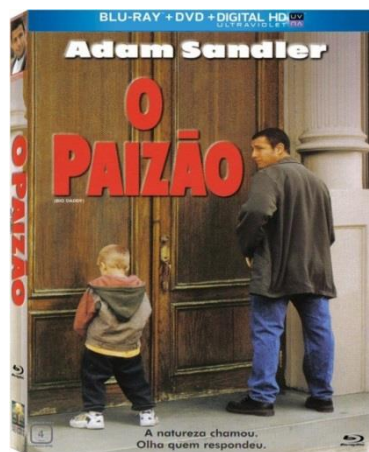


Imagem 23: Filme- O Paizão

Fonte:<[blurayemtorrent.blogspot.com](http://blurayemtorrent.blogspot.com)>. Acesso em: 10 jan. 2018

Aula 14 – trecho do filme “*Supersize me*”, um documentário de longa-metragem, no qual o próprio diretor do filme, Morgan Spurlock, é a cobaia de uma experiência: se alimentar apenas na rede *McDonald’s* durante um mês, realizando 03 (três) refeições diárias, com o intuito de mostrar os efeitos deste tipo de alimentação em seu corpo, expondo suas consequências físicas e mentais;

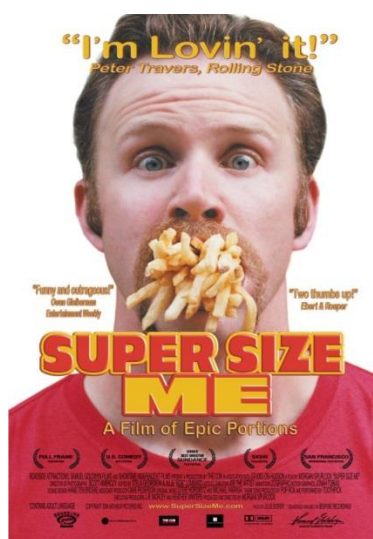


Imagem 24: Filme- *Supersize me*

Fonte:<[ideiasnamesa.blogspot.co](http://ideiasnamesa.blogspot.co)>. Acesso em: 10 jan. 2018

Aula 27 – trecho do filme “Um Homem de Família”, envolve os gêneros comédia, fantasia e drama, dirigido por *Brett Ratner*, conta a história de um homem solteiro e entediado, que começa a imaginar como seria sua vida se estivesse casado com uma namorada que teve no passado. Um dia ele acorda e se vê dentro de tudo que imaginou. Todos os trechos de filmes sugeridos pertencem a títulos produzidos pelos Estados Unidos.



Imagem 25: Filme- Um Homem de Família  
Fonte:<adorocinema.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2018

Para o 8º (oitavo) ano, são propostas 33 (trinta e três) aulas, sendo 05 (cinco) delas com sugestões de trechos fílmicos.

Aula 02 – trecho do filme “Invictus”, dirigido por *Clint Eastwood*, utiliza o gênero drama para falar de Nelson Mandela no período pós-Apartheid da África do Sul. Liberado recentemente da prisão, é eleito como presidente e busca uma tentativa de unir a população utilizando o esporte, dada a proximidade com a Copa do Mundo de *Rúgbi* de 1995;



Imagem 26: Filme- Invictus  
Fonte:<adorocinema.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2018

Aula 14 – trecho do filme “Shrek II”, um desenho que explora o gênero comédia, possui 03 (três) diretores: *Andrew Adamson, Kelly Asbury e Conrad Vernon*. Dando continuidade ao *Shrek I*, a princesa Fiona vai conhecer seus pais que ainda não sabem que ela se tornou uma ogra e não se casou com o príncipe, mas sim com o *Shrek*, também um ogro;



Imagem 27: Filme- Shrek 2

Fonte:<adorocinema.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2018

Aula 18 – trecho do filme “Depois de Horas”, uma comédia dirigida por *Martin Scorsese*, lançada em 1985. É a história de um operador de computador que não gosta de seu emprego, numa noite sai de casa para ler em uma lanchonete onde conhece uma mulher e fica muito interessado por ela. Acabando por marcar um encontro em um apartamento e, a partir de sua ida até o local, acontecem muitas coisas desagradáveis.

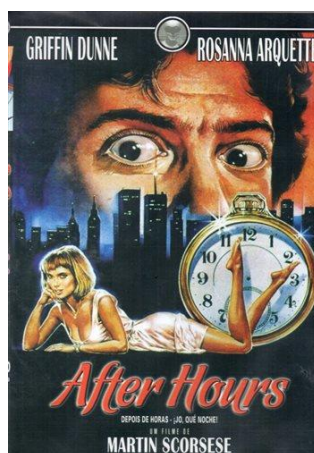


Imagem 28: Filme- Depois de Horas

Fonte:<eovideolevou.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2018

Aula 25 – trecho do filme A história de Zico, um documentário de Elizeu Ewald, conta toda a história de superação vivida por Zico, Arthur Antunes Coimbra, maior artilheiro do time Flamengo, para se tornar um ídolo do futebol brasileiro. Encerrou sua carreira no Japão, onde até hoje é admirado por muitos.



Imagem 29: Filme- Zico

Fonte:<tvbrasilebc.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2018

Aula 28 – Trechos do filme “Terapia de Choque”, traduzido para o Português do Brasil como “Tratamento de Choque”. Dirigido por *Peter Segal*, uma comédia que conta a história de Dave, um homem pacato até demais que é inscrito por sua noiva, sem saber, numa terapia para o tratamento da raiva. Seu terapeuta o confronta de muitas maneiras estranhas, até que ele consegue externar toda raiva que segura dentro de si.



Imagem 30: Filme- Tratamento de Choque

Fonte:<adorocinema.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2018

Para o 9º ano, são apresentadas 31 (trinta e uma) aulas, das quais 03 (três) se destinam à exibição de trechos de filmes.

Aula 13 – trecho do filme “Malcolm X”, dirigido por *Spike Lee*, envolve os gêneros biografia e drama para contar a história de um líder afro-americano que teve seu pai assassinado e sua mãe internada por insanidade. *Malcolm* foi preso e se converteu ao islamismo, mas prega uma doutrina de ódio até fazer uma peregrinação e mudar suas convicções.

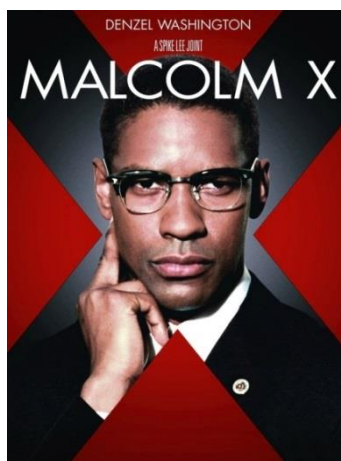


Imagem 31: Filme- Malcolm X  
Fonte:<goldenglobes.com>. Acesso em: 10 jan. 2018

Aula 20 - Trecho do filme “Uma Segunda Chance”, um drama dirigido por *Mike Nichols*. Um advogado, extremamente rígido com sua família, vive um casamento de aparências. Trata as pessoas com frieza e egoísmo, até o dia em que sofre um assalto e é baleado. Sua recuperação lenta o faz repensar todo seu comportamento.

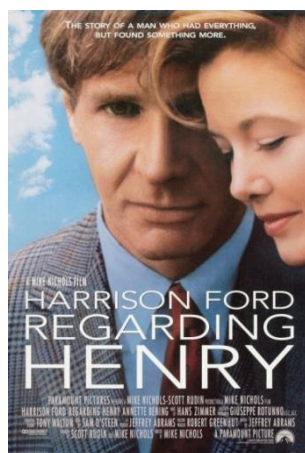


Imagem 32: Filme- Uma Segunda Chance  
Fonte:<saladeexibicao.com>. Acesso em: 10 jan. 2018

Aula 25 - Trecho do filme “Homem-Aranha”, dirigido por *Sam Raimi*, envolve fantasia e ação para contar a história do jovem *Peter Parker*. Muito tímido, mora com seus tios desde que seus pais faleceram. Um acidente faz com que uma aranha modificada geneticamente o pique, dando-lhe habilidades incomuns. Decide por usar esses poderes para lutar contra o mal.



Imagem 33: Filme- Homem-Aranha

Fonte:<capasdefilmes.br.blogspot. com>. Acesso em: 10 jan. 2018

Analisando todas as aulas descritas para atender aos 03 (três) anos finais do Ensino Fundamental, encontramos um total de 11 (onze) aulas com sugestões fílmicas. Nelas ainda há a carência de um espaço mais amplo para a divulgação e o trabalho com o cinema de um modo geral, pois apenas indicam a exibição de trechos de determinados filmes. Quando trazemos o foco para as produções nacionais, encontramos somente uma indicação, o filme *A História de Zico*, também com indicações para que se assista a partes do filme. Entendemos que, por muitas vezes, é necessário exibir apenas trechos de uma produção, pois podem conter cenas inapropriadas para a faixa etária deste segmento ou não haver tempo suficiente para passar o filme por completo. Mas precisamos destacar que este é um planejamento que perdura por 03 (três) anos. Pensar um espaço adequado para essas exibições faz-se fundamental.

A indicação do único filme brasileiro vem com a seguinte proposta de trabalho:

**Objetivo:** proporcionar a reflexão e vivência sobre formas positivas de se enfrentar as adversidades, trabalhando a partir de exemplos reais de pessoas com histórico semelhante aos alunos do Ginásio Carioca que superaram grandes adversidades e conquistaram seu sonho. Possibilitar uma identificação positiva dos adolescentes com esses exemplos.

**Atividade proposta:** vídeo sobre a história de Zico.



**Descrição das atividades:** exibição de trecho de vídeo sobre Zico, especialmente abordando sua recuperação após grave contusão em jogo contra o Bangu. Debate, na turma, sobre outros exemplos de superação e os meios usados pelas pessoas para atingirem a superação.

(<rioeduca.net>. Acesso em: 10 out. 2017)

Com o claro objetivo de buscar uma identificação entre os alunos e o filme assistido, por que não exibi-lo por completo? Pensamos que, exibir apenas trechos do filme, pode não ser o suficiente para que haja um envolvimento mais abrangente do aluno com a história em si. Optar por trabalhar apenas com partes do filme, pode gerar um sentimento confuso, causando uma incompletude no sentido final. Num planejamento trienal com 96 (noventa e seis) aulas, em que o cinema brasileiro aparece em apenas uma, era merecida uma posição de maior destaque, com atividades que explorassem mais ricamente suas potencialidades. Certamente, ao trabalharmos com o desenrolar da trama por inteiro, alcançaremos uma forma de afeto diferente, mais esclarecida, numa mais completa estrutura comunicativa e estética.

## 2.5- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA



Imagem 34: Escola Municipal Adalgisa Nery  
Fonte: Acervo pessoal da autora

A Escola Municipal Adalgisa Nery, localizada no Conjunto São Fernando, Rua Eduardo D'Aguiar Filho - s/n, Santa Cruz - RJ, foi fundada em 13 de junho de 1987, para atender uma nova demanda: filhos de trabalhadores das fábricas localizadas nessa região.

O bairro de Santa Cruz, banhado pela baía de Sepetiba, reúne hoje quase 06% (seis por cento) de toda população carioca. Há mais ou menos umas 05 (cinco) décadas, o Estado do Rio de Janeiro decidiu facilitar a implantação de indústrias nessa área. Com a chegada de novas empresas, aumentou em grande quantidade o número da população local, que, até então, vivia da pesca, agricultura e criação de animais; criando-se assim diversos conjuntos residenciais muito próximos para alojar os trabalhadores, implantando características bem mais urbanas. Devido a essa nova demanda populacional, foi necessária a abertura de escolas que pudessem atender aos seus filhos.

Compondo esse complexo de conjuntos habitacionais temos: Alvorada, Liberdade, 61, Miéssimo da Silva, João XXIII, Guandu I e II, Chatuba e São Fernando. Também nessa região, há 10 (dez) anos instalou-se o complexo siderúrgico da

*ThyssenKrupp* Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA), ocupando 07% (sete por cento) da área do bairro de Santa Cruz, que se destaca por ser uma das regiões de mais baixo índice de desenvolvimento social do Município do Rio de Janeiro e densa população.

Neste cenário, sediada no Conjunto São Fernando, temos a Escola Municipal Adalgisa Nery – na qual é desenvolvida nossa pesquisa. Quando foi fundada, por ser a única unidade escolar do conjunto, atendia alunos desde a pré-escola ao 9º (nono) ano do Ensino Fundamental, num prédio de um único andar e condições bem precárias.

Passados alguns anos, esse prédio ficou muito comprometido estruturalmente e precisou ser demolido. A escola não podia ser fechada, pois não havia como alocar seus alunos em colégios próximos. A solução encontrada foi de continuar as aulas em *containers*, situação que durou de 2001 a 2003.



Imagem 35: Construção do novo prédio da E.M. Adalgisa Nery  
Fonte: <[serverio.com.br/educacao-e-saude](http://serverio.com.br/educacao-e-saude)>. Acesso em 13 nov. 2017

Seu prédio atual possui 02 (dois) andares, 16 (dezesesseis) salas de aulas, sala da diretoria, sala de professores, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta, cozinha, biblioteca/sala de leitura, banheiro fora do prédio, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, auditório, pátio coberto e

pátio descoberto. A escola oferece água filtrada e 02 (duas) refeições por dia aos alunos: café da manhã e almoço. Dispondo dos seguintes equipamentos: computadores administrativos, computadores para alunos, notebook, televisão, videocassete, aparelho de DVD, copiadora, impressora, aparelho de som, microfone, projetor multimídia (*Datashow*), fax e câmera fotográfica/filmadora. Também é possível acessar a internet nos computadores de uso interno, pois a escola possui banda larga. Atende hoje, em média, 600 (seiscentos) alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e um total de 52 (cinquenta e dois) funcionários.

Desde o ano de 2016, a escola funciona em turno único de 07 (sete) horas, faz parte do projeto criado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, o Ginásio Carioca, que se apoia no princípio do Protagonismo Juvenil, tendo como bases o tempo ampliado e a dedicação exclusiva dos profissionais de educação, além de uma matriz escolar diferenciada.

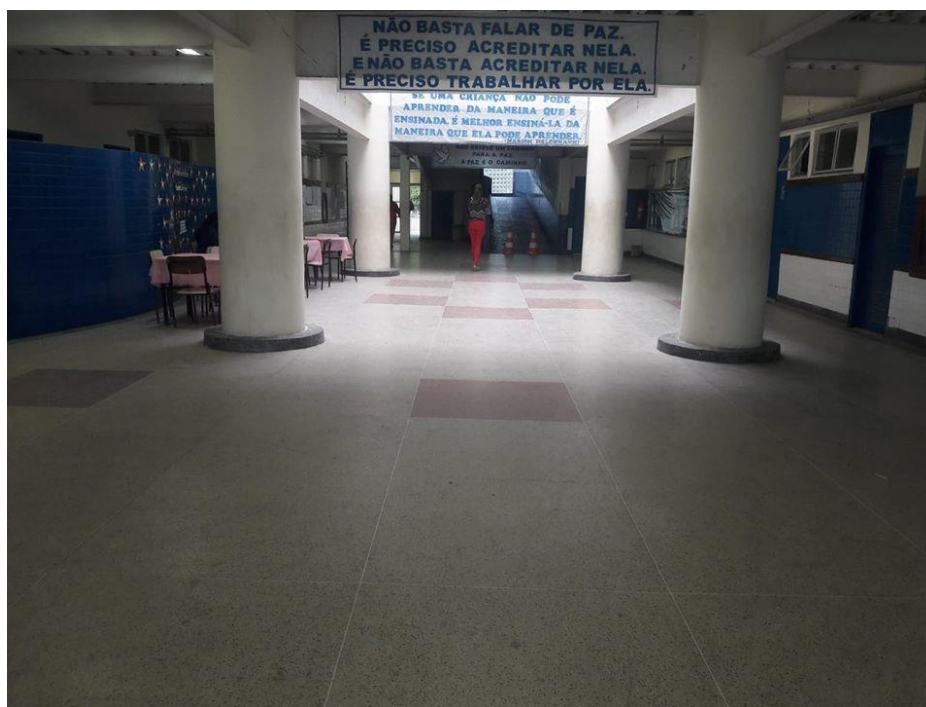


Imagem 36: E.M. Adalgisa Nery – Pátio Interno

Fonte: Acervo pessoal da autora



Imagem 37: E.M. Adalgisa Nery – Pátio externo coberto  
Fonte: Acervo pessoal da autora



Imagem 38: E.M. Adalgisa Nery – Quadra Esportiva  
Fonte: Acervo pessoal da autora

### **CAPÍTULO III – A PEDAGOGIA DA IMAGEM NO CINEMA BRASILEIRO EM SALA DE AULA**

Este trabalho, metodologicamente, desenvolve-se a partir de exibições de filmes nacionais no auditório ou em salas de aulas de uma escola da Rede Municipal do Rio de Janeiro, que funciona em horário integral – a saber, Escola Municipal Adalgisa Nery. Geralmente, as sessões ocorrem uma vez ao mês, para turmas do 6º (sexto) ao 9º (nono) ano do Ensino Fundamental, atendendo ao segundo segmento. A escolha dos filmes é feita previamente pela professora, seguindo alguns critérios como faixa etária e ser livre da cobrança de direitos autorais para exibição em grupos. Algumas produções foram eleitas por retratar determinados temas de interesse dos alunos, indicados durante as conversas que ocorrem após as sessões; outras vezes, são apresentados dois filmes aos estudantes e as turmas fazem sua opção de acordo com o voto da maioria. Após cada exibição, acontece um momento de diálogo entre os estudantes e a professora onde conversam sobre as experiências proporcionadas pelo filme, respondem perguntas, tiram dúvidas – sempre são registradas tais vivências através de fotos, anotações e filmagens utilizando um aparelho celular. Todos se envolvem livremente, não há uma obrigação em responder ou perguntar, mas a participação da turma sempre é grande e compensadora.

Para Napolitano (2013), o cinema pode ser abordado nas escolas de duas formas: como fonte ou como texto-gerador. Essas duas visões se aproximam, mas optamos por valorizar nesta pesquisa, a segunda opção na qual

O professor tem menos compromisso com o filme em si, sua linguagem, sua estrutura e suas representações, e mais com as questões e os temas (políticos, morais, ideológicos, existenciais, históricos etc.) que suscita. Esta abordagem pode ser particularmente útil em anos iniciais, faixas etárias menores e classes mais resistentes ao trabalho sistemático com a linguagem cinematográfica. O importante é não ficar apenas no filme como “ilustração”, mas usar criticamente a narrativa e as representações fílmicas como elementos propulsores de pesquisas e debates temáticos. (NAPOLITANO, 2013, p. 28)

Antes de iniciarmos as exibições, realizamos uma conversa com o grupo de alunos participantes para compreendermos mais claramente sua relação com o cinema de maneira geral e, como o cinema nacional se fazia presente nessa trajetória.

Os filmes escolhidos para este projeto não estão diretamente vinculados ao conteúdo de uma determinada disciplina. Pretendemos desassociar a ideia de utilização

do cinema em sala de aula apenas como um mero recurso pedagógico ilustrativo de um tema específico. Além disso, buscamos respeitar a cultura cinematográfica dos alunos e não impor nosso gosto pessoal, tentando responder a seguinte pergunta: nossos alunos se veem representados nessas escolhas? Afinal, “uma Lei que tenha por intenção convidar o cinema brasileiro a se fazer sistematicamente presente na escola pode se mostrar como uma alternativa para que a diversidade cultural possa se mostrar e ser vista nesse contexto.” (FRESQUET [org], 2013, p.70)

O que buscamos quando optamos pela utilização do cinema nacional em sala de aula não é seguir as regras de um currículo tradicional, carregado de certezas e formas padronizadas de pensamentos, mas fazer com que o espaço das discussões realizadas seja capaz de gerar dúvidas e criar questionamentos diversos que não encontram respostas prontas em livros, apostilas ou questionários, mas sim, fazem o aluno envolver sua experiência de vida para chegar a uma conclusão. Através da exibição de filmes brasileiros, este trabalho acredita em fortalecer o respeito a nossa cultura, ampliando a valorização daquilo que é local; fugindo à regra de utilizar o cinema comercial, temos a intenção criar certo desconforto para o espectador, capaz de gerar uma maior identificação com a obra assistida, repensando seu papel como sujeito ativo na sociedade que está em permanente construção coletiva.

Do mesmo modo como temos buscado criar, nos diferentes níveis de ensino, estratégias para desenvolver o interesse pela literatura, precisamos encontrar maneiras adequadas para estimular o gosto pelo cinema. Nesse caso, gostar significa saber apreciar os filmes no contexto em que eles foram produzidos. Significa dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, sobre a própria vida e a sociedade em que se vive. Para isso, é preciso ter acesso a diferentes tipos de filmes, de diferentes cinematografias, em um ambiente em que essa prática seja compartilhada e valorizada. (DUARTE, 2002, p.89)

Com um único filme conseguimos discutir crenças, valores, diferenças raciais, sexuais, e tantos outros temas que perpassam pela sua narrativa. As oportunidades fornecidas pelo cinema para sala de aula são indiscutíveis. Desta maneira, notamos o quanto é importante é pensar qual a melhor exibição para um determinado momento e público.

O primeiro filme escolhido para dar início a esta pesquisa foi o curta-metragem Sonhos, dirigido por Haroldo Borges, com duração de 13 (treze) minutos.



#### SINOPSE

O menino vive buscando motivos para fugir da escola. Um dia, ele encontra o motivo perfeito: a garota mais bela que ele já viu. Mas ela mora em um circo e ele não tem dinheiro para entrar. Tentando conquistar sua atenção, o menino vai embarcar na grande aventura de crescer.

#### PRODUÇÃO

[PAULA GOMES](#)

#### DIRIGIDO POR

[HAROLDO BORGES](#)

#### ELENCO

[JONAS LABORDA](#)

#### APRESENTADO POR

FUNDO DE CULTURA - SECULT BAHIA

#### APOIADORES

DIMAS, FUNCEB, PREFEITURA DE SENHOR DO BONFIM

#### PRÊMIOS

MELHOR FILME NA 12ª MOSTRA INFANTIL DE FLORIANÓPOLIS, MELHOR FILME NO PRIMEIRA JANELA DE PORTO ALEGRE, MELHOR ATOR NO 12º FESTCINEAMAZÔNIA, 2º LUGAR E PRÊMIO DIVERSIDADE NO 7º FESTIVAL COMKIDS – PRIX JEUNESSE IBEROAMERICANO, 3º LUGAR NO 12º FICI, MELHOR DIREÇÃO E MELHOR FOTOGRAFIA NO 5º FESTCINE MARACANÁU, MELHOR DIREÇÃO E MELHOR MONTAGEM NO IV FECIBA

#### CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

**L** Livre

Imagem 39: Filme - Sonhos  
Fonte: Fornecida pela plataforma VideoCamp

Direcionado a uma turma mista com alunos do Ensino Fundamental, buscamos através desta obra, reforçar o papel de identificação proporcionado pela linguagem cinematográfica, por ter como protagonista um menino que busca motivos para fugir da escola. Pretendemos, com o desenrolar desta trama divertida, dar voz ao que os alunos querem nos contar a respeito deste assunto, criando possibilidades para que suas visões sejam expostas e compreendidas. “O aluno pré-adolescente começa a desenvolver um olhar sobre o mundo e suas regras de funcionamento, percebe as diferenças entre os vários sistemas culturais, épocas históricas e civilizações extintas.” (NAPOLITANO, 2013, p.25)

O segundo filme escolhido, também é um curta-metragem. Dirigido por David Reens, Disque-Quilombola tem duração de 16 (dezesseis) minutos. Conta a história de crianças que vivenciam duas realidades diferentes no Estado do Espírito Santo: um grupo que vive num morro e outro que vive numa comunidade quilombola. Através de uma brincadeira popular no Brasil, o “telefone de latinhas e barbante”, esses dois grupos conversam e descobrem similaridades entre seus cotidianos.





#### SINOPSE

Crianças do Espírito Santo conversam de um jeito divertido sobre como é a vida em uma comunidade quilombola e em um morro na cidade de Vitória. Por meio de uma genuína brincadeira infantil, os dois grupos falam de suas raízes e desvelam o quanto a infância tem mais semelhanças do que diferenças.

#### PRODUÇÃO

[DAVID REEKS](#)

#### COPRODUÇÃO

[EBC - EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO](#)

#### DIRIGIDO POR

[DAVID REEKS](#)

[ACESSE O SITE OFICIAL](#) [↗](#)

#### CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

**L** Livre

Imagem 40: Filme – Disque-Quilombola  
Fonte: Fornecida pela plataforma VideoCamp

Vencedor de muitos prêmios, tais como:

- *Chicago International Children's Film Festival* 2013 – Melhor Curta Documentário.
- *Prix Jeunesse Iberoamericano* 2013 – Prêmio na categoria de não ficção.
- 10º Festival Internacional de Cinema Infantil (Fici) – Prêmio Brasil de Melhor Filme.
- *Children's Film Festival Seattle* – Prêmio melhor filme, concedido pelo júri infantil do festival.
- Festival de Cinema Curta Amazônia, 2012 – Prêmio melhor trilha musical.
- Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, 2013 – Prêmios: Menção honrosa do júri e Prêmio Aquisição TV Brasil..
- Festival Kolibri (Bolívia, 2012) – Prêmio melhor documentário de curta-metragem.
- 3ª Mostrinha de Cinema Infantil de Vitória da Conquista – Menção honrosa do júri infantil.
- Mostra Cinema e Direitos Humanos 2012 – Prêmio exibição em todas as capitais brasileiras. (<ludusvideos.com.br/disque-quilombola>.Acesso em: 20 out.2017)

Seus protagonistas também são crianças e pré-adolescentes. Com uma linguagem de fácil compreensão, pretendemos direcionar a discussão sobre este filme brasileiro, a fim de que os estudantes analisem e exponham suas diferenças e similaridades com as duas realidades das infâncias postas em questão, percebendo-se culturalmente na realidade do país.

O terceiro filme, Minas do Futebol, dirigido por Yugo Hattori, é um documentário que trabalha a questão de gênero no esporte. Um time de meninas

participa de um campeonato predominantemente masculino, mesmo com todas as barreiras encontradas por elas, o time feminino é vencedor.



#### SINOPSE

Quando meninas ganham um campeonato masculino contra grandes times como o Corinthians e o São Paulo e isso é apenas o começo.

"O impossível é temporário" como elas costumam dizer. O documentário Minas do Futebol acompanha o time feminino do A.D. Centro Olímpico relembrando a vitória no campeonato Moleque Travesso e o desenrolar na participação do primeiro Campeonato Paulista Sub-17, sendo elas um time Sub-15 inclusive com jogadoras com apenas 13 anos.

#### CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

**L** Livre

#### PRODUÇÃO

[YUGO HATTORI](#)

#### DIRIGIDO POR

[YUGO HATTORI](#)

#### ELENCO

[CRIS CAVALCANTE](#), [MARCELLE FREITAS](#), [LAUREN LEAL](#), [STEPHANIE NORONHA](#), [GIOVANA SANTOS](#), [VICTÓRIA MOURA](#), [TAYNARA LUNA](#), [THIAGO VIANA](#), [LUCAS PICCINATO](#), [DOUGLAS MATSUMOTO](#), [ALINE PELLEGRINO](#), [PRI FIOTTI](#), [WELLIDA ALVES](#), [ALÊ MILÃO](#)

[ACESSE O SITE OFICIAL](#)

Imagem 41: Filme – Minas do Futebol  
Fonte: Fornecida pela plataforma VideoCamp

Escolhido pelos alunos, o filme trata uma questão vivenciada pelas meninas desta turma. Há um time de futebol feminino na comunidade e o interesse em assistir a esse documentário foi grande, trazendo uma sensação de apoio, de saber que não estão sozinhas e fortalecer ainda mais esse desejo de participar de ambientes, descritos por muitos como tipicamente masculino. Saber que a mulher pode frequentar os mesmos espaços que o homem e não ser desrespeitada é essencial. Esse filme mostra toda a luta de meninas que disputam por um espaço no futebol e competem numa categoria que, além de ser apenas para meninos, ainda tem o agravante de pertencerem a uma faixa etária menor àquela que o campeonato se destina; o “Moleque Travesso”, é um campeonato que acontece no Estado de São Paulo e atende a categoria sub 17 (dezessete). O time feminino pertence a categoria sub 15 (quinze) porém, tem jogadoras de 13 (treze) anos. Certamente, foi uma vitória carregada de significado não apenas para suas jogadoras, mas para todos que buscam uma sociedade mais igualitária e justa, desfazendo mitos de que a mulher não possui condições físicas para disputar com homens e reconstruindo ideias dotadas de preconceitos.

Numa conversa com diretor do filme, publicada pela Rádio Poliesportiva, o mesmo relatou que a ideia do filme surgiu após ver seu sobrinho jogando no videogame o FIFA 16 com jogadoras da seleção feminina, “E então veio o ‘click’... Não tinha a ver com qualidade, como muitos homens costumam falar, mas tem a ver principalmente com acesso, divulgação e cultura.”. Desde o primeiro contato com o time para que se realizassem as filmagens, já foi possível notar a escassez de divulgação nesta área, se comparada ao futebol masculino. O que torna o filme mais interessante, divulgar esse tipo de informação é urgente para caminharmos em direção á equidade.



Imagem 42: Filme – Corpo Delito  
Fonte: Imagem fornecida pela plataforma TaturanaMobi

O quarto filme, Corpo Delito, é um longa-metragem dirigido por Pedro Rocha, com duração de 1 hora e 14 minutos. Conta à história de Ivan, presidiário a 08 (oito) anos que ganhou liberdade condicional e agora é monitorado por uma tornozeleira eletrônica. A condição para que ele continue em “liberdade” é trabalhar numa fábrica durante o dia e estar em casa durante a noite. Ivan começa a questionar tal condição, demonstrando estar inconformado com sua situação.

Ivan, personagem principal do filme, está sob liberdade condicional, clivado entre a privação e a soltura – nem inteiramente preso, nem inteiramente solto -, região fronteiriça em que esta incompletude mútua, ao menos para Ivan, é empuxo para a realização da integridade de um dos extremos: Ivan tem pressa para conquistar a liberdade definitiva. No entanto, o desejo do personagem é posto continuamente em xeque tanto pela tornozeleira eletrônica quanto pelo trabalho obrigatório – cada um destes termos

atravancando o processo de subjetivação do personagem e fazendo com que ele lide permanentemente com empecilhos que repõem a dessubjetivação que lhe ocorria anteriormente. (<cinifestivais.com.br/criticas/corpo-delito-de-pedro-rocha>. Acesso em 07 de nov. 2017)

Ao apresentar para a turma uma sinopse do filme, houve grande interesse, pois presenciam tal enredo em seus cotidianos, relatando que conhecem pessoas nesta mesma situação. Este filme nos faz compreender melhor a ansiedade que o protagonista passa por querer viver sua liberdade sem monitoramentos; acompanhamos também os julgamentos que essa condição de regime semiaberto acarreta, mostrando o que pensa sua família, amigos e vizinhos, pessoas que estão mais próximas dessa realidade. Esse título participou da 20ª Mostra de Cinema de Tiradentes, na categoria “inéditos de realizadores em início de carreira”.

Para que haja um melhor acompanhamento dos alunos envolvidos neste projeto, optamos por realizar as observações das exibições filmicas de forma bem natural, entrosada com as turmas. Em determinados momentos, realizamos fotografias e filmagens de forma dirigida e também de forma livre.

### **3.1 - ONDE ENCONTRAR OS FILMES**

Quando optamos por trabalhar com exibição de filmes em sala de aula sempre é difícil fazer a seleção, pois esse é um ato que exige responsabilidade e tem implicações diretas nos objetivos pré-determinados de acordo com a nossa intenção.

Convidar ao cinema é, antes de tudo, convidar a uma forma singular de percepção: um modo de contar histórias, um modo de narrar, uma forma peculiar de chamar atenção aos detalhes, aos sons, às cores, às múltiplas temporalidades. Na singularidade de sua narrativa, o cinema, por sua vez, convida a um tipo de percepção muito semelhante ao do olhar infantil, sempre atento aos detalhes e avesso a uma cronologia linearizada[...]. (FRESQUET [org], 2013, p. 70)

Neste trabalho utilizamos apenas produções nacionais e, seguindo por essa opção, logo chegaram os questionamentos: Onde encontrar esses filmes? O que esses jovens do segundo segmento vão gostar e/ou com quais histórias vão se identificar? Quais são os filmes brasileiros que atendem a esse público? Que tema seria relevante abordar neste trabalho e que fosse capaz de prender a atenção desses alunos? Essas são

apenas algumas das muitas dúvidas que surgem ao escolhermos um filme. “Pensar a relação entre cinema e educação não é uma tarefa fácil. As análises que buscam estabelecer, compreender e valorizar as relações entre essas duas práticas culturais que dizem respeito a modos distintos de perceber, expressar e se orientar no mundo são, de certo modo, recentes.” (ADÃO;BERINO, 2013, p.133).

Por se tratar de alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, optei por filmes com indicação de faixa etária livre, com o intuito de amenizar algum problema futuro – caso contrário, seria necessário que os pais e responsáveis autorizassem os alunos a assistirem tais exposições.

A expansão tecnológica trouxe a ampliação do acesso às produções fílmicas, sejam elas nacionais ou não. Ou seja, mesmo que as pessoas não frequentem os cinemas, acabam tendo um acesso facilitado aos filmes pela televisão ou pela internet. Pensando assim, optamos por utilizar filmes que estão fora do circuito comercial e, por isso possuem menos acesso, a fim de divulgar e valorizar produções locais, expandindo o acesso a produções que, geralmente, circulam apenas em festivais e cineclubes.

É importante destacar que, para a escolha dos filmes, buscamos aqueles que são liberados para a exibição em escolas sem que se tenha que pagar direitos autorais. Na maior parte dos filmes do circuito comercial, é necessário comprar os direitos autorais de exibição da obra de acordo com o número de pessoas que se pretende exibir a sessão.

Guiando-se por esses critérios, chegamos à escolha de duas plataformas virtuais de exibição de filmes que proporcionam o acesso livre às obras que divulgam, são elas a VideoCamp e a TaturanaMobi. Nelas estão dispostos filmes, em sua maioria nacionais e, é necessário que se faça um cadastro como “exibidor” para ter acesso às obras. É possível fazer o *download* de alguns títulos, outros, só podem ser exibidos se houver acesso à internet de banda larga.

### 3.1.1 - VIDEOCAMP



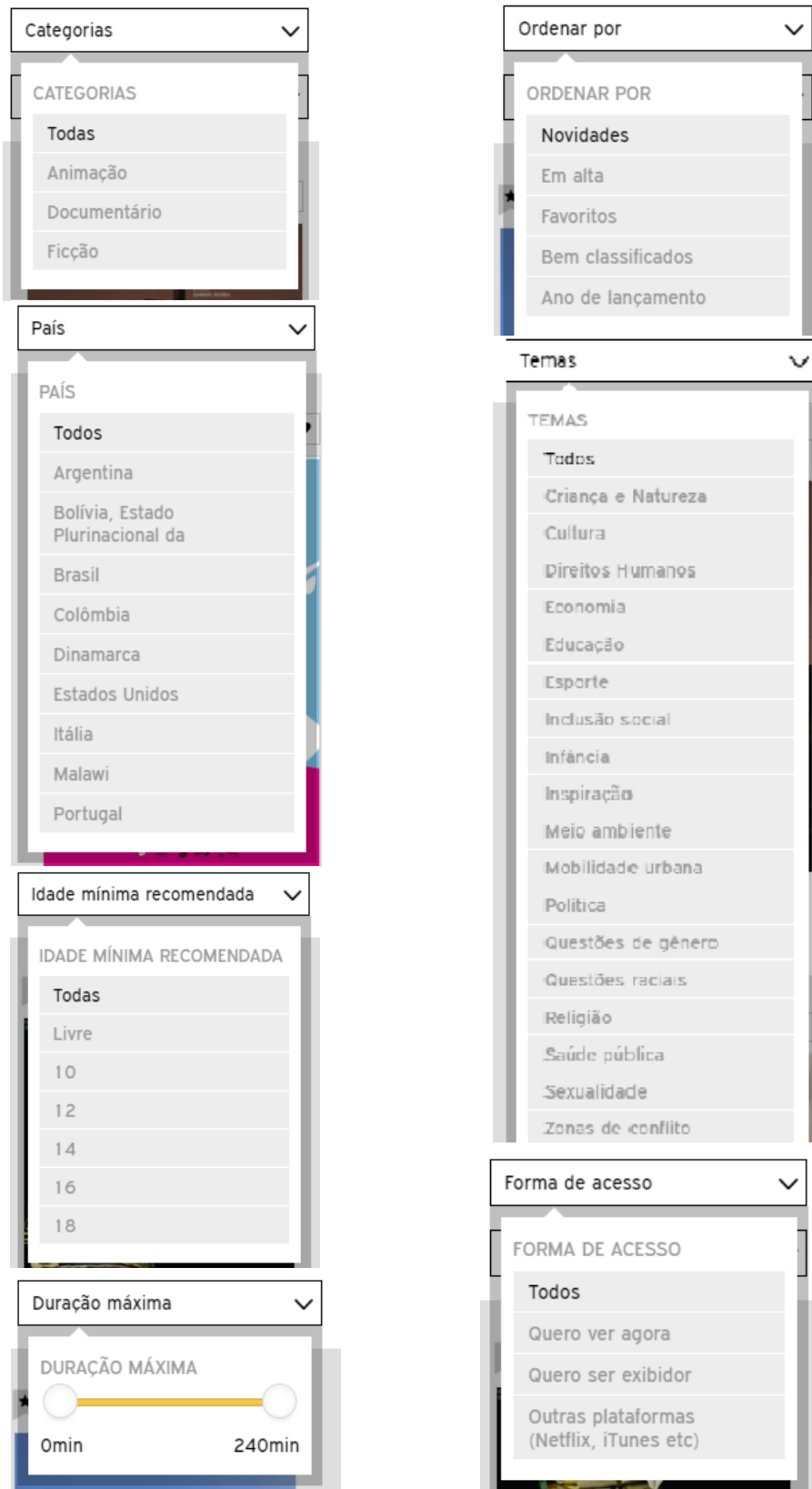
Imagem 43: VideoCamp  
Fonte: < videocamp.com >. Acesso em: 20 jan. 2018

Essa plataforma oferece acesso gratuito a produções nacionais e internacionais. Não hospeda propriamente os filmes, mas fornece o caminho para acessá-los. Algumas de suas indicações fílmicas estão disponíveis através do *YouTube*, outras estão em portais virtuais que liberam o acesso a partir do seu interesse em exibir tal produção utilizando a plataforma VideoCamp. Basta criar uma conta de acesso e gerar um perfil de usuário.

É um canal alternativo para a distribuição do cinema de forma gratuita, com temas provocativos que relatam questões sociais como meio ambiente, educação, infância, entre outros. Ao optar por fazer uma exibição, é necessário ter um público de, pelo menos, cinco pessoas. Feita esta solicitação de exibição, o usuário recebe as recomendações por e-mail. A maioria dos filmes possui um link que permite sua visualização por completo, podendo assim baixá-los com o propósito de facilitar suas exibições sem maiores interferências advindas da qualidade da internet. Por não hospedar os filmes, algumas poucas obras optaram por liberar o acesso apenas para exibição em dia e horário combinados, causando uma dependência maior do acesso e qualidade da internet que será utilizada.

A plataforma VideoCamp permite que se faça uma busca utilizando alguns filtros que facilitam sua pesquisa. Acessando seu catálogo de filmes, encontramos as opções de busca por: CATEGORIAS, FORMAS DE ACESSO, ORDENAR POR, PAÍS, TEMAS, IDADE MÍNIMA RECOMENDADA e DURAÇÃO MÁXIMA. Estas opções ainda nos fornecem subdivisões variadas que detalham ainda mais o que procuramos:

\*Abas copiadas da plataforma VideoCamp (Acesso em: 20 jan. 2018)



Após realizar a escolha do filme, o usuário informa o local, horário e a quantidade de pessoas que irão participar da exibição da sessão. Comprometendo-se também a enviar de uma (01) a três (03) fotos retirados no momento da sessão e fazer um comentário sobre a obra assistida. A VideoCamp também envia um cartaz com o filme escolhido, hora e local para facilitar a divulgação da sessão, um Guia Prático para Conduzir Discussões e, disponibiliza a opção de convidar o diretor do filme para participar da exibição (não quer dizer que ele certamente irá, o usuário apenas convida e como a própria plataforma diz “tenta a sorte”).

**VIDEO<sup>TM</sup>  
CAMP**

**GUIA PRÁTICO  
PARA CONDUZIR  
DISCUSSÕES**

**APROXIMAR FILMES TRANSFORMADORES  
DE PESSOAS QUE QUEREM TRANSFORMAR  
O MUNDO, CRIANDO UM AMBIENTE PROPÍCIO  
AO ENTENDIMENTO E AO DIÁLOGO:  
ESSA É A PROPOSTA DO VIDEOCAMP**

Imagem 44: VideoCamp – Guia Prático  
Fonte: < [videocamp.com](http://videocamp.com) >. Acesso em: 20 jan. 2018

Utilizando sua máxima: “Os filmes geram questionamentos / As discussões geram entendimento/ E as ação geram transformações”.



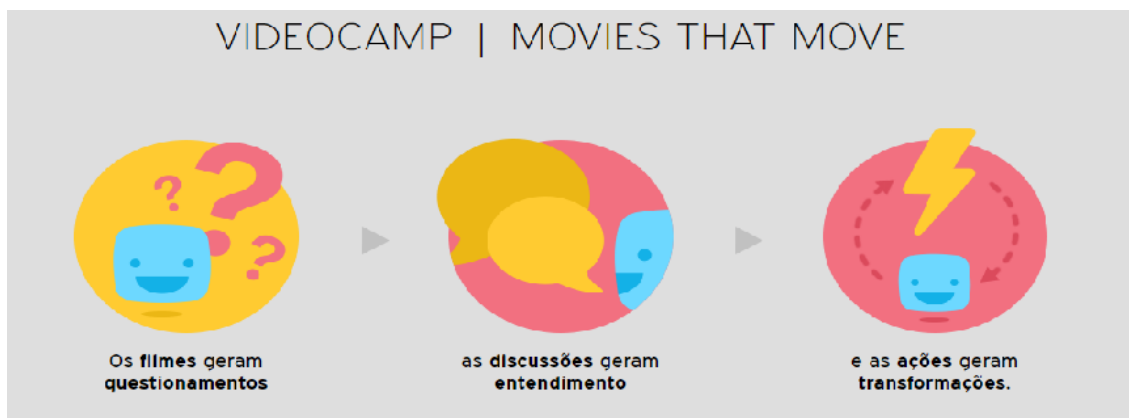


Imagem 45: VideoCamp – *Movies That Move*

Fonte: < videocamp.com >. Acesso em: 20 jan. 2018

A plataforma em questão, *on line* e gratuita, segue com seu objetivo maior de "Espalhar histórias que merecem ser contadas para o maior número possível de pessoas, democratizando o acesso a filmes e documentários e consolidando o cinema como uma ferramenta de transformação social"(<videocamp.com>. Acesso em: 05 ago. 2017). Surge da parceria entre Instituto Alana e Maria Farinha Filmes, facilitando um maior acesso a produções não comerciais atuais e de qualidade.

### 3.1.2 -TATURANAMOBI



Imagem 46: Taturana Mobilização Social

Fonte: < taturanamobi.com.br >. Acesso em: 06 ago. 2017

A plataforma virtual Taturana Mobilização Social foi fundada em 2013 e disponibiliza gratuitamente diversos filmes nacionais para exibição, tendo como objetivos:

- \*Ampliar a difusão de obras audiovisuais a partir de redes culturais;
- \*Engajar pessoas e instituições em causas e conteúdos relevantes abordados pelas obras;
- \*Formar público para a cultura audiovisual;
- \*Democratizar o acesso ao cinema brasileiro;
- \*Ocupar espaços públicos e de interesse público com atividades socioculturais ligadas a cinema/audiovisual. (<taturanamobi.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2017)

Para que tenhamos livre acesso á essa plataforma, que sempre empenha-se para promover o engajamento em causas sociais, é necessário realizarmos um cadastro que nos possibilita a exibir os filmes ali dispostos. Também é preciso marcar a opção Área de Atuação:

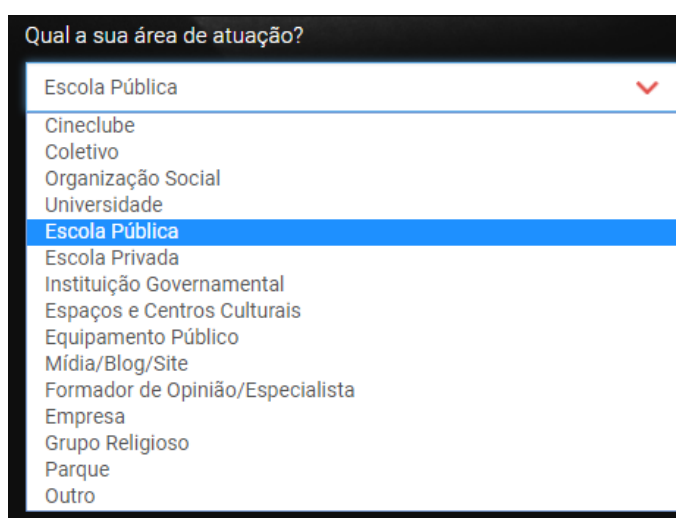


Imagem 47: TaturanaMobi – Área de Atuação  
 Fonte: < taturanamobi.com.br >. Acesso em: 06 ago. 2017

No seu catálogo de filmes já temos informações como: Duração, Gênero, Minutos, Produzido Por e ainda um breve relato sobre a obra; além de nos fornecer a opção VER DETALHES DO FILME, que nos dará acesso à ficha técnica. Quando marcamos a opção de ‘Agendar uma Exibição’, podemos assistir ao *trailer* e visitar o *site* oficial do filme.

Há também o comprometimento de quem exibe a sessão em enviar fotos e fazer um relato desta experiência; podendo convidar o diretor ou outras pessoas que participaram do filme para estarem presentes durante a exibição – essa opção está atrelada à disponibilidade dos envolvidos.

Lívia Almendary e Carol Misorelli são as co-fundadoras desta plataforma. Em um vídeo disponível no *YouTube*, temos a seguinte posição:

A gente faz mobilização social e cinema, na prática isso significa articular redes culturais e circuitos de exibição alternativa em torno de materiais audiovisuais. A gente também ajuda a divulgar e promover debates, forma público também e, a gente aposta nos filmes como ferramenta de impacto social. Então, hoje a taturana, de forma resumida, ela é uma grande articuladora de redes culturais ao redor do cinema. (ALMENDARY, Livia. YouTube. Acesso em 10 fev.2018)

Na plataforma está disponível um pouco dos seus perfis:



Imagem 48: Carol Misorelli

Fonte: < taturanamobi.com.br >. Acesso em: 06 ago. 2017

Carol Misorelli – É mobilizadora social e internacionalista. Trabalha há mais de 10 anos com movimentos e organizações sociais – tendo trabalhado na área de mobilização social e articulação de redes do Canal Futura e do Museu da Pessoa. É pós-graduada em história da África (UCAM) e atualmente estuda antropologia visual. (<[www.taturanamobi.org](http://www.taturanamobi.org)>. Acesso em 10 ago.2017)



Imagem 49: Livia Almendary

Fonte: < taturanamobi.com.br >. Acesso em: 06 ago. 2017

LÍVIA ALMENDARY – É comunicadora e educadora. De 1999 a 2008, trabalhou como comunicadora para ONG's, movimentos sociais, mídia independente e governos federal e da cidade de São Paulo com temáticas socioambientais e de inclusão digital. De 2009 a 2012, morou em Buenos Aires, onde estudou literatura e cultura latino-americana e atuou como educadora popular de jovens e adultos. (<[www.taturanamobi.org](http://www.taturanamobi.org)>. Acesso em 10 ago.2017)

De importância fundamental para o bom desenvolvimento deste trabalho, as plataformas VideoCamp E TaturanaMobi possibilitaram que os participantes desta pesquisa assistissem às exibições do cinema nacional brasileiro que estão de fora do circuito comercial de filmes que chegam as “telonas”, ampliando a divulgação dessas obras e a interação dos alunos da rede pública municipal do Rio de Janeiro com produções nacionais.

### **3.2- PRIMEIRAS CONVERSAS: CARACTERIZAÇÃO DA TURMA**

Este trabalho foi desenvolvido nos tempos de aula destinados à disciplina Projeto de Vida, que abrange alunos em anos diferentes do segundo segmento do Ensino Fundamental. Iniciamos as sessões fílmicas nacionais no segundo semestre do ano de 2017 e estendemos até o primeiro semestre do ano de 2018, com isso acompanhamos duas turmas formadas por alunos do 6º (sexto) ao 9º (nono) ano.

A faixa etária compreendida nessa etapa do Ensino Fundamental, especificamente para estas duas turmas, está entre 11 e 16 anos. “A princípio, pressupõe-se que os filmes são capazes de impactar as pessoas, e por essa razão é interessante abordar o olhar dos jovens sobre o cinema, investigar o impacto que os filmes têm sobre eles” (ADÃO; BERINO, 2013, p. 134). Em especial, observando as reações desse público com produções nacionais.

Iniciamos a conversa com as duas turmas da mesma maneira, partimos de um diálogo informal sobre o cinema de maneira geral e fomos direcionando as perguntas para a presença do cinema na escola. Os alunos estavam dispostos num círculo e a professora Érica Mouzinho, responsável pela disciplina Projeto de Vida, nos acompanhou todo o tempo. Neste primeiro momento da pesquisa, pretendemos levantar alguns dados sobre as narrativas fílmicas que estão presentes no cotidiano desses alunos fora da escola e também para conhecermos a forma como estão presentes no ambiente educativo, especificamente, na Escola Municipal Adalgisa Nery. O desenrolar das conversas com as turmas ora são registradas por anotações no papel, ora são filmadas com um aparelho celular.

A maior parte dos estudantes relatou ter frequentado o cinema, pelo menos uma única vez. Veja que, este não é um hábito desta comunidade escolar, o fato de o Bairro de Santa Cruz não possuir nenhuma sala de cinema também contribui para isso. É necessário um planejamento financeiro para tal atividade que envolve, além das entradas do cinema, um deslocamento que depende de um ou dois ônibus. Destacamos também que esses adolescentes dependem de uma pessoa adulta para acompanhá-los. Apenas uma pequena parte do grupo já frequentou alguma sessão fílmica sem o acompanhamento de um responsável maior de idade. A frequência com que vão ao cinema é de uma vez ao ano ou até um período maior que esse. Alguns alunos realizaram essa experiência uma única vez.

Os cinemas já frequentados por esses estudantes foram os seguintes: no Bairro de Campo Grande - *West Shopping* (Kinoplex) e *Park Shopping* (Kinoplex) ; no bairro de Bangu - Bangu Shopping (Cinesystem); no bairro da Barra da Tijuca - Barra *Shopping* (UCI Cinemas) e no Município de Itaguaí - *Shopping Pátio Mix Costa Verde* (CineSercla). Não há a presença de cinemas que não estejam localizados em *Shoppings* e, todas as opções mais próximas a esta unidade escolar, seguem o circuito comercial de filmes, apresentando pouca variedade das produções nacionais – ou nenhuma!

Fazendo uma busca rápida pela internet, encontramos facilmente a programação das sessões fílmicas disponíveis nestes complexos cinematográficos. E, já podemos constatar o fato acima citado. Vejamos:

programação Cinesystem Bangu Shopping				
Todos os horários estão no: BRT				
Hoje	Amanhã	qui, 15 de fev	sex, 16 de fev	
Todos os horários	Manhã	Tarde	Noite	Madrugada
Cinquenta Tons de Liberdade				
Dublado em português				
Padrão	17:30	18:45		
Maze Runner: A Cura Mortal				
Dublado em português				
Padrão	19:00			
O Touro Ferdinando				
Dublado em português				
Padrão	18:35			
As Aventuras de Paddington 2				
Dublado em português				
Padrão	18:20			
Jumanji: Bem-vindo à Selva				
Dublado em português				
Padrão	17:25			

Imagem 50: Cinema Bangu Shopping  
Fonte: <cinesystem.com.br>. Acesso em 13 fev. 2018

programação Kinoplex Parkshop					
Todos os horários estão no: BRT					
<u>Hoje</u>		Amanhã			
Todos os horários	Manhã	Tarde	Noite	Madrugada	
<b>Cinquenta Tons de Liberdade</b>					
<i>Legendado em português</i>					
Padrão	18:55	19:10	21:15	21:30	
<i>Dublado em português</i>					
Padrão	18:40	21:00			
<b>Maze Runner: A Cura Mortal</b>					
<i>Legendado em português</i>					
3D	20:50				
<i>Dublado em português</i>					
3D	18:00				
<b>O Touro Ferdinando</b>					
<i>Dublado em português</i>					
Padrão	19:00				
<b>A Forma da Água</b>					
<i>Legendado em português</i>					
Padrão	18:40	21:20			
<b>Jumanji: Bem-vindo à Selva</b>					
<i>Dublado em português</i>					
3D	18:50				

Imagem 51: Cinema Park Shopping  
 Fonte: <kinoplex.com.br>. Acesso em 13 fev. 2018

programação Kinoplex West Shopping					
Todos os horários estão no: BRT					
<u>Hoje</u>		Amanhã	qui, 15 de fev	sex, 16 de fev	
Todos os horários	Manhã	Tarde	Noite	Madrugada	
<b>Cinquenta Tons de Liberdade</b>					
<i>Dublado em português</i>					
Padrão	18:00	18:40	20:20	21:00	
<b>Maze Runner: A Cura Mortal</b>					
<i>Dublado em português</i>					
3D	17:50	20:40			
<b>A Forma da Água</b>					
<i>Dublado em português</i>					
Padrão	18:30	21:10			
<b>Jumanji: Bem-vindo à Selva</b>					
<i>Dublado em português</i>					
Padrão	20:50				
<b>Fala Sério, Mãe!</b>					
Padrão	18:50				

Imagem 52: Cinema West Shopping  
 Fonte:< kinoplex.com.br >. Acesso em 13 fev. 2018

programação Cinesercla PátioMix					
Todos os horários estão no: BRT					
<b>Hoje</b>		Amanhã			
Todos os horários	Manhã	Tarde	Noite	Madrugada	
<b>Cinquenta Tons de Liberdade</b>					
<i>Dublado em português</i>					
Padrão	16:50	18:45	18:50	20:50	21:00
<b>Maze Runner: A Cura Mortal</b>					
<i>Dublado em português</i>					
Padrão	18:00	20:40			
<b>Jumanji: Bem-vindo à Selva</b>					
<i>Dublado em português</i>					
3D	18:30	20:45			

Imagem 53: Cinema West Shopping  
 Fonte: <cinesercla.com.br> . Acesso em 13 fev. 2018

programação UCI Orient Shopping Barra					
Todos os horários estão no: BRT					
<b>ter, 13 de fev</b>		qua, 14 de fev	qui, 15 de fev	sex, 16 de fev	
Todos os horários	Manhã	Tarde	Noite	Madrugada	
<b>Cinquenta Tons de Liberdade</b>					
<i>Legendado em português</i>					
Padrão	16:20	18:00	18:40	20:30	
<b>Maze Runner: A Cura Mortal</b>					
<i>Legendado em português</i>					
3D	20:20				
<i>Dublado em português</i>					
3D	17:25				
<b>O Touro Ferdinando</b>					
<i>Dublado em português</i>					
Padrão	16:00				
<b>A Forma da Água</b>					
<i>Legendado em português</i>					
Padrão	17:20				
<b>Meu Amigo Vampiro</b>					
<i>Dublado em português</i>					
3D	16:10	18:10			

Imagem 54: Cinema Shopping Barra  
 Fonte: <orientcinemas.com.br>. Acesso em 13 fev. 2018

Das exibições disponíveis nos cinemas frequentados pelo público desta pesquisa, encontramos, entre suas principais sessões, apenas um filme nacional. Logicamente, a pouca oferta das produções nacionais é um fator que dificulta sua expansão e, conseqüentemente, sua procura. Durante as conversas, como já dissemos, nos foi relatado que, a maior parte destes alunos, visita os cinemas menos de uma vez ao ano. E, entre os filmes nacionais que foram assistidos temos: *Tô Ryca*, *Até que a Sorte nos Separe*, *Os Dez Mandamentos – O Filme* e *Vai que Cola – O Filme*. Apenas filmes destinados a fins, prioritariamente, comerciais.

O fato de frequentarem pouco os cinemas não quer dizer, necessariamente, que estão afastados das “telonas”. Rotineiramente, os filmes estão em suas horas de lazer, mas o fato ocorre em suas próprias casas. Todos relataram que sempre assistem a filmes pela televisão ou pela internet, utilizando um computador, tablete ou celular, através dos canais: *YouTube*, *Google Play* Filmes, *Netflix*, *TNT*, *Megapix* e *Sessão da Tarde* (pela TV aberta). Alguns poucos alunos ainda disseram que compram filmes em DVD.

Quando perguntamos se eles já assistiram a filmes na escola, a resposta foi “sim”. Porém, notamos que esse não é um hábito recorrente, ainda são poucos os professores que utilizam essa rica ferramenta, que é o cinema. As disciplinas em destaque foram História, Língua Portuguesa, Ciências, Matemática e Projeto de Vida; dos filmes lembrados temos: *Velozes e Furiosos*, *Cavaleiro Negro*, *Esquadrão Suicida*, *Tróia*, *Mãos Talentosas*, *Django*, *Extraordinário*, *Doze Anos de Escravidão* (citado como *Dez Anos de Escravidão*), *A Rainha de Katwe*; um aluno deu como resposta: “- Um filme sobre africanos”, mas não soube recordar seu título.

Analisando essas respostas, temos apenas 05 (cinco) disciplinas e 10 (dez) títulos fílmicos. Considerando que temos alunos dos 04 (quatro) anos de escolaridade do segundo segmento do Ensino Fundamental, ainda é muito tímida a presença do cinema na escola e, o cinema brasileiro está distante de ocupar seu merecido espaço na sala de aula. Mesmo assim, os alunos acreditam que essas poucas exibições já configuram o hábito de assistir filmes na escola – acreditamos que, para que essa seja uma prática recorrente, precisaria ter uma frequência maior.

Continuando nossa discussão, chegamos a um grande clichê: Filme também é aula ou se tem filme não tem aula? Com opiniões divididas, um grupo menor acredita que o filme vale apenas como um momento de entretenimento, não sendo considerado como uma aula em si; outro grupo maior afirma que o filme também é uma aula, capaz



de transmitir tantos assuntos quanto uma aula mais convencional. Destacamos algumas respostas:

Filme é só lazer!

Se tem filme tem que ter aula, tipo: perguntar sobre o filme.

O filme é só pra assistir.

Tem que ter aula, porque quando a gente discute sobre o filme, a gente aprende, tira dúvidas. Tudo o que a gente faz numa aula normal, entendeu?

Tem que falar do filme. Depois tem aula do filme. Assim, todo mundo fala e lembra o que viu.

Uma maioria acredita ser importante que haja algum momento de discussão após uma sessão fílmica, para que sejam sanadas suas dúvidas e alcancem uma melhor compreensão do que foi visto. De comum acordo, todos os estudantes relataram que gostam de assistir a filmes em casa, na escola ou no cinema e, mesmo que seja ou não seja uma aula, a experiência é válida, provocando um momento de lazer e/ou aprendizagem. Não podemos considerar a experiência de assistir a um filme como um fato isolado em si mesmo. As possibilidades advindas deste momento são inúmeras e, como toda obra de arte, encontra em cada indivíduo uma representação diferente e única, ainda que tenha uma intenção geral e direcionada, não podemos calcular precisamente a forma que cada pessoa será afetada.

### 3.3- AULA 1: SONHOS



Imagem 55: Cartaz de Divulgação do Filme Sonhos  
Fonte: Fornecida pela plataforma VideoCamp

Encontrar um filme que fale para crianças/adolescentes não é uma tarefa fácil. Quando falamos em produções nacionais tornamos ainda mais restritas nossas opções. Porém, com o incentivo e crescimento que o campo audiovisual brasileiro vem apresentando, não é mais algo impossível. Temos boas produções e, diante de nossa realidade atual, temos também a obrigação de ampliar sua divulgação. A necessidade de valorizar o que produzimos é iminente e já foi deixada à margem por muito tempo.

Após realizar uma pesquisa pelas plataformas virtuais VideoCamp e TaturanaMobi, o filme escolhido para esta primeira exibição foi o “Sonhos”, dirigido por Haroldo Borges. Esse curta-metragem tem duração de 16 (dezesesseis) minutos e ganhou prêmios como melhor filme na 12ª mostra infantil de Florianópolis, melhor filme no festival Primeira Janela de Porto Alegre, entre outros. Sua história se passa no interior da Bahia e fala de um menino que cria seus próprios motivos para não ir à escola, encontrando interesse em outras atividades pelo caminho. Um dia ele se apaixonou por uma mulher ao vê-la passando pela rua e vai atrás desse “amor

impossível”, se envolvendo em confusões até perceber que seria melhor seguir sua vida e frequentar a escola.

Esse filme foi escolhido como porta de entrada para um diálogo com a turma por diversos motivos, entre eles destacamos: ser de classificação indicativa livre; ter como personagem principal um menino na pré-adolescência, fator com o qual acreditamos ser um primeiro ponto de identificação dos espectadores com a obra; ter uma história contada de maneira divertida, com um tema que pode também ser uma questão para essa faixa etária: a vontade de fugir da escola. Também julgamos importante destacar que esta é uma produção nordestina, valorizando a diversidade cultural do Brasil e saindo um pouco dos holofotes do sudeste, criando uma maior proximidade entre as realidades vivenciadas pelos alunos e a outra apresentada pelo filme.

Em uma entrevista a Revista Ponto Com, vale destacar a resposta dada por Haroldo Borges, diretor do filme, à seguinte pergunta:

**revistapontocom – E produzir cinema no Brasil com temática infantil...**  
**Haroldo Borges** – É necessário. É muito importante a realização de obras representativas da nossa cultura, da nossa identidade, para que nossas crianças se reconheçam e não nos enlatados em que são empurradas a consumir. Minha infância foi vivida nos anos 80. Assistia a todas as aventuras dos super-heróis dos Estados Unidos. Não existe nenhum problema em assistir à produção estrangeira, mas como existia apenas isso minhas memórias e lembranças hoje estão relacionadas com uma cultura estrangeira. Mas algo anda muito mal quando uma geração ou duas ou até três trazem suas lembranças mais afetivas relacionadas às culturas estrangeiras. (<revistapontocom.org.br>. Acesso em: 10 fev. 2018)

A plataforma VideoCamp nos fornece um folder com as informações da sessão agendada que facilita a divulgação do filme. Com isso, incentivamos o interesse prévio em participar da exibição. Foi possível notar que a apresentação desse cartaz trouxe um estímulo positivo aos alunos, que já começaram a formular hipóteses sobre as possíveis abordagens do filme.

Esta primeira exibição foi realizada no auditório da escola, um espaço capaz de acomodar muitas pessoas, que já possui telão, aparelho de som e *DataShow*. Sua acústica é boa, sofrendo poucas interferências externas; possui uma cortina improvisada nas duas janelas mais próximas ao telão, bloqueando parcialmente a claridade nesta sala. Estavam presentes, em média, 30 (trinta) estudantes. De início, apresentamos o cartaz do filme (exposto acima, no início da Aula 1), seguido de sua sinopse e ficha técnica:

**Produção**

Paula Gomes

**Dirigido por**

Haroldo Borges

**Elenco**

Jonas Laborda

**Apresentado por**

Fundo de Cultura - Secult Bahia

**Apoiadores**

Dimas, FUNCEB, Prefeitura de Senhor do Bonfim

**Prêmios**

Melhor Filme na 12ª Mostra Infantil de Florianópolis, Melhor Filme no Primeira Janela de Porto Alegre, Melhor Ator no 12º FestCine Amazônia, 2º Lugar e Prêmio Diversidade no 7º Festival com Kids – Prix Jeunesse Iberoamericano, 3º Lugar no 12º FICI, Melhor Direção e Melhor Fotografia no 5º FestCine Maracanaú, Melhor Direção e Melhor Montagem no IV FECIBA

**Classificação indicativa**

Livre

Notamos que foi uma sessão divertida e descontraída, com muitas risadas e com interesse dos alunos em escutar os diálogos do filme sem perder nenhuma de suas falas, pois ao mesmo tempo em que riam, também pediam silêncio para não perderem o desenrolar da história. A turma estava bem á vontade, alguns até deitaram com a cabeça no colo de outro colega.



Imagem 56: Exibição do filme Sonhos

Fonte: Acervo pessoal da autora



Imagem 57: Exibição do filme Sonhos (2)  
Fonte: Acervo pessoal da autora

Ao final da exibição, começamos uma discussão coletiva sobre as impressões que os estudantes tiveram do filme. Depois, dividimos a turma em grupos que os próprios alunos organizaram de acordo com suas afinidades para facilitarmos as filmagens (feitas com a utilização de um aparelho celular) e o entendimento de suas opiniões/impressões acerca do filme.

Começamos a gravar esses momentos dentro do auditório, mas como a professora iria desenvolver outra atividade com a turma, terminamos de filmar do lado de fora. Alguns ainda um pouco tímidos por nunca terem vivido uma experiência assim. Desta forma, coletamos tais informações grupo a grupo.

Neste primeiro contato com as filmagens foi necessária uma maior intervenção com muitas perguntas, incentivando suas respostas. Dos seis grupos participantes destacamos algumas das respostas e falas durante a conversa:

Pergunta: “-Você disse que já sentiu vontade de não vir pra escola. Alguma vez, você já deixou de vir pra escola e foi para outro lugar?”

Resposta: “-Já”

Pergunta: “-Que lugar?”

Resposta: “-Pra praça.”

Pergunta: “-Foi sozinho?”

Resposta: “- Claro!”

Pergunta: “-E você preferiu faltar a escola e ficar sozinho na praça, por quê?”

Resposta: “-Pra jogar bola e ficar no balanço. Mas foi só uma vez.”

Mais declarações foram surgindo de forma mais espontânea...

O moleque era atentado. Por isso que ele não queria ficar na escola, queria ficar pela rua zoando.

Gosto de vir pra escola pra jogar bola.

Pergunta: “-Tem alguma coisa no caminho entre a sua casa e a escola que chame sua atenção, que te dê vontade de ficar por ali?”

Não! Só um lixo, uma obra e um montão de casa!

Mas lá no filme também num tinha nada pra fazer, só depois que apareceu o circo.

Eu gosto de vir pra escola mais ou menos. Porque tem professor que passa muito texto e minha mão fica doendo. Passa uns cinco quadros de dever.

Esse menino do filme tem uma cara muito engraçada, já dá vontade de rir.

Eu já quis matar aula pra ir pra casa da minha avó, só que se eu fizer isso ela vai brigar e eu vou apanhar.

Eu já matei aula pra ir pro Erich (Colégio Estadual Erich Walter Heine - localizado num conjunto habitacional vizinho). Fiquei lá no pátio e na hora do almoço fui embora. Minha mãe descobriu depois, mas não brigou porque já tinha acontecido.

Eu gosto de vim pra escola pra ficar com os amigos e também quando tem tempo vago é bom!

Observando esses relatos, vemos como a função social da escola é bem marcante para as juventudes. O ato de vir à escola, para muitos alunos, é importante porque permite o reencontro com os amigos, realizando um momento de interação e descontração. É este o espaço que os jovens têm para se encontrarem com outros iguais a eles, reunindo-se por afinidades, são ouvidos e compreendidos.

Conseguimos notar uma proximidade entre a realidade apresentada pelo filme e a realidade dos estudantes que estão participando desta pesquisa. Aceitaram a história de forma natural, sem demonstrar uma estranheza em seus questionamentos. Em nenhum momento destacaram a casa simples que o protagonista mora, suas roupas, a precariedade do bairro e da escola. O circo é bem amador e este também é o modelo que costuma aparecer no bairro em que a escola desta pesquisa está localizada.

Esta primeira aula foi bastante satisfatória. Os alunos demonstraram interesse pela exibição e perguntaram sobre o próximo filme, conseguimos respeitar seu tempo de fala, estimular sua participação oral e, esperar que eles formassem o grupo e apresentassem interesse em filmar suas opiniões foi fundamental para criar um clima de descontração nesse primeiro momento.

### 3.4- AULA 2: DISQUE-QUILOMBOLA



Imagem 58: Cartaz de Divulgação do Filme Disque-Quilombola  
Fonte: Fornecida pela plataforma VideoCamp

Disque Quilombola é um documentário, dirigido por David Reeks, que também traz crianças/pré-adolescentes como protagonistas, apresentando a realidade da infância numa comunidade quilombola, com suas brincadeiras, músicas, comidas e semelhanças com a infância de crianças moradoras de um morro. Partindo da brincadeira de fazer um telefone com duas latas e fio de barbante, responsável pela comunicação entre as duas comunidades do Espírito Santo.

No dia desta exibição, uma turma do 6º (sexto) ano estava em “tempo vago”, um professor de uma determinada disciplina havia faltado e, a coordenadora pediu para que estes alunos assistissem ao filme junto com a turma que temos acompanhado. Por esse motivo, tivemos uma média de 40 (quarenta) estudantes presentes no auditório. Não encontramos motivos para negar a participação da turma nesta exibição, porque acreditamos que todo filme tem potencial para impactar vidas de forma coletiva e/ou singular. Sabemos que, para este trabalho é preciso uma série de exibições e acompanhamento dos envolvidos, porém para a turma que participa uma única vez, a experiência se desenvolve de forma diferenciada. Além de estarmos proporcionando a



ampliação do acesso ao cinema nacional para mais alunos na escola, também estamos contribuindo com a experiência estética e cultural e, com o fortalecimento de momentos de interação e socialização no ambiente escolar, desde que essa prática não se torne um hábito, já que, segundo Napolitano, uma das formas de se utilizar o cinema inadequadamente, é fazer do filme um “vídeo-tapa-buraco: colocar um vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar esse expediente eventualmente pode ser útil, mas se for feito com frequência desvaloriza o uso do vídeo e o associa – na cabeça do aluno – a não ter aula.”. ( NAPOLITANO, 2013, p. 34)

Começamos a aula com uma breve explicação sobre o que é uma comunidade quilombola, com a fala embasada no próprio site oficial do filme *Disque Quilombola*.

A palavra quilombo vem de *kilombo*, da língua quimbundo. Já era usada nas regiões de Congo e Angola, onde significava diversas formas de organização, como mercados e feiras, acampamentos guerreiros, vilas e povoados.

No Brasil, até final do século 19, a palavra era usada para se referir aos agrupamentos formados por africanos e seus descendentes que resistiam à escravidão. Hoje, o termo tem uma forte ligação com a luta pela terra.

Segundo a Fundação Cultural Palmares ([www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)), quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos. Um levantamento da Palmares mapeou 3.524 comunidades quilombolas no Brasil. (<[disquequilombola.com.br](http://disquequilombola.com.br)>. Acesso em: 12 out. 2017)

Em seguida apresentamos a ficha técnica do filme:

<b>Quem fez o filme</b>	<b>David Reeks</b>
Direção	Gabriela Romeu e Renata Meirelles
Roteiro	David Reeks e Renata Meirelles
Filmagem	Lia Nunes e Luiz Boffa
Produção executiva	Daniela Meirelles e Gabriela Romeu
Produção	Fernando Caldeira
Assistente de edição	Paulo Brandão, Brand Estúdio, com produção executiva de Elizah Rodrigues
Trilha original e desenho sonoro	Rafael Terpins
Direção de animação	JãoZão
Animação	Zoo Áudio Produções
Curta-metragem / Documentário / 13 min / São Paulo / 2012 / Livre	

Os alunos que participaram apenas desta sessão, tem idade entre 11(onze) e 14 (catorze) anos. A exibição aconteceu no auditório e não tivemos problemas em acomodar mais uma turma. O curta-metragem conseguiu segurar a atenção dos presentes, arrancou risadas e despertou interesse. Quando havia alguma fala que interferisse a audição da história, os próprios alunos pediam silêncio para que pudessem acompanhar melhor o desenrolar do filme.

Este documentário tem início com uma criança desenrolando um barbante, que está amarrado em duas latinhas, aparentemente de extrato de tomate, uma em cada ponta, por um longo percurso. Este “telefone” é responsável pela comunicação das crianças e pré-adolescentes moradores do morro e da comunidade quilombola no estado do Espírito Santo. Durante o desenvolvimento desta cena, ouvimos o seguinte comentário:

Até parece! Como que é possível um falar e o outro ouvir com um barbante, tão longe?

Tal acontecimento, nos fez lembrar uma fala de Napolitano(2013) que diz que os alunos nesta faixa etária ainda carregam uma visão e interpretação infantil. Estão em processo de amadurecimento de suas ideias e valores, seus julgamentos são, por muitas vezes, superficiais.

Findada a exibição, grupos de 05 (cinco) a 06 (seis) alunos se dirigiam até a sala ao lado para conversarmos a respeito do filme. Os demais alunos ficavam na sala enquanto a professora realizava outra atividade com eles.

Esse momento foi gravado com um aparelho celular e, depois relatado em papel posteriormente. Das muitas falas surgidas, optamos por destacar as que seguem abaixo:

O filme é legal! Deve ser muito bom morar num lugar quilombola, só brincando....

Mas eles também nem tem onde comprar as coisas, brinquedo, roupa, comida.

Eles vivem lá, mas parecem com as outras pessoas do morro. Tem coisas iguais.

Aquela comida com formiga, não dá!

Eu já comi farofa de tanajura com meu tio. É gostoso, sim!

O filme também tem muitas coisas que parecem com a gente. Dançar, brincar na rua.

A gente aqui brinca muito, tia. Todo mundo brinca junto na rua. E também faz esporte na quadra, pela CSA. Brinca de queimado, bandeirinha, uno, joga bola.

As meninas também jogam bola, tem um time de futebol.

Muitas garotas relataram jogar bola num time da comunidade mantido pela Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA), empresa que está alocada nas proximidades do Conjunto São Fernando. Essa companhia foi recentemente comprada pela *Ternium Brasil*, mas os moradores continuam se referindo a ela como “CSA”. A mesma também mantém todos os projetos sociais antigos desenvolvidos neste local.

A gente joga, mas é separado. Tem um time de meninos num dia e de meninas no outro.

Esse telefone de latinha, eu já fiz uma vez. Dá certo mesmo, tá? Mas não igual no filme, que é um pedaço.

O melhor foi na hora da dancinha. Igual a gente faz.

Envolvidos com a trama do filme, gostaram de participar desse momento, opinaram, interagiram, assimilaram, pensaram e falaram. Acreditamos que se reconheceram nas infâncias que viram: crianças simples brincando, comendo, conversando, dançando, cada qual com suas particularidades.

Num outro momento, a pedido da professora Érica Mouzinho, que nos acompanha neste projeto, o filme foi exibido para uma turma do 7º (sétimo) ano, por acreditar que o mesmo tem uma temática bastante relevante e apropriada para desenvolver uma situação de diálogo e interação com os alunos. Nesta exibição, estavam presentes, em média, 30 (trinta) alunos; foi realizada numa das salas de aulas da escola, sendo necessário deslocar toda aparelhagem capaz de possibilitar tal exibição.



Imagem 59: Exibição do Filme Disque-Quilombola  
Fonte: Acervo pessoal da autora



Imagem 60: Exibição do Filme Disque-Quilombola (2)  
Fonte: Acervo pessoal da autora

### 3.5- AULA 3: MINAS DO FUTEBOL



POR QUE FUTEBOL COMEÇA NA BASE

ALVORADA FILMES APRESENTA

**MINAS DO FUTEBOL**

criação de  
YUGO HATTORI

VIDEO CAMP

Exibição do Filme  
**Minas do Futebol**

**08/03/2018 01:00**

ESCOLA MUNICIPAL ADALGISA NERI  
SÃO FERNANDO S/N  
RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Organize você também uma exibição!  
Mais info em [www.videocamp.com](http://www.videocamp.com)

© ANA BEATRIZ GIUSTI, ANA CLARA CONSANI, ANA PAULA YAMAMOTO, BEATRIZ VIANNA, BRUNA CAVALCANTE, GIOVANA SANTOS, GIOVANNA LEMOS, INGRID BÜZINI, ISABELLA COSTA, ISABELLE CAROLINE, JESSICA ANE SILVA, LARYSSA ARGENT, LETICIA ALVES, LETICIA MAURO, LAUREN LEAL, LIVIA MATHIAS, MAIRA ALEVATO, MARCELLE FREITAS, HELENA BORGES, PEROLLA SILVA, SABRINA LEAL, SABRINA NOGUEIRA, STEPHANIE NORONHA, TAYNARA LUNA, VICTORIA MOURA, VITÓRIA "YAYÁ" FERREIRA, YASMIN CRISTINA ILLUSTRAÇÃO: NARA ISODA, STEPHANIE DE OLIVEIRA, TÊMOS: CAMILA BARROS, DANIEL SANTOS, DOUGLAS MATSUMOTO, RODRIGO COELHO, LUCAS PICCINATO, THIAGO VIANNA, PROFESSOR: ALEXANDRE MILÃO, PRI FIOTTI, WELLIDA ALVES

Imagem 61: Cartaz de divulgação do Filme Minas do Futebol  
Fonte: Fornecido pela plataforma VideoCamp

Da conversa que tivemos com os alunos na aula anterior, nos foi relatado que o futebol feminino era algo de interesse deste grupo, muitas meninas participam ou já participaram de um time de futebol feminino que treina na comunidade em que esta escola está localizada. Realizamos uma busca pelas plataformas VideoCamp e TaturanaMobi e, encontramos um filme que julgamos ser bem adequado para trabalhar este tema. “Minas do Futebol”, produzido e dirigido por Yugo Hattori, é um documentário lançado recentemente, com 50 (cinquenta) minutos de duração. Seu enredo acompanha equipe feminina A. D. Centro Olímpico, que no ano de 2016, se inscreve para participar da Copa Moleque Travesso, um campeonato tipicamente masculino que ocorre em São Paulo. Contrariando muitas expectativas, o grupo chega à final e vence.

Abaixo, segue a resposta do diretor do filme à pergunta realizada pela Radio Poliesportiva:

**Como foi a experiência de falar de um assunto que ainda segue à margem da grande mídia?** Acredito que são justamente esses assuntos que precisam ser falados. Dar voz e cara para quem geralmente não é tão visto. Acho que o desafio que me impus para o filme tinha um pouco a ver sobre isso, pois como é um assunto à margem, queria tentar uma linguagem que atingisse mais pessoas para evidenciar um pouco mais a temática. Dar um tom mais “Pop” e ver a capacidade da internet de emergir o que não tem espaço e de ser democrática. Um fato que eu achei bastante curioso foi que exibi o filme numa lanchonete perto de minha casa para fazer um teste de público. E quem frequentava esse lugar é o mesmo perfil de senhores que vão em boteco passar a tarde e discutir futebol. Ao exibir o filme, começou a gerar discussão e um senhor não queria acreditar que as meninas ganharam dos meninos e que aquilo era um filme, uma ficção. Foi então que vários outros começaram a falar que ele estava errado e que mulher tem que jogar bola sim. Acho que se isso conseguisse acontecer em maior escala, poderia tornar o mundo um pouco mais agradável para meninas e mulheres que gostam de futebol. (<radiopoliesportiva.com.br>. Acesso em 18 nov. 2017)

No dia destinado á esta exibição não foi possível utilizar o auditório – este já estava reservado para outra aula. Foi preciso que nos dirigíssemos a uma sala de aula e montássemos toda a aparelhagem necessária neste espaço. Foi um dia bastante conturbado. Começamos uma busca por um computador que estivesse disponível. Tivemos a informação que muitos professores estavam utilizando esse aparelho em suas aulas e tivemos que ir a um depósito onde conseguimos 04 (quatro) *netbook's* que estavam fora de uso por acreditarem ter algum defeito. Levamos esses computadores para sala de aula e ligamos um por um. Após algumas tentativas sem sucesso, conseguimos utilizar o terceiro, que iniciou normalmente e reconheceu o *pen drive*. Resolvido este problema, nos faltou uma caixa de som. A professora da Sala de Recursos, Rosimere Moreira, cedeu gentilmente este material e também um adaptador de tomada e uma extensão para que pudéssemos realizar esta exibição. Quanto ao *DataShow*, não tivemos problemas, pois a escola possui um aparelho para cada sala, porém foram retirados e armazenados em um depósito por medo que haja algum tipo de furto.

Os alunos ajudaram na instalação deste material. Estavam ansiosos para acompanhar este filme, havíamos feito uma divulgação na escola com a utilização do cartaz fornecido pela plataforma VideoCamp e, recebemos muitas perguntas, até mesmo de outras turmas sobre a hipótese de levarmos exibições a eles também.

As salas de aulas não possuem cortinas, o que dificulta em parte a visualização do filme. Mesmo assim, não impossibilitou esta sessão. Com uma média de 30 (trinta) alunos, o documentário foi muito bem aceito pela turma. Devido ao problema em

conseguir os aparelhos para a exibição, perdemos muito tempo e teríamos que dividir esta apresentação em 02 (dois) dias. Mas os próprios alunos, empolgados em conhecer a história por completo, pediram a professora Luciene Santos, da disciplina de Geografia, que cedesse seus tempos de aula para finalizarmos este trabalho. Com uma resposta positiva, foi possível dar continuidade e realizar nossa discussão em um mesmo dia.

Enquanto assistiam ao filme, faziam muitos comentários. Foi possível notar uma verdadeira admiração pela história. Associavam as personagens com as alunas da turma, citaram nomes de jogadoras da seleção feminina brasileira de futebol, demonstraram indignação diante dos preconceitos apresentados pela obra. Das 03 (três) aulas decorridas, certamente, esta foi a que mais afetou os alunos. Gerou uma inquietação muito grande e vontade de acompanhar o filme até o fim. O envolvimento que apresentaram foi extremamente gratificante. Tivemos um tempo menor para nossa conversa, mas todas as emoções sentidas no ato da exibição compensa essa perda.

Nesta aula, não dividimos a turma em grupos menores, realizamos uma conversa coletiva com participação voluntária dos alunos. Para iniciarmos o diálogo, lançamos a seguinte pergunta: “- No filme, foi possível ver todo o preconceito enfrentado pelo time de meninas para que tivessem seu reconhecimento no futebol. Aqui na escola, vocês acham que também existe esse preconceito?”.

Aqui, não!

Caraca, professora! Elas jogam muito, tá? Melhor que a gente. Dá até chapéu.

A gente joga na aula de educação Física É os meninos contra as meninas.

Mas não tem nada demais, todo mundo joga.

Não. Eu não acho que tem preconceito. Eles tem até medo de jogar com a gente.

Pode jogar geral. Menino com menina, não tem nada disso.

Pedimos a turma para que os alunos que participam de times de futebol se reunissem para tirarmos uma foto. Primeiro, fotografamos apenas o grupo formado pelas meninas da classe e depois apenas o grupo formado pelos meninos.



Imagem 62: Minas do Futebol (1)  
Fonte: Acervo pessoal da autora



Imagem 63: Minas do Futebol (2)  
Fonte: Acervo pessoal da autora



Então, seguimos com a seguinte indagação: “-Por que o grupo de meninas que participam de times de futebol é menor que o grupo de meninos?”.

Ué? Porque elas num querem jogar.

Geral chama elas pra jogar, mas se elas num querem. Fazer o que?

É que a gente é de time fora da escola, mas aqui todo mundo tem que jogar na Educação Física.

Eu jogo, mas não gosto. Só porque o professor obriga.

A turma demonstra certa dificuldade em perceber o preconceito existente quando mulheres escolhem praticar esportes “tipicamente” masculinos. Apesar de relatarem que gostaram do filme, quando pedimos para que fizessem uma comparação entre os acontecimentos vividos pelas meninas do documentário e as meninas da turma, não conseguem enxergar tal preconceito em seu meio. Acreditamos que, devido sua faixa etária, ainda não possuem maturidade para entender que determinados grupos de indivíduos sofrem mais cobranças sociais que outros. Em suas falas, dotadas de ingenuidade, não reconhecessem toda a opressão vivida pelas mulheres.

O filme gerou uma admiração por parte da turma com as personagens, por se tratar de uma história que aconteceu verdadeiramente. Muitas foram as indicações de que as meninas da turma também poderiam participar de campeonatos e surgiram comparações com jogadoras da seleção brasileira de futebol feminino como “Marta” e “Formiga”.



Imagem 64: Minas do Futebol (3)  
Fonte: Acervo pessoal da autora

### 3.6 - AULA 4: CORPO DELITO



Imagem 65: Cartaz de divulgação do Filme Corpo Delito  
Fonte: <taturanamobi.com.br>. Acesso em 13 fev. 2018

Para esta aula, foram apresentadas duas possibilidades fílmicas aos alunos: Comer o que?, um documentário produzido por Deusdará Filmes e dirigido por Leonardo Brant, que traz questões acerca de uma alimentação saudável, com depoimentos de renomados chefes brasileiros, abordando a alimentação e sua influência em fatores sociais; e Corpo Delito, produzido por Corpo Aberto e dirigido por Pedro Rocha, traz implicações vividas por um homem em liberdade condicional, vigiado por uma tornozeleira eletrônica. Seguidas de suas sinopses, ficha catalográfica e trailer – material disponível na plataforma virtual TaturanaMobi.



Imagem 66: Cartaz do Filme Comer O Quê?  
Fonte: <taturanamobi.com.br>. Acesso em 10 ago. 2017



Imagem 67: Cartaz do Filme Corpo Delito  
Fonte: <taturanamobi.com.br>. Acesso em 10 ago. 2017

Este último chamou mais a atenção da turma e recebeu o voto da maioria. Temas que exploram o sistema carcerário brasileiro costumam causar grande interesse nos jovens.

Para esta sessão, o auditório estava indisponível, mas já havíamos providenciado toda aparelhagem necessária para realizá-la. Escolhido o filme, começamos a exibição numa sala de aula e assim permanecemos por certo tempo. A turma da sala ao lado participava de uma aula destinada a uma disciplina eletiva e, sua empolgação gerava muitos ruídos. As salas de aulas não possuem uma acústica tão boa quanto à do auditório e o barulho interferiu significativamente, comprometendo o acompanhamento e entendimento do filme. Por uma decisão tomada em conjunto com os alunos, optamos por adiar a sessão para a próxima semana, onde teríamos a possibilidade de utilizar o auditório, havendo assim menos interferências externas durante a sessão.

Chegada a próxima semana, com o auditório disponível, a exibição deste documentário ocorreu normalmente. A atenção ao acompanhar a história foi grande e os estudantes mantiveram-se concentrados a maior parte do filme. Hoje, optamos por não dividir a turma em grupos, mas sim em fazer uma discussão aberta com todos. As opiniões são colocadas sem obrigatoriedade, de maneira que a participação seja voluntária. Alguns fazem a opção de apenas ouvir sem expor seus pensamentos e isso também é respeitado.

Neste momento, buscamos fazer poucas interferências a fim de observarmos se os alunos se posicionam de forma mais autônoma. Abrimos o diálogo com a seguinte questão: - Alguém que falar sobre o filme? De imediato, já tivemos uma manifestação.

É assim mesmo. Lá na Rua 06 tem um cara que usa isso. Ele não pode fazer nada, nem sair, nada mesmo. Tudo tem que ser vigiado.

Mas também, vai ver o que ele fez? Tu sabe?

Ih! Eu não! Sei que um monte de gente tem medo de ficar perto dele.

É mesmo, outro dia eu “tava” na campinho e ele chegou lá. Uns “menorzinho” que “tavam” assim, vazaram.

Às vezes nem fez nada pode só ter roubado.

Depois de deixarmos a discussão se estender um pouco mais, pedimos que expressassem suas impressões/ opiniões mais voltadas para a história do filme.

Eu gostei, mas achei meio parado. Pensei que ia ser mais legal. Tipo Tropa de Elite. (risos)

Pô! Eu também. Queria ver polícia, tiro...mas tá bom, valeu.

Mas é que ali mostrou a realidade, como é que os caras fica de verdade.

Eu achei muito triste ele num poder fazer nada. Toda hora tão vigiando, tem que trabalhar no que eles querem. Deve ser muito ruim mesmo viver assim.

Aí, na moral, eu num sei se é bom ou ruim você ficar assim? Tu tá solto, mas não pode ter sua vida.

É melhor ficar assim um tempo e depois tá livre que passar a vida toda preso, na cadeia.



Imagem 68: Exibição do Filme Corpo Delito  
Fonte: Acervo pessoal da autora



Imagem 69: Exibição do Filme Corpo Delito(2)  
Fonte: Acervo pessoal da autora

De todas as aulas vivenciadas com a turma, esta foi a que mais notamos iniciativa em participar. No decorrer das exposições vimos diminuir a timidez e suas falas passaram a ocupar um espaço maior, com frases mais longas. A opção por filmes nacionais facilitou a comunicação com os alunos, fazendo com que se sintam mais familiarizados com os temas abordados. Desta última aula, após acompanhar todo o crescimento ocorrido durante o projeto, fica uma enorme vontade de dar continuidade a todas essas vivências que tanto contribuem para nosso enriquecimento profissional e pessoal.



Imagem 70: Auditório  
Fonte: Acervo pessoal da autora

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do cinema nacional na expectativa de gerar uma maior identificação com a trama, reconhecimento, agregação de valores, pertencimento, formação de cidadãos críticos, difusão da cultura local, estimulação da troca de pensamentos e tantas outras possibilidades acarretadas, não é uma tarefa que se finda em algumas aulas. Tudo o que se pretende alcançar com a Lei 13.006/14, está no início de seu desenvolvimento e exige responsabilidade das entidades competentes para sua divulgação e permanência nas escolas de todo país. Este projeto se reconhece como uma tentativa de mostrar que há a possibilidade da execução desta Lei na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

Cinema é Arte e, como tal, pode transformar e educar. Com o cinema nacional não é diferente. Precisamos fazer com que essa experiência com produções brasileiras não sejam fatos isolados, mas sim, uma vivência constante no dia a dia das escolas. Longe de pensar que a exibição de filmes é o que irá salvar a educação, afetando a todos os alunos de maneira que transformem seus pensamentos instantaneamente. O que destacamos aqui, é que esta é uma possibilidade a mais de aprendizado, uma ferramenta que também precisa ser ofertada ao aluno, sendo valorizada como uma via de construção dos saberes.

Nesta pesquisa, apresentamos as discussões que conseguimos gerar a partir da exibição de quatro produções nacionais para os alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental da Escola Municipal Adalgisa Nery. Reunir e fazer com que esses alunos tão jovens participem de um diálogo sobre uma exibição brasileira, da forma mais espontânea possível, certamente foi uma tarefa muito satisfatória.

A experiência de observá-los e ouvi-los, nos fez repensar e reformular hipóteses que julgávamos certas quando pensamos nos temas dos filmes para esta faixa etária. A força que a unidade escolar possui na vida destes estudantes é de profunda importância, esse também foi um ponto que ficou bastante claro no decorrer deste trabalho.

Fazer com que estes jovens estejam dispostos a se expor, seja através de diálogos ou apenas do ato de ouvir, gera uma compreensão mais completa acerca das produções fílmicas nacionais por eles assistidas. Estes momentos compartilhados pela turma, são extremamente necessários para agregarem valores às suas leituras de mundo tanto coletiva quanto individual. Logicamente, reconhecendo que esta é apenas uma pequena parte do que estes alunos estão acumulando culturalmente do decorrer de suas

vidas. Porém, não é um momento que se faz menos importante. Por meio de tudo que nos foi relatado, passamos a compreender um pouco melhor a forma como esses jovens tem interagido com realidades do território brasileiro. Saber respeitar seus olhares e ao mesmo tempo contribuir para o seu fortalecimento é algo que buscamos em cada exibição.

Gostaríamos de destacar um momento de uma determinada aula que chamou muito nossa atenção. A imagem abaixo eterniza o instante em que nos deparamos com alunos focados no desenrolar do filme; estes olhares atentos, expressivos e fixos nos geraram um turbilhão de pensamentos: O que estão pensando? Estão tensos? Estariam gostando? (...)



Imagem 71:Olhares  
Fonte: Acervo pessoal da autora

O fato é que são estes momentos que fazem todo o esforço em levar o cinema brasileiro para a sala de aula valer a pena. Ter o orgulho de presenciar olhos vidrados na tela é compensador e estimulador. Na busca de uma educação como prática emancipatória, é preciso ser e fazer-se presente na realidade dos alunos, participando dos espaços em que eles estão, sendo uma fonte de influência para sua formação continuada/social, possibilitando e facilitando trocas de saberes e informações e, para que possamos traçar esta longa e contínua caminhada, optamos pelo cinema nacional.

Esta pesquisa é o meio facilitador para iniciarmos uma discussão sobre a Lei 13.0006/14 e assim podermos expandir os diálogos envolvendo produções nacionais e educação, contribuindo para estudos maiores atrelados à Pedagogia da Imagem.

Contudo, acreditamos que momentos como os que conseguimos proporcionar para a turma através do cinema brasileiro, são de extrema importância e urgência, em especial para os jovens estudantes. Mantemos viva a esperança de não findar essa proposta com a conclusão deste trabalho, levaremos adiante buscando novos desdobramentos para o tema em questão. Lembrando-nos sempre das tocantes palavras de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.



## REFERÊNCIAS

ADÃO, Adriene do Nascimento. **Cinema e Educação: A relação dos jovens com o cinema e o papel desempenhado pelos filmes na formação do educando na contemporaneidade.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 119, 2013.

ALMENDARY, Lívia. **Taturana Mobilização Social.** Disponível em <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BARRETO, Raquel Goulart. **Discursos, tecnologias, educação.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

BERINO, Aristóteles (org.). **Ensino e pedagogia da imagem.** Seropédica, RJ: ED. Da UFRRJ, 2013.

BERINO, Aristóteles; FILHO, Aldo Victorio; SOARES, Maria da Conceição Silva. [orgs.]. **A fatura das juventudes: tramas entre educação, mídia e arte.** Rio de Janeiro: Nau, 2013.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Nova Cultural: Editora Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei Federal nº 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de ensino fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997. v.: Pluralidade Cultural e orientação Sexual- Séries Iniciais.**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de ensino fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997. v.: Arte - Séries Iniciais.**

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica.** São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CATANI, Afrânio Mendes. **Culturas Juvenis: múltiplos olhares.** São Paulo: UNESP, 2008.

**DECRETO Nº8944**, de 28 de dezembro de 2016, que trata da Cota de Tela para 2017, disponível em <[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br)>. Acesso em 01 mar. 2017.

DEUS, Ana Iara Silva de. **OBRIGATORIEDADE DO CINEMA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE A LEI 13.006/14.** Artigo apresentado na Reunião Científica

Regional da ANPED – Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. Curitiba\Paraná: UFPR, 2016.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUCLÓS, Nei. **Todo filme é sobre cinema**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2014.

**Educação no Século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens**. Petrópolis, RJ: Editora PUC, 2016. (Vários Autores)

**Entrevista dada pelo Senador Cristovam Buarque à Gazeta do Povo**, sobre a Lei do Cinema, em 22 fev. 2010, disponível em [www.gazetadopovo.com.br/educacao/criamos-a-lei-e-a-estrutura-aparece-e8n1q0xhgalfwmyu26c4uq1a](http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/criamos-a-lei-e-a-estrutura-aparece-e8n1q0xhgalfwmyu26c4uq1a). Acesso em 01 mar. 2017.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Mara F. de Rezende. **Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

FIGUEIREDO DA COSTA, Ana Valéria de; MAGALHÃES, Edith Maria Marques. [orgs.] **Percursos de Iniciação Científica: a prática da pesquisa em espaços educativos**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

FONSECA, Vitória Azevedo da. **Cinema, educação e estado: a inserção da Lei 13.006/2014 e a obrigatoriedade da exibição de filmes na escola**. Revista Laplage (Sorocaba), vol.2, p.138-145, jan-abr de 2016.

FRAGA, Paulo Denisar. **Sobre cinema e educação estética**. Revista Espaço Acadêmico, nº137, p.16-22, outubro de 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1991.

FRESQUET, Adriana (org). **Cinema e educação: a Lei 13.006 reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte, Colaboração, Edição e Distribuição: Universo Produção.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FRESQUET, Adriana. **DOSSIÊ CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO SOB A HIPÓTESE DE ALTERIDADE**, disponível em [www.revistas.ufrj.br](http://www.revistas.ufrj.br) .Acesso em 01 mar. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. – 5ed. São Paulo: Atlas, 1999.

**INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 88**, de 02 de março de 2010 - ANCINE, disponível em [www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br). Acesso em: 01 mar. 2017.

- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas,SP: Papirus, 2012.
- LEI Nº 12.599**, de 23 de março de 2012 – ANCINE, atrelada ao programa Cinema Perto de Você, disponível em <[www.ancine.gov.br/legislacao/leis-e-medidas](http://www.ancine.gov.br/legislacao/leis-e-medidas)> . Acesso em: 01 mar. 2017.
- Lei Nº 12.599\2012**, disponível em <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112599.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112599.htm)> . Acesso em 01 mar. 2017.
- Lei Nº 13.006\2014**, disponível em <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm)> . Acesso em 01 mar. 2017.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Et al. **500 anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço**. São Paulo: Paulus, 2007.
- MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746**,de 2016Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de **Ensino Médio** em Tempo Integral. Disponível em <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)> . Acesso em 18 fev. 2017.
- MEDIDA PROVISÓRIA Nº 2.228-1**, DE 6 DE SETEMBRO DE 2001. Estabelece princípios gerais da Política Nacional do Cinema. Disponível em <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/mpv/2228-1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2228-1)>. Acesso em 01 mar. 2017.
- MOTTA, Débora. **O Cinema vai à Escola**. Disponível em: <[www.faperj.br/versao-impressao](http://www.faperj.br/versao-impressao)>. Acesso em 11 jan. 2010.
- MULTIRIO. **A escola entre mídias**. Rio de Janeiro: Multirio, 2011.
- MULTIRIO. **A escola entre mídias: linguagens e usos**. Rio de Janeiro: Multirio, 2012.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.
- PINTO, Rosana da Silva. **Corpoarte e Identidades: um estudo sobre as visualidades juvenis na escola**. 2016. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação\Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- PLETSCH, Márcia Denise. e RIZO, Gabriela (orgs.). **Cultura e Formação: contribuições para a prática docente**. Seropédica: Editora da UFRRJ, 2010.
- Portaria Nº 1.100 do Ministério da Justiça**, disponível em<[pfdc.pgr.mpf.mp.br](http://pfdc.pgr.mpf.mp.br)>. Acesso em 22 fev. 2017.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universiade Freevale, 2013.

**Projeto de Lei Nº185**, disponível em <[www.senado.leg.br](http://www.senado.leg.br)> . Acesso em 20 fev. 2017.

ROMÃO, José Eduardo (org.). **Manual da Nova Classificação Indicativa**. Brasília: Ministério da Justiça, 2006.

ROMÃO; CANELA; ALARCON. **Plano de diretrizes e metas para o audiovisual: o Brasil de todos os olhares para todas as telas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Agência Nacional do Cinema, 2013.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quarter, 2006.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e Educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

SIRINO, Salete Paulina Machado. e PINHEIRO, Fabio Luciano Francener. **Cinema brasileiro na escola: pra começo de conversa**. Curitiba: UNESPAR, 2014.

TENDLER, Sílvio. **Entrevista: “O cinema brasileiro não tem espaço de exibição”**. Revista Caros Amigos, nº168, p.12-17, março de 2011.

TOZZI, Devanil (org.). **Caderno de Cinema do Professor: dois**. São Paulo: FDE, 2009.

TOZZI, Devanil (org.). **Caderno de Cinema do Professor: um**. São Paulo: FDE, 2008.

[www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br). Acesso em 25 fev. 2017.

[www.cineclubesmerj.blogspot.com](http://www.cineclubesmerj.blogspot.com). Acesso em: 03 mar. 2018.

[www.cinemaemmovimento.com.br](http://www.cinemaemmovimento.com.br), Acesso em: 02 mar. 2017.

[www.cinesolar.com.br](http://www.cinesolar.com.br). Acesso em: 02 mar. 2017.

[www.culturadigital.br](http://www.culturadigital.br). Acesso em 23 fev. 2017.

[www.disquequilombola.com.br](http://www.disquequilombola.com.br). Acesso em: 12 out. 2017.

[www.educopedia.com.br](http://www.educopedia.com.br). Acesso em: 14 jan. 2018.

[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 23 fev. 2017.

[www.radiopoliesportiva.com.br](http://www.radiopoliesportiva.com.br). Acesso em: 18 nov. 2017.

[www.revistapontocom.org.br](http://www.revistapontocom.org.br). Acesso em: 10 fev. 2018.

[www.rio.rj.gov.br](http://www.rio.rj.gov.br). Acesso em: 05 mar. 2018.

[www.rioeduca.net](http://www.rioeduca.net). Acesso em: 10 out. 2017.

[www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br). Acesso em: 25 fev. 2017.

[www.telabr.com.br](http://www.telabr.com.br). Acesso em: 02 mar. 2017.

[www.videocamp.com](http://www.videocamp.com), acesso em 02 mar. 2017.